

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI:
MESTRADO

Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU EM FREUD

KELLY CRISTINA PEREIRA PUERTAS

MARINGÁ

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI:
MESTRADO

Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU EM FREUD

Kelly Cristina Pereira Puertas

MARINGÁ

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU EM FREUD

Dissertação de Mestrado apresentada por Kelly Cristina Pereira Puertas, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientador:

Prof. Dr.: Helio Honda

MARINGÁ

2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Puertas, Kelly Cristina Pereira

P977e Emergência e constituição do ideal do eu em Freud. /
Kelly Cristina Pereira Puertas. -- Maringá, 2010.

128 f.

Orientador : Prof. Dr. Helio Honda.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2010.

1. Freud, Sigmund, - 1856-1939. 2. Ideal do Eu. 3.
Freud, Sigmund, - 1856-1939 - Projeto de uma psicologia. 4.
Freud, Sigmund, - 1856-1939 - Introdução do Narcisismo. 5.
Diferenciação no Eu. 6. Complexo de Édipo. 7. Figuras
paternas - Identificação - Idealização. 8. Metapsicologia.
9. Psicanálise - Conceito. I. Honda, Helio, orient. II.
Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação
em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed. 150.1952

KELLY CRISTINA PEREIRA PUERTAS

EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU EM FREUD

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Helio Honda (Orientador) – UEM

**Profª. Drª. Georgina Carolina Faneco Maniakas – UFScar –
São Carlos**

Profª. Drª. Regina Perez Christofolli Abeche - UEM

Data de aprovação: 15/04/2010.

Dedico esta dissertação:

À minha filha Beatriz que, pela vivacidade, o encantamento pelas descobertas e o inconformismo com o que está posto, típicos da infância, incentivou-me a descortinar novas fronteiras.

Aos meus pais, Ermínio e Nézia, que deixaram-me a educação por legado e ensinaram-me que ela é um projeto para toda uma vida, uma busca incessante pelo conhecimento, na qual a insatisfação pelo pouco saber tem de ser uma constante.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Helio Honda, pela capacidade de escuta e respeito pelo meu tempo de elaboração conceitual, pelo direcionamento dos estudos sem, contudo, cercear minha liberdade criativa. O incentivo para que eu alcançasse sempre um degrau além, quando eu julgava que minhas forças haviam se esvaído, e o crédito a mim concedido foram decisivos para a concretização deste trabalho. Minha incomensurável gratidão por ter caminhado comigo uma segunda milha neste projeto.

À minha filha Beatriz, razão de minha existência, pela paciência, resignação e compreensão pelo pouco tempo e atenção que pude lhe dedicar durante este período.

Aos meus amados pais que compartilharam meus ideais e os apoiaram, incentivando-me a prosseguir na jornada, independente de quais fossem os obstáculos.

À minha irmã, tios, primos e amigos por acreditarem que posso sempre ir um passo adiante.

Ao corpo docente e técnico do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Às professoras doutoras Georgina Maniakas e Regina Abeche por terem tão prontamente aceitado o convite para comporem a banca de defesa e em especial pelas sugestões valiosas que com certeza servirão de guia para a continuidade de meus estudos.

À prof^a Dr^a Angela Caniato, modelo de profissionalismo e dedicação à psicanálise, pelo interesse e apoio em minha formação acadêmica e por me presentear com ensinamentos preciosos.

Aos colegas do mestrado que se fizeram presentes nessa etapa tão importante de minha formação intelectual e pessoal.

O progresso não é senão a realização de utopias.

(Oscar Wilde)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo do conceito de Ideal do Eu na obra de Sigmund Freud. O Ideal do Eu é um conceito forjado por Freud em 1914, no texto *Introdução do Narcisismo*, o qual apresenta obscuridades no decorrer da obra do autor, razão pela qual visou-se esclarecer parte das obscuridades conceituais buscando subsídios teóricos dentro de uma proposta para além do nível descritivo, fazendo emergir dos textos freudianos possibilidades de aproximação metapsicológica. Apresentamos o Ideal do Eu como uma diferenciação do Eu a partir da incorporação dos objetos via processo de identificação e, para tanto, delimitamos os períodos iniciais da formação do Eu no aparato anímico e sua crescente complexificação pelo contato com o meio externo. Destacamos o conflito edípico e colocamos a superação do Édipo como momento fundante, constitutivo do ideal no aparato psíquico. Tomamos de empréstimo o modelo de aparelho psíquico apresentado por Freud em *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, para fundamentar metapsicologicamente os momentos constitutivos do Eu e a diferenciação que ocorre em seu bojo mediante os processos de identificação e idealização das figuras parentais. Por ser incitador da repressão, pensamos a constituição do ideal como a instauração no aparelho do que define qual prazer pode ser admitido e qual tem de ser rechaçado da consciência. Desta maneira, o que imprime valor a algo está a cargo do Ideal do Eu. Entendemos o Ideal do Eu como o núcleo do Supereu, atingindo ele a categoria de uma de suas funções. Ao mesmo tempo, por ser um precipitado no Eu de figuras inseridas no meio social, e, mais precisamente, representantes das normas sociais vigentes, entendemos o Ideal do Eu como condição da instauração do social no aparelho psíquico. A instalação do Ideal do Eu seria, para o indivíduo, a porta de entrada para a vida em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE:

Metapsicologia; Ideal do Eu; Complexo de Édipo; Identificação; Escolha de objeto.

ABSTRACT

The present work has as objective the study of the concept Ego Ideal in the work of Sigmund Freud. The Ego Ideal is a concept forged by Freud in 1914, in the text *Introduction to Narcissism*, in which he presents obscurities in the development of the author's work, reason in which has as objective to clarify the conceptual obscurities looking for theoretical subsidies in a proposal beyond the descriptive level, making merge from the Freudian texts possibilities of metapsychology.

We present the Ego Ideal as a differentiations of the Ego from the incorporation of the objectives in the process of identification and, for this, we outline the initial periods of the formation of the Ego in the soul period and its crescent complexity by the contact with the external environment. We highlight the Oedipus conflict and place the overcoming of Oedipus as an initial moment, constitutive of the ideal psychic apparatus. We take the psychic model showed by Freud in the *Project of a Psychology*, of 1895, to substantiate metapsychologically the constitutive moments of the Ego and the differentiation that occurs in its bulge through the process of identification and idealization of the parental figures. For being the instigator of the repression, we think the constitution of an ideal as an introduction in the apparatus which defines which pleasure may me admitted and which has to be rejected in the conscience. This way, what is impressed value to something is in charge of the Ego Ideal. We understand the Ego Ideal as a core of the Super-ego, reaching to it the category of one of its functions. At the same time, for being precipitate in the Ego of the inserted figures in the social environment, and, more precisely, representatives of the current social standards, we understand and Ego Ideal as a condition of social instauration in the psychic apparatus. The installation of the Ego Ideal would be, for the individual, the entrance to a life in society.

KEY WORDS:

Metapsychology, Ego Ideal, Oedipus Complex, Identification, Object-choice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1.....	7
A CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO IDEAL DO EU	7
1.1. ESBOÇO DOS PERÍODOS INICIAIS DE CONSTITUIÇÃO DE UM EU: EVENTOS PRECURSORES E CONDUTORES AO ÉDIPO.....	7
1.1.1. <i>O período auto-erótico.....</i>	9
1.1.2. <i>O Narcisismo.....</i>	12
1.1.3. <i>O primeiro objeto.....</i>	16
1.2. O COMPLEXO DE ÉDIPO E A EMERGÊNCIA DO IDEAL DO EU.....	18
1.2.1. <i>Descrição da configuração conflitual edípica</i>	22
1.2.2. <i>As figuras valorizadas no conflito edípico: amá-las, odiá-las, perdê-las ou o quê?</i>	25
1.2.3. <i>Motivos para formar um Ideal</i>	26
1.2.4. <i>Ser o pai ou ter o pai: a identificação com a figura paterna e a emergência do Ideal do Eu.....</i>	30
CAPÍTULO 2.....	35
ESBOÇO DE UMA ANÁLISE METAPSICOLÓGICA DO PROCESSO DE EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU.....	35
2.1. NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O FUNCIONAMENTO DO APARELHO PSÍQUICO APRESENTADAS EM <i>PROJETO DE UMA PSICOLOGIA</i>	38
2.1.1. <i>Os sistemas ϕ e ψ: ou a percepção e a memória no aparato psíquico.....</i>	40
2.1.2. <i>O sistema ω, a qualidade e a consciência.....</i>	42
2.1.3. <i>As sensações conscientes de prazer e desprazer.....</i>	44
2.1.4. <i>O aparelho psíquico em funcionamento.....</i>	44
2.1.5. <i>As vivências fundamentais: a vivência de satisfação e a vivência de dor.....</i>	46
2.1.6. <i>Complexificação no funcionamento do sistema nervoso: a introdução do eu no aparelho psíquico.....</i>	50
2.1.7. <i>As funções mais elevadas do eu: o julgar, o pensar, o recordar e o reconhecer.....</i>	54
2.1.8. <i>Os processos ψ normais.....</i>	56
2.2. APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA AO PROCESSO DE EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU ...	71
2.2.1. <i>Os processos metapsicológicos subjacentes à fase pré-edípica: o auto-erotismo, o objeto de amor e o narcisismo.....</i>	72
2.2.1.1. <i>Metapsicologia do auto-erotismo.....</i>	73
2.2.1.2. <i>Processos metapsicológicos subjacentes ao narcisismo e ao amor objetual.....</i>	82
2.2.2. <i>Do narcisismo ao investimento em objeto, ou do amor pelo eu ao amor pelo outro</i>	87
2.2.3. <i>O conflito psíquico instaurado pela vivência edípica</i>	90
2.2.3.1. <i>Que Eu para o Édipo?.....</i>	91
2.2.3.2. <i>Metapsicologia da triangulação edípica: a criança, o objeto hostil e o objeto de desejo</i>	94
2.2.3.3. <i>O não abandono do anseio pela satisfação</i>	97
2.2.3.4. <i>Os processos de dessexualização da libido: a identificação, a idealização e a sublimação na construção do Ideal do Eu.....</i>	99
2.2.3.5. <i>A emergência do Ideal do Eu como condição para a repressão.....</i>	107
2.2.3.6. <i>A imbricação entre o ideal do eu e o supereu: enlaces e desenlaces de uma [super]estrutura</i>	113
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção do conceito de Ideal do Eu, conforme apresentado por Sigmund Freud, buscando compreender como ocorre sua constituição no aparelho psíquico. A pretensão é aclarar e sistematizar o que foi delimitado por este autor, visto que o conceito de Ideal do Eu é considerado obscuro na obra freudiana por autores como Laplanche e Pontalis (1982/1992), p. ex. A proposta é realizar uma reconstrução conceitual a partir de um enfoque metapsicológico, ou seja, na medida do possível considerar a configuração do conceito de Ideal do Eu tendo em vista os aspectos dinâmico, econômico e tópico envolvidos, de maneira a delinear as condições de sua emergência e constituição.

A idéia de estudar o conceito de Ideal do Eu na obra freudiana surge de dois momentos. O primeiro como fruto da observação de casos clínicos no que se refere ao descontentamento relatado por alguns pacientes a respeito do rumo que sua vida tem tomado, pois, por mais que se esforcem, não conseguem atingir as metas a que se propuseram, observado nas seguintes falas: Não tem perspectiva de melhora em sua condição de vida e afirmam que tudo só pode dar errado. Suas escolhas no campo profissional apresentam-se extremamente cerceadas, pois na visão deles não há possibilidade de alcançar suas metas, pois reconhecem que são altas demais, inalcançáveis, enfim. Esses pacientes apresentam um processo depressivo importante que, via de regra, prejudica-os e até incapacita-os a exercer suas atividades de maneira satisfatória, o que reforça sua visão de incompetência e menos valia frente às demais pessoas. Encontramos nestes quadros, associados à depressão, insônia, abuso de substâncias químicas como álcool, ansiolíticos e anti-depressivos. O primeiro elemento que chama a atenção nesses pacientes é que eles não perderam alguém, eles perderam algo. Seu luto (se é que podemos chamar assim), o motivo pelo qual choram, é por suas metas e ideais que não foram e que, segundo afirmam, não serão atingidos. Suas metas, seus projetos de vida, encontram-se esvaziados. As questões emergidas na clínica levaram a pensar qual seria a instância responsável pelas projeções do eu no futuro, e que regularia ou

ao menos nortearia as tomadas de decisão referente a esse futuro. Na tentativa de buscar suporte teórico para a escuta clínica circunscrevemos nosso estudo em torno do conceito de Ideal do Eu na obra freudiana. O segundo momento a contribuir para a escolha do tema de estudo encontra-se na busca de uma definição conceitual mais clara em Freud para o conceito de Ideal do Eu; busca esta realizada com vistas não apenas a dar subsídio teórico aos atendimentos clínicos, mas também oferecer algum esclarecimento metapsicológico, ao menos no que tange aos fenômenos que podem ser relacionados a esse conceito.

O procedimento técnico utilizado a fim de levar a cabo o estudo proposto foi a pesquisa bibliográfica. A princípio foram levantados os textos de Freud que tratam do conceito de Ideal do Eu: *Introdução do Narcisismo (1914)*, *Psicologia de Massas e Análise do Eu (1921)*, *O Eu e o Isso (1923)* e *A Decomposição da Personalidade Psíquica (em Novas Conferências Introdutórias, 1933)*. Cabe ressaltar que a tradução da obra de Freud utilizada para a confecção deste trabalho foi a edição castelhana preparada por José Luis Etcheverry, publicada em Buenos Aires pela Editora Amorrortu. Os textos supracitados foram analisados em busca da definição do conceito e de diretrizes que pudessem nortear o entendimento de como Freud construiu o conceito de Ideal do Eu. Partindo desses textos principais, foram selecionados outros textos de Freud relacionados com o tema em questão. Foram selecionados também textos de autores que contemplaram este tema sob uma abordagem psicanalítica, como Horsnstein, Laplanche, Green, Leclair, Mezan, entre outros.

Baseado no *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1982/1992), foi realizado um levantamento dos textos que abordavam o conceito de Ideal do Eu na obra de Freud. No verbete Ideal do Ego (Eu) é apontada a obscuridade deste conceito na obra de Freud, quando declaram: “é difícil delimitar um sentido unívoco da expressão ‘ideal do ego’ na obra de Freud” (p. 222). Esta dificuldade, ponderam os autores, provém do fato deste conceito estar ligado a noção de supereu que foi sendo elaborada progressivamente na obra de Freud. Da leitura desses textos pôde-se constatar a obscuridade citada pelos autores, sendo que a mais intrigante foi a equivalência com que Freud apresenta os conceitos de Ideal do Eu e Supereu, encontrada no terceiro capítulo do texto *O Eu e o Isso*, de 1923.

Outra dificuldade relacionada ao conceito de ideal do eu advém das controvérsias ocasionadas pela leitura lacaniana que estabelece uma distinção entre ideal do eu e eu ideal. A esse respeito, Raffaelli (2007, p. 01) assim justifica o estudo das instâncias (que o autor chama de narcisistas) Ideal do Eu e Eu Ideal: “Devido às alterações no entendimento de Freud

sobre a definição e função dessas instâncias ao longo de sua obra, persiste até os dias de hoje uma controvérsia sobre esta questão, dificultando aos estudiosos da psicanálise uma compreensão adequada da tópica freudiana”.

Com base no que consideram os autores mencionados, que outorgam importância clínica e teórica ao estudo do tema do ideal do eu, vemos que as dificuldades – que Laplanche e Pontalis (1982/1992) chamam obscuridades – persistem até os dias atuais. Por isso, nossa intenção é buscar na obra do autor que inaugura o conceito – Freud - subsídios que nos permitam uma melhor compreensão metapsicológica sobre o conceito de Ideal do Eu.

Ao fazermos uma revisão do anunciado por Freud no que concerne ao conceito de Ideal do Eu em sua obra, observamos alguns pontos chave que permitem vislumbrar as obscuridades que alguns autores destacam, as quais serviram como base para o desenvolvimento de outras articulações teóricas emergidas das propostas iniciais do autor. No texto *Introdução do Narcisismo*, pode-se dizer que o que impele o indivíduo a erigir um Ideal do Eu é não estar disposto a desistir de uma satisfação outrora desfrutada, não querer renunciar à perfeição narcisista de sua infância. Então, busca recuperar essa perfeição sob a forma de um eu ideal. Mas para haver o desenvolvimento do eu é necessário um afastamento do narcisismo primário e, na busca por manter a satisfação narcísica da infância, ocorre a tentativa de recuperação desse estado sob a forma de um ideal: o Ideal do Eu. No dizer de Freud: “O que ele [o homem] projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, no qual ele foi seu próprio ideal” (1914/2003, p. 91). Neste momento há uma nítida distinção entre o Ideal do Eu e a consciência moral que primava por fazer com que o primeiro fosse atingido.

Já no texto *O Eu e o Isso*, escrito em 1923, Freud anuncia um outro enfoque ao conceito. Na Introdução a este texto, Strachey (1961/2003) afirma que a distinção entre ideal do eu e a instância interessada na sua realização (o agente psíquico especial ou consciência moral) foi abandonada. Nas palavras de Strachey: “No presente trabalho, o ‘supereu’ (*das Über-Ich*) aparece pela primeira vez como equivalente do ‘ideal do eu’” (1961/2003, p. 10). De fato, há que se notar que no próprio título do capítulo III do texto freudiano de 1923, a expressão ideal do eu é apresentada entre parênteses logo após a palavra supereu: “O eu e o supereu (ideal do eu)” (FREUD, 1923/2003, p. 30). O parêntese freudiano no título parece, portanto, corroborar a leitura de Strachey, segundo a qual, ao menos neste momento das elaborações teóricas de Freud, há um uso equivalente desses conceitos. Por fim, na

conferência XXXI, intitulada “A decomposição da personalidade psíquica”, integrante das *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, escrita em 1932 e publicada em 1933, Freud atribui três funções ao supereu: de auto-observação, de consciência e de [manter] o ideal. Strachey (1961/2003) esclarece que, neste texto de 1933, o termo Ideal do Eu retorna a sua definição original, a qual havia sido apresentada em *Introdução do Narcisismo*, isto é, sua origem a partir do narcisismo primário. É bom notar que no texto de 1914 também havia uma distinção entre o Ideal do Eu e a consciência moral, instância que tinha por função medir as realizações do eu pelo ideal. Em 1933 a consciência moral passa a ser uma das funções do supereu.

De acordo com o projeto de pesquisa inicialmente elaborado, a perspectiva de abordagem do conceito seria a de uma reconstrução histórica do conceito de Ideal do Eu, desde sua origem até sua última elaboração, na obra de Sigmund Freud. Propunha-se tentar esclarecer algumas obscuridades que o autor apresenta quanto ao conceito, preenchendo, tanto quanto possível, as lacunas existentes entre os textos. Foi com esta meta que os estudos foram iniciados ao fazer as leituras dos textos freudianos e de alguns comentaristas destes textos. Mas houve um momento de guinada, em que mantivemos o tema inicial, mas mudamos o enfoque: de uma pesquisa de recuperação histórica do desenvolvimento cronológico do conceito passamos para uma pesquisa de caráter mais construtivo, de construção teórica, ou melhor, uma pesquisa de reconstrução conceitual, objetivando fazer emergir do texto freudiano como se dá a emergência e constituição do Ideal do Eu no aparelho psíquico. Esse novo enfoque, mais instigante que o primeiro (admitimos) obrigou-nos a voltar ao estudo não apenas das origens do conceito - porque não é possível elaborar qualquer discussão sem retornar a elas - mas às origens da constituição do Eu no indivíduo. Pretendemos então focar o conceito de Ideal do Eu de modo a produzir algo como uma retecelagem¹ em sua trama conceitual, a qual aparece de maneira bastante obscurecida na obra de Freud.

Entendemos o Ideal do Eu como resultante de uma diferenciação do Eu. Assim sendo, o percurso de constituição de um eu no aparelho psíquico será tema a ser tratado no decorrer deste trabalho. Aparentes incoerências serão discutidas a respeito do eu, como as afirmações de Freud em momentos distintos de sua obra em que considera que um organismo que funcione apenas pelos processos primários seria uma ficção (o que implica a existência de

¹ Retecelagem invisível ou francesa é uma técnica de tecelagem onde se recupera um trecho danificado, rasgado ou recortado de um pedaço de tecido. A trama do tecido original é desfiada e novos fios são atados aos antigos passando em seguida por um novo processo de tecelagem. O resultado fica praticamente imperceptível aos que não tem conhecimento especializado sobre o processo. (Santo Sudário, Documentário – Discovery Channel)

funcionamento secundário, que é função do eu, já no início da vida) e antagonicamente que o eu como unidade não existe desde o início da vida. Será necessário, portanto, considerar um eu desde os seus períodos iniciais, ainda em estado rudimentar de organização, um eu em um estado indiferenciado no aparelho psíquico, até um eu de posse de suas atribuições no aparato psíquico. Pretendemos percorrer os caminhos pelos quais se principia o processo de diferenciação entre eu e isso até a emergência do Ideal do Eu como uma nova diferenciação do eu.

Para tanto, este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda de forma descritiva as contingências presentes na formação do eu, em relação aos objetos, que formam as condições precursoras que conduzem ao conflito edípico. Delineia as relações possíveis entre o complexo de Édipo e o Ideal do Eu nos textos freudianos, inclusive situando sua emergência no desenrolar do Édipo, conduzindo-nos pelos meandros da castração, renúncia do objeto amado, repressão dos desejos incestuosos e parricidas e identificação com a figura parental, o que formará o núcleo do supereu. Ainda neste capítulo, introduzimos de forma preliminar (questão que desenvolvemos no segundo capítulo e também na conclusão) a constituição do Ideal do Eu no âmbito do ingresso no social, ou ainda, a instalação do social/cultural no aparelho psíquico.

O segundo capítulo é dedicado ao esboço de uma análise metapsicológica do processo de emergência e constituição do ideal do eu. Ele é composto por duas seções. Na primeira, são apresentados alguns elementos metapsicológicos necessários para se compreender a discussão feita na segunda seção. São apresentados na seção um, as premissas principais sobre o funcionamento do aparelho psíquico apresentadas por Freud no texto *Projeto de uma Psicologia*, de 1895. Não temos a intenção de ampliar as teses apresentadas por Freud, nem discutir essas premissas, apenas preparar com subsídio teórico a discussão feita na seção que se segue, na qual fazemos a elaboração de um esboço, uma aproximação metapsicológica da constituição do Ideal do Eu no interior do aparelho psíquico, tomando como base para tal as hipóteses levantadas por Freud em *Projeto de uma Psicologia*. No entanto, sempre que possível, aliaremos às hipóteses do texto de 1895 outras apresentadas por Freud posteriormente, com o objetivo de apresentar um corpo teórico melhor elaborado, a fim de fundamentar as descrições apresentadas no capítulo primeiro. Finalmente, na conclusão apresentamos algumas considerações que julgamos pertinentes nas quais destacamos a inserção do ser humano como ser social a partir da constituição do Ideal do Eu.

*

Convém observar nestas linhas finais que a opção pela organização do trabalho em dois capítulos, um de caráter meramente descritivo e outro mais explicativo, certa repetição das questões em estudo tornou-se inevitável, já que o objetivo da seção dois é tentar avançar até uma fundamentação metapsicológica dos processos psíquicos subjacentes à fenomenologia descrita na primeira seção. Esperamos, contudo, que tenhamos alcançado algum grau de discernimento metapsicológico em relação ao processo de emergência e constituição do ideal do eu em Freud, de modo que esta pesquisa possa contribuir para o esclarecimento em relação às dificuldades e obscuridades que ainda circundam o conceito de ideal do eu em Freud.

CAPÍTULO 1

A CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO IDEAL DO EU

Entendemos que quando do nascimento o aparelho psíquico é algo bastante rudimentar e que as complexificações desse aparelho são construídas gradativamente no decorrer do tempo. Pensamos que são as experiências da criança em relação ao meio circundante, ou seja, o encontro com o meio material e as figuras nele inseridas que propiciam a evolução e complexificação do aparelho. O desenrolar dos eventos que conduzem de um aparato anímico pouco diferenciado a um patamar mais complexo, culminando com a constituição do Ideal do Eu – que é o foco de nosso interesse neste trabalho – será nosso empreendimento neste primeiro capítulo. Anunciamos de antemão que a proposta para esse momento é enfocar descritivamente os aspectos relacionados aos períodos e principais eventos neles inseridos que delineiam o percurso de construção do aparelho psíquico.

Abordaremos os períodos pré-edípico e edípico, tendo por viés os momentos de constituição do eu, para, posteriormente, podermos pensar no Ideal do Eu como uma diferenciação no seio desse eu. Por visualizarmos a importância da relação de objeto para os momentos constitutivos do eu, daremos destaque aos eventos a ela relacionados.

1.1. ESBOÇO DOS PERÍODOS INICIAIS DE CONSTITUIÇÃO DE UM EU: EVENTOS PRECURSORES E CONDUTORES AO ÉDIPO

O amor por si mesmo não encontra maior barreira que o amor pelo alheio, o amor por objetos. (Freud, 1921/2004, p. 97)

Nesta primeira seção trataremos dos eventos que se passam com o indivíduo desde o nascimento até o início da tramitação do Édipo. Estes eventos que ocorrem na pré-história individual de cada ser humano podem ser listadas como pertencentes a três períodos, de

acordo com o investimento libidinal: auto-erotismo, narcisismo e amor objetal. Esta seleção de períodos está balizada pelo recorte realizado neste trabalho, em que nos interessa a relação do indivíduo com os objetos que culminará com a triangulação edípica. Essa delimitação em três tempos pode ser verificada na definição de narcisismo, apresentada por Freud em *Apontamentos Psicanalíticos Sobre um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides) Descrito Autobiograficamente* (Freud, 1911/2004, p. 56) como “um estágio na história evolutiva da libido, estágio pelo que se atravessa no caminho que vai do auto-erotismo ao amor de objeto”. Percorrendo os passos em direção a objetos desde o nascimento, podemos listá-los assim: o auto-erotismo como um período em que não há investimento de objeto, o narcisismo no qual o eu é objeto de investimento libidinal e o período em que já se faz possível ao indivíduo o investimento em objetos externos.

Em continuidade às discussões sobre a maneira pela qual emerge e se constitui o Ideal do Eu, segundo a concepção de Sigmund Freud, é necessário que se leve em consideração que a constituição do psiquismo passa por etapas. Algumas das premissas que norteiam o todo deste trabalho estão inseridas nessas etapas anteriores ao período edípico, o que justifica uma retomada dos acontecimentos precoces, mesmo que breve. São elas: 1ª) A suposição de Freud de que no princípio da vida do indivíduo não há uma “*unidade comparável ao eu*” (1914/2003, p. 74, grifo nosso); 2ª) A suposição de uma carga libidinal investida no eu que pode também ser investida em objetos externos a ele; e 3ª) Que o eu não abandona de boa vontade uma satisfação já alcançada.

Vemos a necessidade de esclarecer uma questão sobre a concepção de eu neste trabalho, pois estamos tratando de um eu e sua evolução e desdobramentos. Utilizar-nos-emos de textos para dar subsídios teóricos sobre o eu em que parece existir contradição sobre seus primórdios no aparelho psíquico. Argumentamos que a suposição de Freud (1895/1995) no *Projeto de uma Psicologia* na qual admite a existência de um eu desde o início da vida e a suposição posterior apresentada em *Introdução do Narcisismo*, segundo a qual não existe uma unidade relativa ao eu desde o princípio da vida podem exprimir uma contradição aparente. Isto se explicaria por um elemento que o autor agrega ao falar de um eu no texto de 1914: ele [o eu] não poderia ser pensado desde o início da vida como uma unidade. Podemos inferir uma falta de unicidade do eu no princípio da vida pressupondo uma fragmentação deste quando Freud (1914/2003) se refere a um ‘eu débil’, ou seja, um eu que ainda não se apropriou de todas as suas funções. Em outras palavras, poder-se-ia falar da existência de um eu desde o início, mas tal eu seria inicialmente fraco e débil, fortalecendo-se ao longo da

evolução do aparelho psíquico. Corroborando este curso de pensamento, citamos o comentário de James Strachey em sua *Nota Introdutória* ao texto *Introdução do Narcisismo*, quando este afirma que:

Em relação com isto [o desenvolvimento de novos pontos de vista sobre a estrutura da psiquê e, em especial, ao funcionamento do eu] deve assinalar-se que o significado atribuído por Freud a “*das Ich*” {o eu} sofreu uma gradual modificação. A princípio usou o termo sem maior precisão, mas em seus últimos escritos lhe deu um significado muito mais definido e estrito. O presente artigo [Introdução do Narcisismo] ocupa um lugar de transição neste desenvolvimento (1957/2003a, p. 69, grifos no original).

Assim, supomos neste trabalho que no início haveria algo como um eu rudimentar, frágil que não estaria a princípio diferenciado no aparato psíquico, mas que gradualmente seria desenvolvido. Realmente não podemos conceber inicialmente um eu tal qual nos é apresentado em *O Eu e o Isso*, como uma “representação de uma organização coerente dos processos anímicos” (Freud, 1923/2003a, p. 18), do qual dependeria a consciência, o controle da motilidade e a repressão. Tais desempenhos funcionais apenas aos poucos vão se constituindo por intermédio do contato com o meio.

1.1.1. O período auto-erótico

Estamos adentrando ao estudo da sexualidade, tema bastante fecundo em Freud. Diferentemente de muitos estudiosos contemporâneos a ele, Freud começa a inferir que a sexualidade humana não iniciaria na adolescência, nem estaria unicamente ligada à genitalidade². Atividades prazerosas estariam presentes desde a mais tenra infância, atividades estas que extrapolariam o âmbito das necessidades e carências corporais ordinárias e teriam suas raízes firmadas em um algo mais, um para além das necessidades vitais de sobrevivência da espécie. No dizer de Hornstein (1989, p. 138), a sexualidade seria “... toda uma série de manifestações presentes desde a infância que produzem prazer, que excedem a necessidade...”. As manifestações sexuais auto-eróticas podem ser assinaladas nos primórdios da sexualidade infantil. Vejamos como se dá esse desenrolar de eventos.

² Veja-se esclarecimento sobre o assunto da sexualidade infantil, em especial, no texto *Três Ensaios de Teoria Sexual*, de 1905.

Neste momento vamos apenas sinalizar que com a emergência da pulsão sexual esta é dirigida a objetos com a finalidade única de obter satisfação. Mas também pode ser satisfeita na ausência do objeto externo, no próprio corpo. O período do auto-erotismo pode ser entendido, conforme apresentado por Freud (1905/2003), no segundo dos *Três Ensaios de Teoria Sexual*, intitulado *A sexualidade infantil*, como um estado em que a pulsão utiliza-se do próprio corpo para obtenção da satisfação sexual. O chuchar (ou sugar com leite) seria o modelo do auto-erotismo, em que a criança utilizaria para a satisfação uma parte de seu próprio corpo: a mucosa bucal, zona esta passível de dominação e controle muscular pela criança, em oposição ao mundo externo sobre o qual ela ainda não exerce domínio. Não estamos, portanto, falando de um estado sem objeto ou anobjetal, visto que o objeto de desejo é estabelecido desde períodos iniciais da vida, nas repetições das vivências de satisfação, as quais serão tratadas no capítulo 2. O período auto-erótico tem a ver com um tipo de satisfação obtida no próprio organismo sem a intervenção de um elemento externo a ele – um objeto fora do próprio corpo -; a satisfação se daria no mesmo local onde é gerada ou emerge a excitação pulsional, no próprio órgão. Nessa etapa, um aumento na excitação é sentido pelo bebê como desprazer e precisa ser descarregada. A maneira que o bebê dispõe para descarregar o excesso de tensão interna é utilizar-se do próprio corpo como meio para atingir um fim ou, em outros termos, se todo o corpo é altamente excitável e dele provém o excesso de quantidade que o invade, será também por meio desse corpo que a quantidade será descarregada.

O modo de funcionamento auto-erótico é o mais próximo do modelo dos processos primários, nos quais toda elevação de quantidade de energia é prontamente descarregada. Em condições ideais, o útero poderia ser considerado um protótipo para esse modo de funcionamento, onde o ambiente que cerca o feto propiciaria as condições de vida adequadas de nutrição e temperatura. Se a princípio o indivíduo entra num processo alucinatório de satisfação que ainda estaria ligado à pulsão de nutrição, o que seria necessário para que ele pudesse separar desta as pulsões sexuais? Seria esse *novo ato psíquico* o desenvolvimento de um *eu* – uma unidade de eu - mesmo que ainda em forma rudimentar? Partindo-se do pressuposto de que o indivíduo se encontraria num processo de satisfação que pode ser caracterizada como alucinatória, na medida em que exclui o meio externo, o que o faria sair deste circuito, a necessidade real de alimento?

Para que as necessidades do bebê sejam satisfeitas é necessária a intervenção de uma figura externa que cumpre a função de nutriz. A intervenção de um elemento nutriz no processo de saciação das pulsões de nutrição tornar-se-ia o gatilho para que o *eu* se

desenvolvesse, desviando parte da atenção dada a si mesmo em direção ao meio externo. Esse direcionamento ao meio externo e, em última instância, aos objetos que nele estão inseridos, pressupõe a existência de um elemento que faça a mediação com o mundo externo: um *eu*. Dito em outros termos, enfatizando o aspecto econômico do processo, esse ciclo de aumento de quantidade seguida de eliminação imediata – um processo alucinatório de satisfação - só poderia ocorrer se a realidade não se interpusesse e impedisse (ou ao menos impusesse restrições de ordem temporal) que a eliminação se realizasse de forma imediata, sempre que se desse o aumento de tensão. Assim, um fator externo ao indivíduo – a realidade concreta – se coloca como uma barreira para a eliminação. Para conseguir postergar a eliminação do excesso de quantidade que o invade, o bebê necessita galgar mais uma etapa em seu desenvolvimento, necessita atingir um grau de diferenciação em seu aparato psíquico que lhe permita aguardar o tempo necessário à satisfação. Desta maneira, faz-se necessário uma nova aquisição - um eu. Esclareçamos melhor a afirmação anterior para não parecer que caímos em contradição: a princípio o que havia era um eu débil, submetido aos automatismos dos processos mecânicos de descarga de excitação; a nova aquisição psíquica que falamos se trata de acréscimos à esse eu inicial, uma sistematização deste por complicação crescente em sua estrutura. E por mais débil e rudimentar que este eu se apresente no início, ele terá uma importante função, que Freud supõe como necessária à manutenção da vida.

No texto *Projeto de uma Psicologia*, escreve Freud: “Por conseguinte, se existir um eu, ele tem de *inibir* processos psíquicos primários” (1895/1995, p. 37). Que seriam estes processos primários? Um organismo que funciona nos termos dos processos primários é aquele que não tolera aumentos de quantidade de excitação, ele funciona num circuito em que da elevação de tensão interna resulta imediatamente o esforço em eliminá-la, a fim de manter-se tanto quanto possível livre de excitação. Mas essa é uma possibilidade teórica, pautada em um modelo que visualizaria condições ideais, o que não ocorre na realidade concreta, pois as contingências que chegam ao organismo logo fazem com que ele precise postergar a eliminação. E é o advento dessa capacidade de postergar a eliminação da tensão que caracterizaria o modo de operação dos processos secundários, ou seja, processos mais de acordo com a realidade, para cuja condição supõe-se a instituição de um *eu* no aparelho, mesmo que ainda débil/fragmentário. Como o eu seria uma organização intrapsíquica que se interporia à eliminação de todo e qualquer aumento de excitação, pode daí manter o organismo em uma situação de aumento de quantidade no interior do aparelho sem a necessidade de eliminá-la imediatamente. Vemos, então, que um fator importante que se

impõe ao organismo com relação à eliminação de quantidade via processos secundários é o fator temporal. É preciso aprender a aguardar o momento em que será possível eliminar o excesso de quantidade e essa espera pressupõe que exista e se fortaleça no aparelho quem aprenda a fazer a mediação entre a demanda interna e as ocorrências do meio externo: um eu.

Do que expusemos até este ponto podemos depreender que num bebê o que haveria em princípio seriam as pulsões auto-eróticas, e que para ser possível que ele saia deste circuito auto-erótico é necessário que seja agregado um *novo ato psíquico* para que se constitua um estado novo no eu.

1.1.2. O Narcisismo

Com vistas a compreender as condições de constituição desse eu rudimentar no aparelho psíquico do indivíduo é que adentramos ao tema do narcisismo. Como já destacamos no início do capítulo, como uma das premissas necessárias a este trabalho, Freud (1914/2003) considera que no princípio da vida não deve haver, falando propriamente, uma unidade comparável ao que conhecemos como a instância psíquica denominada eu, e que esta unicidade do eu como instância só pode ser alcançada com o desenrolar dos eventos que se sucedem na experiência individual. Também já assinalamos que nosso interesse para este estudo reside na emergência deste eu no aparelho, então o viés de aproximação ao conceito de narcisismo está aqui delimitado.

O conceito de narcisismo, conforme foi apresentado no texto de 1914, abre uma nova perspectiva no campo conceitual da psicanálise. Conforme atestam Hornstein (1989) e Strachey (1957/2003a), este texto marca uma transformação, uma viragem nos rumos teóricos – a teoria das pulsões, da identificação, do eu – caminhando a passos largos em direção de uma Segunda Tópica. Rever as acepções que o termo narcisismo encerra, bem como toda a problemática que a ampliação do conceito em 1914 acarretará para a psicanálise, pode ser de grande valia para o estudo a que nos propomos.

Consideramos, apoiados em Freud (1911/2003), que o narcisismo é uma etapa do desenvolvimento da libido que estaria situada entre a ausência e a presença de objetos

externos³. Quais seriam os eventos que ocorreriam neste período que conduziriam ao desenvolvimento de um eu, visto que no período auto-erótico não é considerado que haja um eu constituído no aparelho psíquico? São as limitações e imposições provenientes do meio externo que conduzem, ou ainda, empurram o indivíduo para a consolidação de um eu. Essas vicissitudes provindas do meio externo são os impedimentos da satisfação imediata, da descarga do excesso de quantidade que inunda o bebê, p. ex., com relação à fome, exemplo este privilegiado por Freud (1895/1995) como modelo para a explicação da maneira que o bebê reage às interferências do meio. Na verdade, se o bebê se mantiver no circuito de satisfação alucinatoria, ele certamente seria conduzido à morte, pois ainda não tem condições biológicas para manter-se por si mesmo e necessita de cuidado externo para suprir suas necessidades reais de alimento, calor etc.

Aqui podemos ainda considerar que existe uma indiferenciação, por parte do bebê, entre meio interno e meio externo. Em *Pulsões e Destinos de Pulsão*, Freud (1915/2003a) alega que na medida em que o bebê tem a capacidade de satisfazer (mesmo que parcialmente) em si mesmo suas demandas pulsionais, “o eu não necessita do mundo exterior” (p. 130). Se não há uma unidade comparável ao eu essa diferenciação não seria possível, pois é esta estrutura a encarregada da mediação entre estes dois meios, o interno e o externo. Já discutimos no item anterior o que leva ao desenvolvimento, no aparelho, de um eu: a necessidade de mediação entre a realidade concreta e as demandas internas do bebê.

No texto *Introdução do Narcisismo*, Freud (1914/2003) levanta a possibilidade de haverem dois tipos de investimento libidinal: um investimento no eu e outro no objeto. Nos termos do autor: “Nós formamos assim a imagem de um investimento [ocupação]⁴ libidinal originário do *eu*, cedido depois aos objetos⁵ ...” (Freud, 1914/2003, p. 73). Essa idéia de uma carga libidinal que seria originária do eu, a qual pode ser cedida para o investimento em objetos externos, leva o autor a considerar a existência de uma oposição entre libido do *eu* e

³ Podemos ainda pensar que talvez a questão não seja uma ausência de objetos no início da vida, mas uma desconsideração da existência de objetos por parte do bebê. Essa outra possibilidade pode ser depreendida do texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, no qual Freud (1926/2004) tece considerações sobre o nascimento não poder ser vivenciado pelo bebê como uma separação da mãe, “pois esta [a mãe] é *ignorada* como objeto pelo feto inteiramente narcisista” (p. 124, grifo nosso). Isto porque os registros mnêmicos que formam a representação de objeto no aparelho são oriundos da repetição das vivências de satisfação que serão atreladas às figuras do meio externo que satisfazem as necessidades do bebê, o que impossibilitaria que no princípio da vida esse registro – o objeto – estivesse instaurado no aparato anímico.

⁴ Damos preferência ao uso dos termos ocupação ou investimento para traduzir a *Besetzung* freudiana, seguindo o padrão de Gabbi Jr (1895/1995) e da tradução direta do alemão para o espanhol da Editora Amorrortu das Obras Completas de Freud, respectivamente. Na tradução da Editora Imago o termo utilizado é *catexia*. Manteremos o uso dos dois termos como equivalentes. Adotamos a opção sugerida por Gabbi Jr.- ocupação – em especial quando tratamos dos pressupostos do *Projeto de uma Psicologia*, dado seu caráter neurológico e materialista. Consideramos o termo investimento mais adequado aos textos posteriores de Freud.

⁵ Essa concepção será revista no texto *O Eu e o Isso*, de 1923.

libido do objeto. Apesar de evidenciar essa oposição, Freud (1914/2003) declara que, a princípio, ambas – libido do *eu* e libido do objeto – estão estreitamente unidas.

Um retorno à teoria da libido apresentada por Freud (1905/2003) no terceiro dos *Três Ensaios de Teoria Sexual* pode nos ser útil para uma melhor compreensão desse ponto. Nesse texto, a libido é definida como “uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (Freud, 1905/2003, p. 205). A estimulação de todo o corpo – e não apenas dos órgãos genitais - forneceria excitação sexual. Essa quantidade de excitação sexual tem um delegado psíquico que recebe o nome de libido do *eu*. Se o domínio da motricidade e a mediação interno/externo é função de um eu, podemos inferir uma elevação na quantidade de excitação que invade esse eu com o gradativo desenvolvimento da motricidade, bem como que este mesmo elemento - a motricidade - pode servir para os dois propósitos: elevação e descarga de excitação. Acontece que com a aquisição de maior domínio motor a descarga pode se tornar privilegiada em virtude da satisfação obtida, o que seria o modelo para o auto-erotismo. O circuito de excesso de quantidade e descarga no aparato psíquico continua, entretanto, o novo elemento que foi agregado ao quadro – a complexificação na estrutura rudimentar do eu – faz uma grande diferença: esse eu melhor aparelhado, mais instrumentalizado pode ser tomado como objeto para a pulsão sexual.

A libido do *eu* não é acessível ao estudo analítico, acentua Freud (1914/2003), senão quando já tenha sido investida em objetos sexuais externos⁶: a libido do objeto. A libido do objeto pode ser desinvestida de objetos externos e novamente investida no *eu*, onde se daria uma reconversão desta em libido do *eu*. Disto o autor infere que existe uma ligação entre libido do *eu* e libido objetal.

A libido narcisista ou libido do eu se nos aparece como o grande reservatório desde o qual são emitidos os investimentos de objeto e ao qual voltam a recolher-se; e o investimento libidinal narcisista do eu, como o estado originário realizado na primeira infância, que é só ocultado pelos envios posteriores da libido, mas se conserva no fundo atrás deles (Freud, 1905/2003, p. 198).

Destacamos a concepção freudiana sobre um investimento originário no eu. Essa hipótese faz parte do desenvolvimento conceitual do autor em 1914, no texto *Introdução do Narcisismo*, conforme antes mencionado. Em 1923, no texto *O Eu e o Isso*, Freud revê esta

⁶ O que é coerente com a opinião de 1923, de que antes do eu se dar conta da presença dos objetos, o isso já estava investindo libido objetal.

concepção, afirmando que a libido provém originalmente do isso: “... logo da separação entre o *eu* e o *isso*, devemos reconhecer ao isso como o grande reservatório da libido...” (Freud, 1923/2003a, p.32). A este respeito o autor acrescenta que os investimentos iniciais seriam feitos pelo isso em objetos. Essa é uma mudança drástica ao que é anunciado em 1914: o investimento que era pensado como originariamente investido no eu passa a ser entendido como investindo objetos. Assim, em termos de aparelho psíquico, o investimento inicial seria numa representação psíquica formada a partir do meio externo. A libido do objeto teria primazia temporal em relação à libido do eu.

Agora teria que empreender uma importante ampliação na doutrina do narcisismo. A princípio, toda libido está acumulada no isso, no entanto o eu se encontra todavia em processo de formação ou é débil. O isso envia uma parte desta libido a investimentos eróticos de objeto, em seguida do qual o eu fortalecido procura apoderar-se desta libido de objeto e impor-se ao isso como objeto de amor (Freud, 1923/2003, p. 47).

Mas em *Esquema de Psicanálise*, Freud (1940/2004) parece encontrar um ponto de equilíbrio em sua concepção, pois descreve o estado inicial da libido no organismo como estando presente no complexo eu-isso indiferenciado. Se estamos tratando de períodos tão iniciais do desenvolvimento do eu, é justo pensar que esta separação entre eu e isso ainda não se procedeu⁷. Se pensarmos que quando, em 1914, Freud fala sobre um investimento originário do eu, que ele está tratando de um eu ainda indiferenciado em relação ao isso (que é uma possibilidade que também podemos aventar pelos pressupostos do *Projeto de uma Psicologia*), podemos supor uma continuidade nas formulações freudianas e não uma contradição. A elaboração teórica da psicanálise no período de 1914 estava pautada na Primeira Tópica, na qual não havia alcançado ainda um grau de detalhamento como o apresentado em 1923, na Segunda Tópica, em que concebe uma instância psíquica específica denominada eu, o que nos permite inferir que o eu do qual Freud está tratando no texto *Introdução do Narcisismo*, seria um todo indiferenciado, ou ainda, um todo psíquico fragmentado (pois a nova aquisição psíquica que caracteriza a etapa do narcisismo implicaria numa espécie de unificação do eu).

Fazemos um aparte para ressaltar que o conceito de eu (assim como outros conceitos) na obra freudiana sofreu reformulações, assim o que o autor chama de eu em 1914 não é, necessariamente, o eu-instância de 1923. A discussão sobre as diversas acepções do conceito de eu na obra freudiana extrapola os limites do nosso trabalho, mas precisa estar em vista em

⁷ Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2003) já remetia à indistinção na criança entre sistemas Pré-consciente/Consciente e Inconsciente.

função de estarmos tratando de uma diferenciação desta instância. Estamos mais interessados em reconhecer os momentos e as contingências de formação do eu no aparato psíquico.

Retomemos a nossa discussão sobre a passagem desde o investimento no eu tomado como objeto para investimento em objetos externos a ele, que será o tema do próximo item deste capítulo.

1.1.3. O primeiro objeto

Abordamos antes a íntima relação entre o desenvolvimento de um eu e a eleição de objetos a investir. Partimos da inexistência de um eu como unidade (com o que podemos inferir que se poderia falar de um eu fragmentado e ainda frágil, o que pode ser consistente com o texto *Projeto de uma Psicologia e Esquema de psicanálise*) do período auto-erótico, e fomos ao período narcísico no qual pressupõe-se que já exista uma unidade relativa ao eu, a qual pode ser tomada como objeto de amor pelas pulsões sexuais. Agora adentraremos em mais uma etapa da constituição desse eu, na qual objetos externos a ele podem também ser tomados como representações/objetos aos quais a libido seria direcionada.

Conforme vemos apresentado por Freud no texto *Três Ensaios de Teoria Sexual*, de 1905, os primeiros objetos sexuais provêm das vivências de satisfação. Isto implica que as primeiras satisfações sexuais do bebê são vividas em relação com suas funções vitais de conservação. A princípio as pulsões de auto-conservação e as pulsões sexuais estariam unidas, e a satisfação das necessidades básicas para a sobrevivência e o prazer que essas atividades provocam ocorreriam simultaneamente. As duas pulsões somente se separariam secundariamente, tornando-se a pulsão sexual autônoma. Depois da separação da pulsão sexual da pulsão de auto-conservação, a pessoa encarregada da função de nutriz, de cuidado ou de proteção do bebê, pessoa esta que cumpriria o papel de promover a sobrevivência do bebê – a mãe ou seus substitutos - seriam tomados como seus primeiros objetos sexuais. Esse tipo de escolha objetal, descrita acima, é chamada por Freud (1905/2003) de tipo de escolha por apoio ou anaclítica. Segundo este pressuposto freudiano, a sexualidade nasceria apoiada, arrimada, nas funções vitais do indivíduo. A figura que cumpriria a função de manutenção da vida do bebê seria uma presença constante no campo visual da criança, bem como estabeleceria contato corporal com ela durante a alimentação, a higiene, que, como já vimos, estimularia a elevação da quantidade de excitação. Essa figura, a mãe, passaria a ser uma

figura de alta valoração para a criança e seria eleita como aquela passível de ter os atributos requeríveis para possibilitar que a criança depositasse nela seus investimentos libidinais. É tomada então como o primeiro objeto externo ao qual a criança investirá sua libido.

Mas em termos de eleição de objeto de amor, Freud (1914/2003) descobre um segundo tipo de escolha: a do tipo narcisista, onde a escolha de objeto erótico é feita conforme sua própria pessoa, e não conforme a imagem da mãe. Neste tipo de escolha objetual as pessoas buscam a si mesmas como objetos eróticos. Este tipo de escolha ocorreria especialmente em pessoas nas quais o desenvolvimento da libido tenha sofrido alguma perturbação, por exemplo, os perversos e os homossexuais. Esta observação levou o autor a adotar a hipótese do narcisismo (sobre o qual tecemos algumas considerações preliminares no item anterior). Por essa razão, Freud (1914/2003) supõe que há dois caminhos que se abrem para o indivíduo eleger seu objeto, podendo ele escolher um dos dois. O indivíduo tem dois objetivos sexuais primitivos nos quais as suas eleições de objeto seriam balizados: ele mesmo ou sua mãe – na realidade a pessoa encarregada da função materna. Por essa razão, concluirá Freud (1914/2003) que um indivíduo ama: conforme o tipo narcisista: o que ele foi, o que ele é, o que ele quisera ser, ou ainda, a pessoa que foi uma parte de si mesmo; ou conforme o tipo de apoio (anaclítico): a mulher nutriz, o homem protetor.

Até aqui, fizemos o percurso desde o eu tomado como objeto até a eleição de objetos externos. A libido que a princípio estaria investida no eu é transferida para o investimento em objetos externos. Nesse caso, será que haveria uma retirada total do investimento do eu em direção aos objetos externos? Se o indivíduo tem a opção de eleger um objeto externo para amar, objeto este delimitado pela figura nutriz que foi internalizada, que acontece com o *eu*? É abandonado enquanto objeto de amor? O que acontece com a libido investida no *eu*? Seria ela transferida pura e simplesmente a um objeto externo? Dirá Freud que a saída que o indivíduo possui é deslocar seu narcisismo sobre um ideal instituído no próprio *eu*, o qual será o depositário de toda a perfeição que outrora – na infância - o *eu* desfrutava. Isso ocorreria porque ante a educação recebida ao longo do seu desenvolvimento infantil e o despertar de seu juízo próprio, ou seja, com o confrontar do eu com a realidade que se delinea e impõe-se a ele, não é possível que seja mantida a perfeição que julgava ter na infância, então busca conquistá-la novamente sob a forma de um ideal. Esse ideal internalizado no *eu* passa a receber o investimento amoroso que na infância era dirigido ao *eu* [narcísico]. O eu é incapaz de renunciar a uma satisfação já gozada – e esta é uma das premissas deste trabalho - e a

maneira de tentar manter o eu perfeito da infância é formar/forjar a partir deste um ideal. “*O que ele [o indivíduo] projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na que ele foi seu próprio ideal*” (Freud, 1914/2003, p. 91, grifo nosso).

Esse *eu* idealizado do indivíduo é agora o depositário do amor que este dirigia a si mesmo na infância. Isto porque a idealização é um processo que incide sobre o objeto, neste caso específico, o próprio *eu* da criança. Este ideal será tomado como o portador de toda a grandiosidade que o indivíduo supunha ter, sendo então hiper-estimado. Assim, havendo-se constituído um ideal no eu, este ideal passa a aumentar as exigências sobre o *eu*, pois é impelido a atingir esse ideal narcisicamente forjado. Para tanto, uma instância psíquica seria a responsável por garantir o cumprimento dos ideais ali depositados. No texto *Introdução do Narcisismo*, essa instância que vigia o *eu* e o compara com o ideal é chamado por Freud (1914/2003) de consciência moral, conceito este que será desenvolvido e nove anos mais tarde receberá o nome de supereu.

O desenvolvimento do eu consiste em um distanciamento do narcisismo primário e produz uma intensa aspiração a recobrá-lo. Este distanciamento acontece por meio do deslocamento da libido a um ideal do eu imposto desde fora; a satisfação se obtém mediante o cumprimento deste ideal. ... Simultaneamente, o eu emite os investimentos libidinosos de objeto. O eu se empobrece em favor destes investimentos assim como do ideal do eu, e volta a enriquecer-se pelas satisfações de objeto e pelo cumprimento do ideal (Freud, 1914/2003, p. 96-97).

Com essas considerações iniciais, cujo objetivo foi apresentar uma primeira circunscrição geral do contexto conceitual no qual emerge o ideal do eu, pensamos dispor de alguns elementos necessários para adentrar a questão edípica que é o epicentro de uma das primeiras diferenciações que ocorrem no eu e que culmina na constituição do Ideal do Eu. Assim já temos subsídios suficientes para discutir o próximo acontecimento que deixa sua marca no eu: o complexo de Édipo.

1.2. O COMPLEXO DE ÉDIPO E A EMERGÊNCIA DO IDEAL DO EU

A via de acesso ao estudo do Ideal do Eu passa, obrigatoriamente, pelo Complexo de Édipo. Isso porque como o autor anuncia no capítulo V de *O Eu e o Isso*, de 1923, ele [o Ideal do Eu] é o herdeiro do Édipo.

Em sua obra, Freud faz uso da tragédia grega *Oedipus Rex* para, como destaca Rocha (1996), tratar de assuntos “para além da história e das vivências individuais” (p. 892). Este extrapolar do mito para o ser humano permite que o Édipo seja universalizado, tornando-o independente da cultura em que o indivíduo esteja inserido – fazendo-se as adaptações pertinentes às figuras que compõem a triangulação. Se considerarmos o complexo de Édipo como universal, então devemos supor a universalização das decorrências deste para a estruturação psíquica. Assim, juntamente com Freud, pensamos a emergência e constituição do Ideal do Eu no psiquismo como algo que excede os limites do individual. Constituído, claro, com suas particularidades em cada cultura e em cada configuração familiar, mas ainda assim como entidade pertinente a toda uma espécie: a espécie humana.

Para falarmos em interdição, complexo de castração, identificação com a figura parental, tabu do incesto e do parricídio, tal qual se nos apresenta no complexo de Édipo é importante resgatar, primeiramente, o texto *Totem e Tabu*, escrito por Freud em 1913. Neste, o autor trata de abordar uma hipótese que serve de alicerce para os constructos teóricos que vêm emergindo de seus trabalhos clínicos. A hipótese freudiana apresentada neste texto – a do pai da horda primitiva⁸ – juntamente com o mito de Édipo são, no dizer de Rocha (1996), um recurso utilizado por Freud como modelos explicativos no entrecruzamento entre o natural e o cultural ou, melhor ainda, entre a passagem da natureza para a cultura, para a vida em sociedade.

De acordo com a construção hipotética de Freud, na horda havia um pai violento e ciumento que não permitia aos filhos o acesso às fêmeas. Atingindo certa idade esses filhos eram expulsos. Certa feita os filhos que haviam sido expulsos se reúnem, matam e devoram o pai. Esse pai temível também era admirado como modelo pelos filhos. O devorar o pai – a refeição totêmica – seria uma forma de possuir uma cota de sua força e de seu poder. Dava-se uma identificação com o pai morto por meio da incorporação oral de parte dele. Assim, a horda é desfeita, mas cada um dos filhos carrega em si uma parte do pai. Satisfeito o ódio, os sentimentos de afeição e admiração tomam o primeiro plano, provocando remorso e sentimento de culpa pelo parricídio. “O morto [pai] tornou-se ainda mais forte do que o fora em vida” (Freud, 1913/2003, p. 145). Isto porque a partir do parricídio, os filhos passaram a infligir a si mesmos a interdição que o pai da horda impunha: o não acesso às mulheres do clã

⁸ Horda primitiva ou primeva é uma construção teórica hipotética de Charles Darwin para explicar o início dos ajuntamentos humanos, do estado primitivo da sociedade.

que, doravante, estariam desimpedidas. Está então estabelecida/internalizada a Lei do pai da horda primitiva.

Esta hipótese é usada por Freud (1913/2003) como modelo explicativo ao que acontece com as relações ambivalentes entre pais e filhos: ódio ao pai por ser um obstáculo à realização dos desejos sexuais e, contraditoriamente, amor e admiração por esse mesmo pai. Para o autor, os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo – morte ao pai e acesso sexual à mãe – são também os dois tabus que fundamentam o totemismo.

Feito este adendo, retomamos o ponto em que concluímos a seção anterior, quando a criança já tem estabelecido um objeto de amor: a mãe. Descreveremos o Édipo em suas formas simples e completa para evitar repetições desnecessárias ao adentrarmos às sub-seções do capítulo. Também por questão de simplificação na exposição usaremos como modelo explicativo o Édipo masculino, do mesmo modo que o faz Freud no texto de 1923. É bem verdade que na época em que Freud escreveu *O Eu e o Isso* ele supunha que os eventos que ocorriam em ambos os sexos no Complexo de Édipo eram análogos, fazendo-se as devidas inversões quanto aos objetos (a mãe como objeto do menino e o pai como objeto para a menina). Mas, apenas um ano depois, em *A Dissolução do Complexo de Édipo*, de 1924, Freud reconsidera a questão e enfatiza que há diferenças entre a evolução do trâmite edípico nos sexos. Apesar dessa constatação na obra freudiana, não será nosso propósito tratar dessas diferenciações e suas possíveis implicações. Bastar-nos-á, para nossos fins, a descrição do conflito edípico no menino. Mas, antes, façamos uma descrição do período pré-edípico no menino.

Ao nascer o bebê encontra-se em um estágio onde podemos considerar como anobjetal; não tem instaurado ainda uma representação intra-psíquica que poderíamos chamar de objeto. Com a repetição das vivências de satisfação, ligadas à pulsão de auto-conservação, o elemento nutriz – a mãe ou seu substituto – torna-se uma figura recorrente o que faz com que ela forme uma marca privilegiada, um registro privilegiado no aparelho psíquico do bebê: a mãe agora pode ser entendida enquanto um objeto. A princípio as pulsões de auto-conservação e as pulsões sexuais estão unidas indistintamente. Apoiada nas pulsões de auto-conservação, as pulsões sexuais se diferenciam. A libido é investida inicialmente no eu (libido do eu), mas logo passa a ser investida no objeto (libido do objeto) que supre as necessidades do bebê. A mãe, tomada como objeto libidinalmente investido, é altamente valorizada. Com a entrada na fase fálica a criança passa a valorizar seu órgão genital, pois obtém dele satisfação

sexual via masturbação. O órgão genital que interessa à criança é apenas o pênis. Para o menino ainda há uma indiferenciação sexual entre homens e mulheres, apesar de reconhecer a diferença de gênero não a atribui a uma diferenciação dos órgãos genitais. Acredita que todos possuem um pênis, assim como ele. A visualização dos órgãos genitais femininos coloca o menino frente a uma nova informação: existem seres que não tem um pênis. Essa falta, agora atribuída às mulheres, passa a ser creditada à castração, pois acredita que houvera um pênis, mas que fora arrancado. O pai torna-se então uma figura valorizada por reconhecê-lo como do gênero masculino e, portanto, possuidor de um pênis. O menino crê que quando crescer seu órgão genital será tão poderoso quanto o de seu pai. Esse pai que agora assume uma posição privilegiada para o menino também é investido, é alvo de seu amor; o menino, narcisisticamente, almeja se tornar como o pai. Por um processo de identificação, o menino interessa-se pelo pai ao ponto de tê-lo como seu ideal, como seu modelo; quer ser como o pai. O menino ainda tem na mãe um objeto de desejo. Por este período os três elementos – menino, mãe e pai – convivem sem grandes conflitos, mas logo o pai torna-se um obstáculo ao acesso libidinal do menino à mãe. Aqui vemos instalado o conflito edípico.

Aqui é necessário inserir um comentário sobre a abordagem freudiana da questão da identificação no período do pré-Édipo. Em *Psicologia de Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2004) escreve uma seção dedicada à identificação. Nesta seção, a identificação é entendida como “a mais primitiva exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa” (p.99). A identificação com o pai, o qual é tomado pelo menino como modelo, seria contemporânea (ou talvez seja um pouco posterior) ao completo investimento na mãe como objeto libidinal. Outro ponto importante, destacado por Freud, é que a identificação é ambivalente, havendo então duas correntes: uma terna e outra hostil. Por isso, a hostilidade direcionada ao pai no complexo de Édipo simples seria uma decorrência de uma das vertentes da situação ambivalente oriunda da identificação. De forma semelhante poderíamos entender a corrente terna direcionada a ele no Édipo completo. Semelhante, porém não idêntica, pois na forma completa do Édipo o pai se tornaria não apenas modelo de identificação, mas também objeto investido libidinalmente.

A tramitação do Édipo poderia ser descrita da seguinte forma: O menino tem na mãe um objeto de amor a quem direciona sua libido. Ela é a primeira escolha que o menino faz de um objeto externo. Essa escolha se mantém e com o passar do tempo o menino vê no pai um obstáculo ao seu acesso à mãe. O pai se coloca como um impedimento, frustrando as tentativas do menino em obter satisfação com seu objeto. A interposição do pai entre a mãe e

o menino faz com que este último o entenda como um rival. O menino trava uma luta pela atenção e o amor da mãe. Concomitantemente ao amor que direciona à mãe, uma reação de hostilidade dirigida ao pai se faz sentir. O ódio e a agressividade do menino terão um alvo: o pai.

Apesar da forma simples aqui apresentada ser bastante relevante, ela está longe de compor o quadro geral do que acontece no período edípico. É preciso ainda considerar o Édipo completo. Além do que foi exposto acima e paralelamente a esse amor direcionado à mãe, o menino também ama o pai. Isto complica os eventos, pois essa ambivalência de sentimentos em relação ao pai faz com que o menino tenha atitudes de hostilidade para com a mãe. Essas atitudes ambivalentes onde o menino ora ama o pai e ora o odeia, e ora ama a mãe e ora a odeia, conduzem o menino a duas possibilidades fantasísticas de satisfação no Édipo: uma atitude ativa em relação à mãe, tomando o lugar do pai, e uma atitude passiva em relação ao pai, tomando o lugar da mãe.

Como desfecho esperado do período edípico, o eu do menino deve voltar às costas ao complexo de Édipo, abandonando as figuras parentais como objetos libidinais.

1.2.1. Descrição da configuração conflitual edípica

Feita a descrição da maneira como se apresenta o Complexo de Édipo no menino, podemos agora delinear as configurações dos pólos conflitivos. A questão do direcionamento libidinal, da pulsão sexual para um objeto externo eleito pelo menino adquire grandes proporções por sua impossibilidade de realização. Em condições ideais, diversos são os fatores que frustram o menino em suas tentativas de realizar seus objetivos com relação à mãe: o pai como obstáculo intransponível, o pai como objeto também amado, o medo de perder o amor do pai e a angústia da castração.

Pensando no pai como obstáculo intransponível ao menino em sua busca pela satisfação, vários são os aspectos que tornam essa figura passível de ser vislumbrada pelo menino como detentora de um poder muito superior ao seu. O período edípico ocorre concomitantemente à fase fálica. Nesta fase do desenvolvimento psicosssexual o interesse da criança volta-se para seu órgão genital. Nos *Três Ensaios de Teoria Sexual*, Freud (1905/2003) descreve como a estimulação da glândula no menino e do clitóris na menina durante a micção faz com que essas zonas sejam elevadas à categoria de erógenas (mais uma

vez vemos as pulsões sexuais utilizando-se das necessidades vitais para privilegiar órgãos como meios para obtenção de prazer). Somando-se ao prazer obtido pelo ato de micção a estimulação que estas zonas recebem durante os cuidados de higiene - cuidados estes realizados por si mesma ou por outra pessoa, geralmente a mãe ou seu substituto nos cuidados - que faz com que a criança perceba que essas regiões do corpo podem produzir sensações prazerosas. O órgão feminino – o clitóris – é apreciado como fonte de satisfação, mas o órgão genital que recebe alta valorização é apenas o masculino, o pênis. O interesse do menino pelo seu órgão genital pode ser verificado pela manipulação freqüente do mesmo, manipulação esta que pode ser entendida em termos gerais como uma atividade prazerosa para a criança: a masturbação.

O quesito sobre o único órgão a ser privilegiado ser o masculino tem relação direta com a forma que se dá a organização genital infantil. No texto *A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)*, de 1923, declara Freud: “... para ambos os sexos, só desempenha um papel *um genital*, o masculino. Portanto, não há um primado genital, senão um primado do *falo*.” (1923/2003b, p. 146, grifos no original). Rocha (1996) chama atenção para o uso do termo falo como um símbolo que pode ter muitas representações e que nesta etapa do desenvolvimento infantil o pênis é eleito seu representante máximo; ele não seria, então, um termo equivalente ao órgão-pênis, mas encerraria a valoração que o menino nesta época lhe atribui.

... falo não é análogo do pênis enquanto realidade corporal referida ao sexo masculino: quando utilizado por Freud para articular o complexo de Castração ... o termo falo representa valores, atributos, cuja característica é a de não pertencerem a um único indivíduo. Simbolizado de diferentes representações, falo é, como todo valor, circulável, destacável de cada pessoa (Rocha, 1996, p. 898).

Freud (1923/2003b) alerta para o fato de que o menino, desde muito cedo, reconhece a diferença entre homens e mulheres, mas crê que essa diferenciação nada tem a ver com seus órgãos genitais, ou em outros termos, não reconhece que haja uma diferença sexual entre homens e mulheres. Por esse período o menino supõe que todos os demais seres possuem um órgão genital igual ao seu. Mas um novo elemento chega ao conhecimento do menino por meio da experiência e marcará para ele a diferenciação existente entre os sexos: a falta do pênis no sexo feminino. Essa experiência dá-se pela visualização dos órgãos genitais de uma irmã, da mãe ou uma colega de brincadeira. O menino supõe que essas pessoas tiveram pênis em algum momento, mas que o perderam; essa hipótese virá a corroborar as ameaças de castração às quais o menino estará exposto no período edípico e será uma forte influência para

o abandono dos investimentos libidinais direcionados à mãe: a constatação de existirem seres castrados – as mulheres. No plano da fantasia, o menino passa a crer que as mulheres que não possuem pênis são aquelas que sofreram castração como punição por seus desejos incestuosos.

Este aparte que fizemos, retornando ao pressuposto de que o pênis é um órgão valorizado pelo menino neste período, é bastante elucidativo no sentido de buscar um entendimento da relação que o menino estabelece com o pai. Esse pai é detentor de um pênis e *o menino supõe que esse órgão valioso tem algo a ver com a relação do pai com sua mãe.* Uma simples comparação entre seu órgão valorizado e o de seu pai coloca o menino a par de sua evidente desvantagem. Assim, rivalizar pela posse da mãe com um outro que apresente tal supremacia é, no mínimo, desconcertante para o menino. Na verdade, essa questão é aterradora para o menino, que vê no pai um ente poderoso que pode facilmente vencê-lo num combate que ele percebe como um jogo de forças desigual. Instaura-se no menino o medo em relação ao pai.

Esse mesmo elemento que denota a fragilidade do menino em relação a seu pai é o que o leva a elegê-lo como um objeto almejado para obter satisfação tanto quanto a mãe. A possibilidade de compartilhar um pênis tão superior ao seu conduz o menino a uma atitude de amor com relação a esse pai. Essas idas e vindas em sua relação de amor e ódio para com o pai – a ambivalência – fazem instalar no menino um novo temor: perder o amor do pai. Se ele mantiver a atitude de hostilidade para com esse pai arrisca-se a perder o amor do pai e possivelmente algo mais.

Até aqui descrevemos a conflitiva edípica em termos de amor e ódio direcionado às figuras parentais. Mas, será que se resume a isto todo este período ou esta é uma visão um tanto simplista dos eventos? A última possibilidade parece a mais sensata a se considerar.

A rivalidade do menino com o pai em função da disputa pela mãe desperta no pequeno desejos parricidas. Fantasisticamente, esta saída magistral almejada e talvez até mesmo planejada – o parricídio - possibilitaria ao menino um acesso único e irrestrito à mãe. Mas a que preço? O mesmo preço apresentado por Freud (1913/2003) em *Totem e Tabu* aos filhos da horda primitiva que matam e canibalizam o Grande Pai realizando a refeição totêmica: o sentimento de culpa.

Segundo uma conhecida concepção, o parricídio é o crime principal e primordial tanto da humanidade como do indivíduo. Em todo caso, é a principal fonte do sentimento de culpa; não sabemos se a única, pois as indagações não tem podido todavia estabelecer com certeza a origem anímica

da culpa e da necessidade de expiação (Freud, 1928/2004, p. 180-181).

Se há sentimento de culpa decorrente do parricídio (tanto no caso dos filhos da horda primeva bem como do menino que premedita a eliminação do oponente) é porque não existiam apenas sentimentos de ódio e rivalidade na relação com o pai. Como já declaramos, a atitude do menino para com o pai é ambivalente, um misto de amor e ódio.

1.2.2. As figuras valorizadas no conflito edípico: amá-las, odiá-las, perdê-las ou o quê?

Consideramos os eventos que se desenrolam com o menino em direção à busca de satisfação em relação a seus objetos. Busca esta revestida de vicissitudes que o menino tenta superar. Questionamentos insolúveis se levantam ante o menino: como amar a mãe sem odiar o pai? Se amar a mãe tenho de deixar de amar o pai? Se amar o pai odeio a mãe? Como lidar, com tanto em jogo, com as amadas/odiadas figuras parentais?

Como já abordamos no item anterior, o menino apresenta um interesse especial pelo pai em função deste possuir algo que julga ser de grande valia: um pênis. Assim, o menino almeja ser como o pai e tomar o seu lugar; toma-o como um ideal a atingir. O menino quer ser como o pai então identifica-se com ele. Ao se identificar com o pai, o menino investe libidinalmente na mãe como objeto sexual. Segundo Freud (1921/2004), esses dois tipos de laço – um investimento de objeto sexual para com a mãe e uma identificação com o pai – subsistem lado a lado e acabam por reunir-se, fundando o complexo de Édipo tal qual o descrevemos no início do capítulo.

O complexo de Édipo oferece duas possibilidades de satisfação, de descarga da excitação sexual: uma ativa e outra passiva. À maneira ativa, o menino almeja tomar o lugar do pai e ter relações com a mãe; nesse caso o pai se tornaria dispensável e um obstáculo à realização da satisfação sexual. À maneira passiva, o menino deseja assumir o lugar da mãe – tornando-se esta descartável – a fim de ser amado pelo pai.

O menino acredita que o pênis tem algo a ver com a relação erótica existente entre seus pais e para tomar o lugar de um deles vê-se obrigado a abrir mão de seu órgão genital. Para tomar o lugar do pai junto à mãe precisa correr o risco de ser castrado como punição infligida pelo pai-rival. E para tomar o lugar da mãe precisa tornar-se castrado como pré-condição para assumir a forma feminina. Seja qual for a escolha do menino, esta implica na

castração. Mas há ainda outra possibilidade de desfecho, a qual é considerada por Freud (1924/2003) como a maneira esperada: o abandono, melhor ainda, destruição do complexo de Édipo. Nos termos do autor:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, então produz-se o conflito entre o interesse narcisista nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Neste conflito triunfa normalmente o primeiro desses poderes: o eu do menino abandona o complexo de Édipo (Freud, 1924/2003, p. 184).

1.2.3. Motivos para formar um Ideal

O que impele a criança a formar um ideal? De acordo com o que Freud (1914/2003) nos apresenta em *Introdução do Narcisismo*, o que leva à formação de um ideal é a influência (crítica) dos pais ou dos responsáveis pela criança. Os pais (ou quem quer que cumpra esse papel) são as figuras que auxiliam a criança em sua mediação com o mundo nos períodos iniciais de seu desenvolvimento, enquanto seu *eu* ainda é débil. São essas figuras as responsáveis pela alimentação, proteção, higiene da criança, assim elas estão em uma situação de proximidade e contato físico – inclusive - maior que quaisquer outras pessoas. Então nada mais lógico supor que são figuras altamente valorizadas pela criança, como vimos antes, ou seja, são figuras a partir das quais têm origem certa polarização nos objetos do aparelho psíquico.

As figuras parentais, conforme salientamos anteriormente, são amadas (e numa atitude ambivalente, também odiadas) pela criança. Uma das funções atribuídas socialmente aos pais é a tarefa de educar a criança e deste modo possibilitar que ela trafegue pelo meio social. Essa tarefa faz com que essas figuras delimitem as atitudes da criança. A partir do momento que as figuras parentais começam a corrigir atitudes da criança, consideradas por eles como inadequadas, ela tem de se adequar às exigências que lhe são impostas por essas figuras, sob o risco de perder o amor a ela dirigido por estes ou sucumbir às ameaças de punição. A criança precisa escolher entre o amor que tem por si mesma, e, conseqüentemente, por uma parte privilegiada de sua anatomia, e o amor que sente pelos pais.

Temos abordado as implicações da ambivalência frente às figuras parentais durante o período edípico para o menino. A grande questão que se coloca para a criança é como sair ileso deste conflito. O tópico da castração erige-se com mais e mais força para o menino com

o desenrolar de toda a tramitação que ocorre nesta etapa. Vejamos como se processam os eventos que conduzem ao medo da castração.

Em item anterior discutimos os marcantes atos masturbatórios da criança na fase fálica, a qual é contemporânea do período edípico. Essa forma de obtenção de satisfação, tão apreciada pelo menino, não é um comportamento aprovado pelos adultos e estes buscam pôr a termo tal comportamento coibindo sua prática. São apresentadas à criança ameaças de punição objetivando o abandono das práticas masturbatórias. A coibição da masturbação é entendida pelo menino como ameaça de perder seu órgão genital, de ser castrado. Para Freud (1924/2003, p. 183), “a organização genital fálica [do menino] desaba por causa desta ameaça de castração”. Em outros termos, seria a ameaça da castração o que levaria à destruição, ao menino desistir da organização genital fálica, no sentido que essa ameaça arruinaria os projetos fállicos do menino e o obrigaria a renunciar a seus intentos de satisfação auto-erótica. Mas, no começo, o menino não dá crédito a essa ameaça de castração. É necessário que uma nova experiência, uma nova informação resultante do contato com a realidade se interponha e o menino passe a acreditar na possibilidade de vir a tornar-se castrado: a visualização dos órgãos genitais femininos, que expõe ao menino a uma falta, a ausência do falo na mulher, invariavelmente, na mãe.

O que descrevemos até o momento, em termos de fase fálica, refere-se à descarga da excitação sexual do menino via masturbação. Ocorre que os eventos não podem ser tão simplificados, pois fazem parte de um todo mais elaborado: o complexo de Édipo. Desse modo, a castração, suas ameaças e angústias daí decorrentes, estão implicadas no contexto edípico vivido pelo menino, portanto, ligados aos anseios parricidas. De acordo com os termos de Freud em *Dostoievski e o Parricídio*, “em certo momento o menino compreende que o intento de eliminar o pai como rival será castigado por ele mediante a castração” (1928/2004, p. 181). Em verdade a castração deve ser a consequência lógica – na fantasia do menino – para qualquer que seja o objeto que irá eleger para amar: o pai ou a mãe. Para ser amado pelo pai precisa assumir a forma feminina, o que implica em uma castração. De igual modo, para poder amar a mãe tem de arriscar-se a ser castrado pelo pai como forma de castigo. Em suma, a satisfação via objetos parentais conduz à castração.

Se a satisfação que a criança anseia auferir mediante a fruição dos objetos pode custar-lhe algo precioso, a perda de um órgão anatômico narcisicamente investido, então vemos inaugurar um conflito. O que geraria prazer passa a despertar desprazer por antecipação dos

eventos: a angústia de castração. Como resolver o impasse? O caminho apontado por Freud (1915/2003b) é o da repressão dos impulsos eróticos e hostis dirigidos às figuras parentais que, ao serem percebidos pela consciência, são experimentados como uma ameaça, daí as sensações de desprazer.

De acordo com o que sublinha Freud (1915/2003b), a repressão não está presente desde o início das atividades do eu e requer que seja estabelecida uma distinção precisa entre as atividades conscientes e inconscientes. A repressão é definida nos seguintes termos: “*sua essência consiste em rechaçar algo da consciência e mantê-lo afastado dela*” (Freud, 1915/2003b, p. 142, grifos no original). No texto de 1915, A Repressão {*Die Verdrängung*}, Freud infere a existência da repressão (pois acredita que estes processos não são diretamente acessíveis à observação senão pelos seus resultados – as formações substitutivas e os sintomas) e aponta para existência de duas fases no processo de repressão: a repressão primordial ou originária e a repressão propriamente dita. Por repressão primordial o autor entende aquela na qual um conteúdo é pela primeira vez rechaçado e enviado para fora da consciência por não poder ser admitido nesta, dando origem a um núcleo primitivo de conteúdos inconscientes reprimidos. Já a repressão (propriamente dita) diz respeito aos rechaços posteriores de conteúdos igualmente inadmissíveis à consciência, invariavelmente ligados ao conteúdo primitivamente reprimido, e à manutenção desses conteúdos no inconsciente. Frisa ainda que o conteúdo que foi reprimido não sofre modificação, mas que “na realidade, a repressão só perturba o vínculo com um sistema psíquico: o do consciente” (Freud, 1915/2003b, p. 144).

O objetivo da repressão é a evitação do desprazer. Mas, o que é tido como desprazer para um sistema pode ser prazeroso para outro. Trazendo a questão da repressão para o campo edípico, o que seria entendido como desprazer para que necessitasse sofrer repressão? E, ainda, desprazer para qual sistema? Qual seria o conflito subjacente?

Com a escolha da mãe como objeto amado pelo menino, um paradoxo se estabelece: ser como o pai, mas não poder exercer todas as prerrogativas deste junto à mãe. Esta encruzilhada na qual o menino precisa enveredar em prosseguimento ao período edípico o conduz, via de regra, à repressão dos impulsos amorosos pela mãe e dos agressivos pelo pai. Essa é a condição para que o Édipo seja demolido. Termo interessante este, visto que remete a algo como que possa vir a ser soterrado. Algo muito próximo ao mecanismo da repressão no

qual um conteúdo é arrastado da consciência e torna-se preso, soterrado pelas defesas que impossibilitam (em condições de uma defesa bem-sucedida) o retorno do referido conteúdo.

Temos de considerar que a interdição paterna ao acesso do menino à mãe deixa o menino numa situação ao menos complicada: almejar a satisfação com o objeto eleito, mas temer desfrutá-la em função do interdito que ameaça com pena de castração. É flagrante para o menino a impossibilidade de obter satisfação com a mãe em virtude do cerceamento que o pai estabelece. Essa delimitação do que não pode ser realizado pelo menino, por ser prerrogativa do pai, é imposto sob a forma de uma lei. Algo como “não terás tua mãe!”. Como adiantamos em itens anteriores, esta situação não é agradável para a criança. A força premente da pulsão sexual dirigida para a mãe é coartada pelo pai, que impõe os ditames culturais quanto às figuras passíveis de serem tomados como objetos para a pulsão ser satisfeita. Essas imposições da cultura - da qual o pai é o representante máximo dentro da estrutura triangular do Édipo - colocam barreiras para impedir o incesto. Se o prazer que o menino vislumbra em possuir a mãe é menor que o preço que terá de pagar – a perda do amor do pai, a ameaça de castração – ele soterrará o desejo incestuoso por meio da repressão. Como Freud (1915/2003b, p. 142) alega, “a condição para a repressão é que o motivo de desprazer cobre um poder maior que o prazer da satisfação”.

Freud (1915/2003b) toma por regra que uma satisfação pulsional *sempre* é prazerosa. Assim sendo, o que levaria o menino a ter desprazer em sua realização? É a isto que Freud se refere quando questiona: “Por que uma moção pulsional haveria de ser vítima de semelhante destino [a repressão]?” (Freud, 1915/2003b, p. 141). É quando o autor supõe que algo, algum processo, transforma o prazer pela satisfação da pulsão em desprazer. Algo de irreconciliável precisa se estabelecer entre a satisfação da pulsão sexual e outra exigência. Essa outra demanda, no período edípico, pode ser entendida como a proibição imposta pelo pai quanto ao objeto incestuoso – a mãe -, por meio do qual o menino busca alcançar a meta da pulsão, a satisfação. Deste modo, é um terceiro que impõe ao menino a frustração das possibilidades de obtenção de prazer e isto tudo permeado por uma ameaça de mutilação: a castração. A angústia que se instaura pela possibilidade do menino vir a ser castrado, causa desprazer. Vemos aqui a condição para a repressão: o motivo de desprazer, a ameaça de castração, com uma supremacia sobre a premência da pulsão sexual dirigida a um objeto que lhe é barrado. A maneira pela qual o menino dá andamento ao mecanismo da repressão consiste em tomar em empréstimo a força do pai enquanto obstáculo, enquanto aquele que impõe a lei de abstinência com relação ao objeto-mãe para a realização de seus desejos. O menino erige dentro de si esse

mesmo obstáculo, em virtude da proibição paterna. Em outras palavras, é no contexto do Édipo que, mediante a repressão dos impulsos eróticos e hostis, deve se constituir a divisão entre um sistema inconsciente, por um lado, e outro sistema pré-consciente\consciente, por outro; divisão esta que não apenas caracteriza o modo freudiano de conceber o psiquismo humano, mas, sobretudo, apresenta-se como condição para a entrada na cultura. É por esta razão que Mezan (1982, p. 219) considera que “Freud parte da descoberta do caráter social da repressão: embora o mecanismo deste processo seja interior ao indivíduo, sua motivação pertence à cultura, que determina as modalidades de satisfação sexual permissível e ordena a expulsão das demais”.

Para que o menino erija a lei em seu aparato psíquico ele precisa ter internalizado também a figura detentora desta lei, aquele que a impôs: o pai. A internalização desta figura como componente do eu do menino é o que iremos tratar no tópico subsequente.

1.2.4. Ser o pai ou ter o pai: a identificação com a figura paterna e a emergência do Ideal do Eu

A interdição que o pai impõe ao menino, com todos os meandros que esta situação evoca, conforme expusemos acima, precisa ser internalizada pelo pequeno aspirante. A maneira pela qual se dá a internalização da figura paterna, bem como da interdição por ela imposta, é a identificação do menino com o pai. O gatilho para que o processo identificatório ocorra pode ser acionado por alguns fatores: a figura paterna é invejada pelo menino em função de seu acesso irrestrito à mãe e pela posse de algo que lhe é bastante atraente – o pênis, com toda conotação fálica subjacente -, então torna-se alvo de incorporação pela tentativa do pequeno em igualar-se ao pai; apesar de toda hostilidade que o menino dirige ao pai, este ainda é uma figura amada e incorporá-lo no eu é uma forma de preservá-lo contra seus ataques hostis⁹; o menino, sabedor de que o pai é uma figura apreciada pela mãe, tendo-se igualado a ele via identificação pode oferecer-se a ela como objeto equivalente a ser amado.

⁹ Em *Pulsões e Destinos de Pulsão* Freud (1915/2003a) descreve a introjeção de objetos que são fonte de prazer e a projeção daquilo que (no interior do aparelho) provoca desprazer. Melanie Klein descreve como a incorporação ou, melhor, introjeção do objeto bom/seio bom seria uma tentativa do bebê em preservar esse objeto que pode ser atacado e aniquilado pelo objeto mau/seio mau que fora projetado.

Identificar-se com o pai, ou seja, trazer o pai para dentro de seu eu como elemento constitutivo deste, implica no advento a uma nova forma do menino lidar com a interdição. Agora não é mais necessário que o pai imponha a Lei, pois havendo este sido internalizado no menino, a Lei também o foi. O menino passará a cumprir a Lei, se submeterá a ela não mais por imposição externa, mas pelos ditames internos.

Chegamos aqui ao paralelo traçado por Freud entre a Lei do pai da Horda Primeva e a internalização da Lei em cada indivíduo pertencente à sociedade. A instauração da Lei é que possibilita ao indivíduo o ingresso ao meio social. Mas o que tem a ver isso com a emergência do Ideal do Eu?

Durante a tramitação edípica uma questão que se coloca para a criança: abrir mão de quê? Todas as posições satisfatórias, todas as vivências de satisfação alcançadas pela criança não são facilmente abandonadas, como Freud (1914/2003) nos atesta. A tendência é que a criança busque reproduzir as experiências que lhe resultaram em satisfação. As figuras parentais, na qualidade de objetos internalizados, foram e são fontes de satisfação para a criança do mesmo modo que seu narcisismo aponta para a satisfação obtida por seu eu como objeto investido libidinalmente. Que fazer sem ter de abdicar a nenhum de seus objetos de amor? Para a criança resta uma alternativa que preserva ambos os objetos (seu *eu* e os pais): a formação de um ideal, no qual seu narcisismo será preservado e as figuras parentais continuarão como objetos de seu amor. A maneira, ou melhor, o percurso como se dá a constituição do ideal (do eu) no indivíduo é o que temos tentado desenvolver. Apoiados como estamos nas obras de Freud, sabemos agora que a emergência e constituição do Ideal do Eu está vinculada à não renúncia aos objetos de amor que são constitutivos do indivíduo. Em outras palavras, sua emergência é constitutiva da tramitação edipiana, período que desemboca na identificação com a figura paterna, na internalização da Lei que são elementos formativos do eu, ou ainda, elementos formativos de diferenciação no eu. Esta diferenciação tem como mérito preparar o terreno para que o indivíduo tenha condições de transitar pela cultura. A solução que a criança encontra ao erigir um Ideal do Eu, essa saída de mestre tem um preço: a inclusão do indivíduo no meio social. Isso porque, tendo ele internalizado as críticas dos pais, posteriormente somar-se-ão a elas a de uma legião de outras figuras também valorizadas: educadores, professores, companheiros e até a opinião pública. Deste modo, pode-se entender que o ideal tem, além de sua parte individual, sua parte social: é também o ideal comum de uma família, de uma classe social ou de uma nação. É o ideal que instrumentaliza o indivíduo para conviver em sociedade. Em verdade, o Ideal do Eu tem algo de para além do individual,

pois com ele a cultura é instalada no interior do aparelho psíquico, condição para a emergência do ser humano como ser social propriamente dito.

Se entendermos que o Ideal do Eu é o herdeiro ou remanescente do conflito edípico e agregarmos a esta primeira idéia a suposição de Freud (1933/2003), apresentada em *A Decomposição da Personalidade Psíquica*, segundo a qual ele é o precipitado da antiga imagem dos pais, atingimos o entendimento de que essas figuras tão valorizadas para a criança que foram internalizadas e formaram o Ideal do Eu são aquelas imagens idealizadas que a criança fazia destes pais. Não são os pais reais, que por contingências do meio não podem satisfazer a todo momento as necessidades da criança colocando-a em situação de privação, o que gera desprazer e conseqüentemente aumento na quantidade de excitação interna, e sim a representação idealizada que a criança fazia da perfeição que outrora a eles atribuía. Imagem esta que a criança tinha de si mesmo e por contigüidade era projetada nas figuras paternas. Isto porque nos períodos iniciais do desenvolvimento do eu a relação eu-meio externo era mediada pelas figuras parentais, em especial a mãe. Figuras estas tomadas como detentoras de todas as perfeições, pois nada mais eram que as projeções do eu da criança do mundo externo.

O movimento de abandono do investimento libidinal endereçado à mãe e a identificação com o pai, que promovem a derrocada do complexo de Édipo no menino e a constituição de um Ideal do Eu, precisam passar por dois processos: a idealização das figuras parentais e a identificação com o pai. O que ocorre no desfecho do Édipo é o abandono dos investimentos de objeto, sendo que estas são substituídas por identificações. Como forma de não perder o amor do pai – é possível que seja mais apropriado dizer dos pais – sua autoridade é introjetada no *eu*. Introjeção esta efetuada via identificação com a figura parental. A autoridade do pai passa a fazer parte do *eu* da criança, formando aí o núcleo do supereu; ou talvez fosse mais correto dizer que o que está formado é o ideal do eu, que será o núcleo do supereu. É bom ressaltar que, como destacamos anteriormente, Freud (1923/2003a) considerava equivalentes os conceitos de ideal do eu e supereu nesta época de seus estudos - conforme pode ser verificado no título do capítulo dedicado ao Supereu (Ideal do Eu) do texto *O Eu e o Isso* -, por isso usamos os termos num sentido equivalente para manter a fidelidade aos escritos do autor. O supereu, por sua vez, “toma emprestado do pai sua severidade, perpetua a proibição do incesto e, assim, assegura o eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto” (Freud, 1924/2003, p. 184).

Esse quadro é bastante complexo, pois, como destaca Freud (1923/2003a), a relação do eu com o ideal do eu tem um aspecto dúplice e antagônico: de um lado o dever de ser como o progenitor e de outro a proibição de sê-lo, estando impedido de fazer tudo o que ele faz, pois certos atos são prerrogativas deste progenitor. É a ameaça da castração e, mais precisamente, o medo de perder o amor do progenitor que conduz a criança em direção à dissolução do complexo de Édipo. Deste modo, o ideal do eu/supereu tem a missão de reprimir o complexo de Édipo e o faz retendo o caráter do pai, ou seja, identificando-se com ele. Ele – o ideal do eu – é o representante de nossas relações com nossos pais. Como não é de bom grado que o indivíduo abandona uma posição libidinal, identificar-se com o progenitor é uma maneira de manter os laços afetivos com este objeto amado e temido, colocando suas características dentro de si.

O ideal do eu é, portanto, a herança do complexo de Édipo e, assim, expressão das mais potentes moções e os mais importantes destinos libidinais do isso. Mediante sua instituição, o eu se apodera do complexo de Édipo e simultaneamente se submete, ele mesmo, ao isso. Enquanto que o eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o supereu se lhe enfrenta como advogado do mundo interior, do isso. Agora estamos preparados a discerni-lo: conflitos entre o eu e o ideal espelham, refletiram, em última análise, a oposição entre o real e o psíquico, o mundo exterior e o mundo interior (Freud, 1923/2003a, p. 37-38).

Pode-se dizer que a identificação que dá origem ao supereu é uma identificação bem sucedida com a instância parental. Esse assemelhar um *eu* a outro é que permite que a criança assuma o poder, a autoridade que outrora era prerrogativa paterna. É por isso que, dez anos depois, Freud (1933/2003) dirá que o papel exercido pelo supereu é desempenhado inicialmente pela autoridade dos pais. E nesse mesmo texto são atribuídas três funções ao supereu: de auto-observação, de consciência [moral] e de [manter] o ideal. Do estudo de casos de delírios de estar sendo observado, o autor deduziu como sendo uma das funções do supereu a auto-observação e também sugeriu que o observar seria uma preparação para julgar e punir – sendo a atividade de julgar uma função da consciência (moral). O supereu “é também o *portador do ideal do eu* com que o eu se mede, ao que aspira alcançar e cuja exigência por uma perfeição cada vez mais vasta se empenha em cumprir” (Freud, 1933/2003, p. 60, grifo nosso). Aqui, como aponta Strachey (1961/2003), há um retorno a concepção apresentada do ideal do eu em *Introdução do Narcisismo*: sua origem na imagem idealizada que a criança fazia dos pais. Nos termos do autor, o “ideal do eu é o precipitado da velha representação dos

progenitores, expressa a admiração por aquela perfeição que o menino lhes atribuía nesse tempo” (Freud, 1933/2003, p. 60).

CAPÍTULO 2

ESBOÇO DE UMA ANÁLISE METAPSICOLÓGICA DO PROCESSO DE EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU

Neste capítulo retomaremos as noções contidas na descrição apresentada no capítulo anterior e tentaremos aprofundá-las, avançando até onde for possível na análise e discussão dos conceitos teóricos envolvidos. O intuito é esboçar uma fundamentação metapsicológica ao processo de emergência e constituição do ideal do eu.

Como anunciamos na Introdução deste trabalho, tomaremos o modelo de aparelho psíquico pensado por Freud em 1895, no *Projeto de uma Psicologia* (doravante designado por *Projeto*), suas noções e pressupostos fundamentais, para tentar introduzir alguns esclarecimentos metapsicológicos acerca da questão que nos interessa. A intenção é tentar introduzir algum avanço para além dos limites das descrições costumeiramente encontradas em manuais de psicanálise, com vistas a tentar dirimir algumas das nebulosidades que circundam o conceito de ideal do eu na obra freudiana. Mas, por que o *Projeto*? Não seria mais útil lidar com os modelos de aparelho psíquico apresentados por Freud em 1923, em *O Eu e o Isso*, e em 1933, nas *Novas Conferências Introdutórias de Psicanálise*, ou mesmo o modelo do Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, datado de 1900? Todos esses modelos de aparelho psíquico poderiam levar-nos a considerações válidas e legítimas sobre nosso tema de estudo. Então, a resposta que poderíamos dar para justificar nossa escolha pelo texto de 1895 para auxiliar-nos no aprofundamento de um conceito forjado em 1914, no texto *Introdução do Narcisismo*, escrito dezenove anos depois, tem a ver com as possibilidades frutíferas oferecidas pelo estudo do texto do *Projeto*. cremos, apoiados em Monzani (1989), que as elaborações freudianas não são simplesmente ultrapassadas, mas que, desde os primeiros textos, Freud traça pressupostos que serão melhor esclarecidos conforme os estudos permitem subsídios teóricos mais consistentes. Isto não implica no entendimento de que não há o abandono, por parte do autor, de teses refutadas pela experiência clínica, mas sim um compromisso com a sistematização dos conhecimentos alcançados dando-lhes um corpo cada

vez mais complexo e tão abrangente quanto o possível. Neste sentido, os achados de Freud permitiram que o autor transpusesse barreiras conceituais com o avançar dos estudos. E, nessa perspectiva, acreditamos que embora Freud alcance graus cada vez mais precisos em termos de detalhamento conceitual, muitos dos pressupostos fundamentais que alicerçam os conceitos que formam a metapsicologia permanecem praticamente inalterados desde sua apresentação no *Projeto*, de 1895.

Ainda, considerando um outro ponto de vista, poder-se-ia objetar por que a aproximação de um conceito puramente psicanalítico – forjado em 1914 - ao modelo de aparelho psíquico apresentado no *Projeto*, se neste Freud se revela ainda preso a uma posição nitidamente neurobiológica, própria de sua formação médica? Argumentamos com as considerações tecidas pelo autor no texto *Introdução do Narcisismo*, de 1914, sobre as bases psicológicas estarem assentadas em substrato biológico (ou material). Damos voz a essa passagem do autor:

... todas nossas concepções psicológicas provisórias deverão, em algum momento, assentar-se sobre o terreno dos substratos orgânicos. É provável, pois, que sejam materiais e processos químicos particulares os que exerçam os efeitos da sexualidade e atuem como intermediários no prosseguimento da vida individual na vida da espécie. Nós levamos em conta tal probabilidade substituindo essas matérias químicas particulares por forças psíquicas particulares. ... Precisamente porque sempre me esforcei por manter afastado da psicologia tudo o que lhe é alheio, incluído o pensamento biológico, *quero confessar neste lugar de maneira expressa que a hipótese de umas pulsões sexuais e do eu separadas, e, portanto, a teoria da libido, descansa minimamente em bases psicológicas, e no essencial tem apoio biológico* (Freud, 1914/2003, p. 76, grifos nossos).

Como é de praxe do autor, que considera estar se enveredando por estudos que lhe permitam descortinar os eventos anímicos, Freud (1914/2003) anuncia após este comentário sobre o substrato biológico das pulsões que este é o entendimento utilizado por ele naquele dado momento de seus estudos, mas que de bom grado abriria mão deste em favor de outra hipótese se o trabalho psicanalítico assim o indicasse. James Strachey (1957/2003c), na *Nota Introdutória* ao texto *Pulsões e Destinos de Pulsão*, destaca que essa tese freudiana aparece em textos anteriores a este como no estudo do caso de Schreber, de 1911, e também em adendos feitos à terceira edição dos *Três Ensaios de Teoria Sexual* (publicada em 1915). Não nos parece que um entendimento diferente a respeito do assunto – as bases biológicas da pulsão - seja produzido por Freud, pois apenas um ano após a declaração acima citada ele publica *Pulsões e Destinos de Pulsão*, no qual destaca o conceito de pulsão como um conceito limítrofe, como estando na fronteira entre o psíquico e o somático, o representante anímico dos estímulos endógenos. Este é um assunto polêmico que enfatizamos com fins de ancorar

nossa escolha pelo modelo de aparelho psíquico do *Projeto*. Não temos a intenção de prosseguir com esta discussão, pois não é pertinente ao trabalho proposto.

Deste modo, cremos estar justificados para retomar o *Projeto* com vistas a dar subsídio para pensar os momentos e movimentos de constituição de um eu, bem como as divisões em seu bojo, no aparato psíquico. Sabemos, porém, que as aproximações a que nos propomos não poderão se dar ponto a ponto, mas julgamos que da aproximação que formos capazes de estabelecer possam surgir possibilidades frutíferas em termos de hipóteses de trabalho. Afinal de contas, todo o arcabouço teórico da psicanálise assenta-se na teoria da libido, a qual o autor declara ter raízes profundas no biológico. Mais ainda, para estudar os períodos de desenvolvimento do eu, a descrição altamente detalhada sobre a noção de Eu apresentada no *Projeto*, mesmo que balizada por pressupostos biológicos (poderíamos até sugerir que o modelo de aparelho apresentado ali é neuropsíquico), saltou-nos aos olhos em termos de possibilidades de extrair hipóteses de trabalho com relação ao conceito de Ideal do Eu. Se estamos enveredando pelos caminhos da constituição do Ideal do Eu, o entendimento do autor que nos interessa neste estudo – Freud – sobre a gênese do eu no instrumento anímico também nos será útil para pensar suas complexificações e seus desdobramentos.

Outro ponto a ser destacado é sobre a proposta do trabalho de tentar algum esclarecimento metapsicológico a respeito do tema. O substrato metapsicológico de um conceito tem caráter abstrato. Isso significa que por meio dele se daria uma explicação ao evento para além da descrição do que está na superfície, do visível, do fenômeno observável, enfim. Por conseguinte, conforme considera Honda (2009), de modo análogo à conceituação próprias de ciências naturais, como os conceitos teóricos da física, o conceito metapsicológico deve ser considerado como transfenomenal, na medida em que transcende a aparência do fenômeno. Além disso, o conceito metapsicológico deve igualmente ser considerado contrafenomenal¹⁰, ou seja, ele pode contrariar as descrições ou ainda pode, aparentemente, estar muito distante – por resultar da atividade de abstração - do que pretende explicar. Isto só pode ser compreendido pela explicitação de níveis mais fundamentais, no sentido das teorizações gerais e de caráter universal relativas ao fenômeno. Assim sendo, buscaremos subsídios teóricos que nos permitam tecer alguns liames entre o que está na superfície e seu substrato. Levantaremos hipóteses de trabalhos com vistas a criar conceitos descritivos e operativos que permitam uma demonstração em tela, a saber, o esclarecimento metapsicológico do modo como emerge e se constitui o Ideal do Eu.

¹⁰ Um exemplo oportuno da característica contrafenomenal do conceito metapsicológico é a explicação do ódio não ser o oposto do amor. Para maiores esclarecimentos ver o texto *Pulsões e Destinos de Pulsão*.

2.1. NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O FUNCIONAMENTO DO APARELHO PSÍQUICO APRESENTADAS EM *PROJETO DE UMA PSICOLOGIA*

*Oh mundo invivível, nós o vemos,/ Oh mundo intangível, nós o tocamos,/ Oh mundo incompreensível, nós o conhecemos,/ Inapreensível, nós o agarramos!*¹¹ (Francis Thompson)

No primeiro capítulo tratamos de descrever os acontecimentos dos períodos pré-edípico e edípico, bem como situar as noções operacionais relacionadas que concorrem para a emergência e constituição do Ideal do Eu no aparato psíquico. Para prosseguir rumo a uma análise de discussão de caráter metapsicológico, pensamos ser necessário localizar o leitor com respeito a algumas das noções fundamentais apresentadas no *Projeto*; por isso, para facilitar a compreensão do subsequente, esta seção trata de esclarecer o jargão e a rede conceitual aí elaborada. Destacaremos os conceitos-chave para, a partir destes primeiros momentos dos desenvolvimentos teóricos, podermos articular conceitos forjados posteriormente na teoria freudiana.

Apesar do texto do *Projeto* não ter sido publicado por Freud, este guarda importância para o estudo dos desenvolvimentos conceituais do autor na medida em que nele estão inseridos os primeiros supostos sobre o aparato psíquico. Em realidade, no *Projeto* está a primeira tentativa de esboçar o funcionamento do aparelho psíquico. Desta maneira vislumbramos a possibilidade de buscar neste texto, em suas noções preliminares, recursos teóricos para embasar a questão da emergência e constituição do Ideal do Eu.

Conforme os termos de Freud (1895/1995), o objetivo ao escrever o *Projeto* é “apresentar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas” (p. 09). As duas idéias principais que norteiam o texto são: 1) existe uma Q¹² que diferencia atividade de repouso, a qual é submetida à lei geral do movimento, e 2) os neurônios são entendidos como partículas materiais. De acordo com Gabbi Jr. (1995), “Q é definida como modificação de um estado, como uma diferença entre repouso e movimento” (p. 109), ou seja, Q designaria algo da ordem de uma quantidade, cuja presença no interior do sistema nervoso o coloca em movimento. Neste caso, estaríamos em

¹¹ Oh world invisible, we view thee,/ Oh world intangible, we touch thee,/ Oh world unknowable, we know thee,/ Inapprehensible, we clutch thee!

¹² A título de simplificação da exposição, usaremos a abreviatura Q para quantidades independentemente dela ser de origem endógena ou exógena. Alertamos que, conforme atesta Gabbi Jr.(1995) a abreviatura Qη era utilizada por Freud como indicação de quantidade endógena, pois essa forma aparecerá em citações diretas do autor.

presença de alteração de um estado de movimento para o de repouso ou, ainda, de um estado de repouso para um de movimento. Então, falar de aumento ou diminuição de Q é descrever uma passagem, uma movimentação de quantidade de um estado de menos para mais movimento, ou o inverso. Tomando Q como aquilo que promove diferenciação no movimento, quando Q for igual a zero, que estaria ocorrendo? Ausência de variação, de passagem de Q não indica repouso e sim um movimento constante, uma invariância no movimento. Em outros termos, Q igual a zero implicaria na lei da inércia, que expressa a “... tendência de um corpo para conservar a sua quantidade de movimento enquanto não for perturbado por outro corpo” (Gabbi Jr, 1995, p. 109). O princípio da inércia impulsiona o movimento reflexo, a eliminação da quantidade do sistema¹³. Poderíamos fazer a seguinte analogia: é como se uma torneira – simbolizando o cilindro de um neurônio - permanecesse sempre aberta e por ela jorrasse água ininterruptamente, havendo um movimento constante no qual não haveria acúmulo de água no sistema de tubulações. Esta maneira de funcionamento do aparelho é a função exercida aos moldes do sistema nervoso primário. Para Freud (1900/2004), no entanto um organismo que funcione apenas pela função primária é uma ficção, pois as necessidades da vida, originadas por estímulos endógenos – os grandes carecimentos como a fome, a respiração¹⁴ - cedo se impõem ao sistema nervoso. Será preciso que o sistema nervoso consiga lidar com as necessidades que lhe são impostas a partir do interior do organismo até que seja possível a intervenção de outro proveniente do meio externo. O sistema nervoso de um organismo no início da vida não tem condição de desembaraçar-se dessa quantidade por si mesmo, não tem como fazer com que ela cesse e a única forma dessa quantidade ser diminuída a níveis toleráveis é por meio de uma *ação específica*, inicialmente, portanto, executada por um agente externo. Por ação específica entendemos uma ação realizada no meio externo que tem por finalidade a eliminação da quantidade endógena que resultou dos grandes carecimentos. São as necessidades da vida que impelem o sistema nervoso a funcionar não mais (apenas) pelos processos primários, “a abandonar a tendência originária para a inércia” (Freud, 1895/1995, p. 11), gerando a ocorrência do armazenamento de quantidade: a função secundária do sistema nervoso.

¹³ Tópico que ficará mais compreensível quando Freud aliar a teoria neuronal à da quantidade.

¹⁴ Apesar de Freud falar da sexualidade no *Projeto* como um dos grandes carecimentos, preferimos deixá-la de lado neste momento, pois o entendimento do autor quando escreveu este rascunho era o de que a sexualidade emerge a partir do período da adolescência. Este entendimento é retificado poucos anos mais tarde, como podemos constatar no texto *Três Ensaios de Teoria Sexual*, de 1905.

2.1.1. Os sistemas ϕ e ψ : ou a percepção e a memória no aparato psíquico

A esta teoria quantitativa Freud (1895/1995) alia o conhecimento (naquela época ainda recente) sobre os neurônios. O sistema nervoso é concebido como formado por neurônios distintos entre si, em contato uns com os outros (formando ramificações) e com mesma estrutura histológica. Os neurônios recebem quantidades “através de prolongamentos celulares e emitem por meio de cilindros do eixo” (p.12). Forma-se então a idéia de um neurônio – figura do sistema nervoso – que pode estar ora ocupado¹⁵ com Q, ora desocupado, vazio. Partindo desta concepção neuronal do sistema nervoso, fica mais clara a regulação pelo princípio da inércia: uma corrente contínua que se dirige do corpo do neurônio, ou de seus prolongamentos, para o cilindro, o qual eliminará a quantidade transmitindo-a para outro neurônio e assim sucessivamente¹⁶. Esta seria a função primária do sistema nervoso, a livre eliminação de quantidade. Como não é possível que o organismo funcione primariamente sem colocar em risco a vida, a suposição de que haja uma resistência à eliminação torna-se necessária. Freud (1895/1995) postula a existência de *barreiras de contato* que impediriam a eliminação (ao menos parcial) de quantidade e a partir da acumulação assim proporcionada certa cadeia neuronal tornar-se-ia diferenciada, possibilitando assim que esses neurônios retenham a *memória* de certas vivências. Teríamos então duas classes de neurônios, os quais Freud (1895/1995) afirma haver encontrado – e não inventado: 1) uma classe na qual os neurônios não seriam alterados pela passagem de quantidade em função de suas barreiras de contato não imporem resistência e a quantidade ter livre eliminação, os *neurônios permeáveis*, designados por Freud sistema de neurônios ϕ ; este sistema de neurônios estaria em conexão com a periferia do corpo e a ele chegariam os estímulos externos, assim sendo, seriam responsáveis pela percepção; 2) outra classe de neurônios estão em conexão com o interior do corpo, recebendo excitações endógenas; são dotados de barreiras (barreiras comuns, como as de contato entre os neurônios, mas não aparatos de proteção anti-estímulos) que “só deixam passar Q η com dificuldade ou só parcialmente” (Freud, 1895/1995, p.13). Da excitação produzida por algum tipo de evento restaria uma diferenciação permanente entre certo circuito de neurônios, possibilitando que seja constituído um registro de memória. A essa classe de neurônios impermeáveis, responsáveis pela memória, Freud denomina sistema de neurônios ψ .

¹⁵ Trata-se da noção de *Besetzung* – do verbo *besetzen* – para a qual utilizamos os termos ocupação, por indicação da obra de Gabbi Jr. (1995). Reforçamos o que dissemos anteriormente (na nota 4) que adotamos o termo ocupação por considerarmos mais adequado ao caráter neurológico e materialista do *Projeto*.

¹⁶ Aqui não trataremos da eliminação da quantidade do sistema nem o que se dará com essa quantidade em fluxo.

Os trajetos marcados pela passagem da quantidade entre os neurônios ψ transformam-se em caminhos preferenciais para novas passagens de quantidade, pois torna-se menos impermeáveis (mais semelhantes aos neurônios ϕ), portanto, mais capazes de conduzir Q. Essa abertura de trilhas por onde as barreiras de contato estão mais aptas a permitirem a passagem de quantidade são descritas como facilitações. Portanto, “a memória apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ ” (Freud, 1895/1995, p.14). Daqui depreende-se que existem facilitações preferenciais comparadas a outras quando um curso excitativo se impõe ao sistema. A fixação de trilhas preferenciais, de facilitações entre os neurônios ψ , dependerá da grandeza da impressão – em outros termos, da quantidade que se impôs como fluxo, que sobrecarregou os neurônios ψ , fazendo com que a resistência das barreiras de contato cedesse à passagem – e da repetição da experiência. Deste modo, a memória possibilitada pelo grupo de neurônios ψ facilitados terá a efetividade de uma vivência, de um registro de uma experiência que se deu a nível neuronal¹⁷.

Segundo Freud (1895/1995), “o sistema nervoso tinha desde o início duas funções: receber estímulos de fora e eliminar excitações originadas endogenamente” (p.17). Isto implica que para o organismo sair deste circuito, para haver desenvolvimento do sistema nervoso, as necessidades da vida terão de se impor ao sistema. Assim, o sistema ψ se desenvolverá posteriormente (ao sistema ϕ) via multiplicação de neurônios e acumulação de quantidade¹⁸.

Estamos falando em duas classes de neurônios (ϕ e ψ). A diferença entre os sistemas compostos por esses neurônios não seria histológica, mas a diferença se daria pela Q com a qual cada classe de neurônio teria que lidar: dar curso ou acumular. Também a diferença de localização e conseqüente estimulação a que os neurônios ϕ e ψ estão sujeitos é determinante na característica de permeabilidade ou de impermeabilidade que apresentam. De modo que o sistema ϕ está em conexão ao meio externo, do qual se originam grandes magnitudes de quantidade, e precisa eliminar rapidamente grandes Qs que adentram ao neurônio. Já o sistema ψ recebe quantidades provenientes de duas fontes distintas: dos neurônios ϕ e do interior do corpo. Freud (1895/1995) supõe que as quantidades que chegam ao sistema ψ sejam de grandeza menor do que as que adentram ao sistema ϕ . Isto se deveria às barreiras

¹⁷ Não estamos tratando de eventos conscientes, mas de eventos que ocorrem a nível intra e intercelular e que não alcançaram o sistema ω , sobre o qual ainda não tecemos considerações. Como Freud (1895/1995) anuncia, os eventos dos quais estamos discorrendo devem ser considerados inconscientes, isto é, em Freud a memória é essencialmente inconsciente, apenas secundariamente pode tornar-se consciente.

¹⁸ O desenvolvimento do sistema ψ será crucial para pensarmos as origens do eu-instância e suas diferenciações, como a que nos interessa diretamente, a saber, a emergência do ideal do eu a partir do próprio eu.

de contato que estariam presentes em ψ as quais deixariam passar uma parcela de Q que chegariam do sistema ϕ bem como das quantidades oriundas do interior do corpo serem, por natureza, de grandeza menor que as provenientes do meio externo e que chegam aos órgãos dos sentidos. Os órgãos dos sentidos, aos quais o sistema ϕ está ligado, serviriam como proteções contra Q , impedindo que quantidades muito grandes invadam ϕ , o que implica em que os órgãos do sentido ajam de maneira a reduzir a Q advinda do meio externo (Q exógena) antes que ela chegue ao sistema ϕ e seja transmitida ao sistema ψ .

Como vimos, os sistemas ϕ e ψ tem dispositivos para impedir que as grandes quantidades adentrem: as proteções contra Q e a ligação de ψ via ϕ com o meio externo. Freud (1895/1995) postula que algo pode sobrecarregar o sistema e fazer com que ele falhe, assemelhando-se aos processos patológicos: a *dor*. O autor define a dor como a “*irrupção de grandes Q s na direção de ψ* ” (Freud, 1895/1995, p. 21, grifos no original). A dor, por permitir fluxo de Q s de grandes magnitudes em ϕ e ψ , deixa o sistema sem nenhuma possibilidade de impedimento de condução de quantidade – os neurônios ϕ e ψ ficam em condição de permeabilidade; os sistemas agem de modo idêntico.

Compreende-se facilmente que a dor tome todos os caminhos de eliminação. Segundo nossa teoria de que Q cria facilitação, a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em ψ , como se {os neurônios ψ } tivessem sido atingidos pelo raio, facilitações que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em ϕ (Freud, 1895/1995, p.21).

Em outros termos, podemos dizer que o caminho percorrido com a quantidade excessiva que sobrecarregou os sistemas ϕ e ψ deixaram um registro de memória que será acionado quando outro evento similar ao primeiro – outro evento doloroso - venha a acontecer. Ter os caminhos facilitados para o fluxo de grandes quantidades é um meio para cumprir uma das inclinações mais básicas do sistema nervoso: a fuga da dor¹⁹.

2.1.2. O sistema ω , a qualidade e a consciência

¹⁹ Baseados apenas nos pressupostos de 1895, a fuga da dor pode ser um indício a ser pensado sobre o dispositivo da repressão. Se a repressão é entendida como uma tentativa de evitar o desprazer, é possível que o protótipo desse mecanismo esteja inserido no de evitação da dor. Essa suposição que depreendemos do *Projeto* é confirmada por Freud (1900/2004) no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, quando afirma que a fuga da dor, o que economicamente significa desinvestir [desocupar] uma representação, é o protótipo da repressão.

Um terceiro sistema é pensado por Freud (1895/1995) para dar conta de explicar a consciência: o sistema ω . Este sistema de neurônios seria estimulado juntamente com o sistema ϕ , o sistema encarregado da percepção, e teria como resultado das excitações ali geradas as sensações conscientes ou qualidades. O autor supõe que as quantidades que movem o sistema ω sejam menores que as quantidades que põem em movimento o sistema ψ e, menores ainda que as que têm lugar no sistema ϕ . Os neurônios que compõem o sistema ω , assim como os neurônios que compõem os sistemas ϕ e ψ , seriam passíveis de serem ocupados com quantidade e aspirariam à eliminação. Em outras palavras, comportam-se de modo idêntico aos neurônios dos sistemas ϕ e ψ . Se considerarmos que se trata de quantidades tão pequenas, só poderíamos pensar numa impermeabilidade dos neurônios ω . Isto em termos quantitativos. Mas o autor postula que deve existir outra característica que rege o movimento neuronal, em particular do sistema ω : o caráter temporal ou período. Assim uma nova suposição é acrescentada: "... toda resistência das barreiras de contato só valeria para transferência de Q, embora o período do movimento neuronal propague-se sem inibição em todas as direções, semelhante a um processo de indução" (Freud, 1895/1995, p. 24). Deste modo, o contingente quantitativo em movimento ocasionado pelos estímulos externos teria uma nova característica a ser pensada: se não é possível para a quantidade transpor as barreiras de contato existentes e alcançar os neurônios ω , algo outro deve conseguir transpor esses obstáculos e alcançá-los, e seria o período do movimento. Então, os neurônios ω - por não serem capazes de receber Q, em função da quantidade acumular-se nas barreiras de contato do sistema ψ - "...apropriam-se do *período* de excitação, e este seu estado de afecção pelo período, a partir de um mínimo de preenchimento de $Q\eta$, é o fundamento da consciência" (Freud, 1895/1995, p. 24, grifo no original). Outra suposição decorrente da característica do período do movimento é a de que os órgãos dos sentidos agiriam como crivos, e não apenas como proteções contra Q, permitindo que apenas estímulos de certos períodos adentrem em ϕ passando por ψ e chegando finalmente a ω . Os estímulos que chegam ao sistema ω tem, deste modo, baixa quantidade e produzem as sensações conscientes, a qualidade, que não deixa traço (memória) e, portanto, não pode ser reproduzida.

Dos supostos apresentados até o momento, Freud define o que vem a ser consciência:

Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω ; e a supressão da consciência não

deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω (1895/1995, p. 25).

Mais uma vez o autor destaca que os processos que estão sendo discutidos não possuem, necessariamente, a característica de serem conscientes. Deixa claro que a ocorrência psíquica prescinde da consciência, sendo considerados como processos inconscientes em sua essência – dados pelo funcionamento dos sistemas ϕ e ψ –, que, por alguma adição – o acionar do sistema ω –, passa a contar com a qualidade, com a sensação consciente.

2.1.3. As sensações conscientes de prazer e desprazer

Além de a consciência ter por conteúdo as qualidades sensoriais, tem ainda as sensações de prazer e desprazer. Já falamos sobre o mecanismo da dor e da tendência do sistema nervoso em fugir da dor. Fazendo uma analogia entre dor e desprazer e considerando como tendência do aparato psíquico a evitação do desprazer, podemos então identificar o desprazer a um aumento de Q e a tendência a evitar o desprazer com o princípio da constância, pelo qual o sistema nervoso busca desembaraçar-se da quantidade que o sobrecarrega. Em termos de sistema ω , a sensação de desprazer se daria com o crescimento de Q impedida de ser descarregada, portanto, acumulada em ψ . Já que a quantidade só pode chegar a ω a partir de ψ , a suposição de Freud (1895/1995) é a de que o aumento de quantidade em ψ provoca a ocupação em ω e a conseqüente sensação de desprazer. O prazer, ao contrário, se daria pela eliminação de quantidade acumulada em ψ e a diminuição dessa quantidade chegaria a ω provocando a sensação de prazer.

Prazer e desprazer seriam as sensações da própria ocupação, do próprio nível em ω , em que ω e ψ apresentam-se de certo modo como vasos comunicantes. Desta forma, os processos quantit[ativos] em ψ também viriam à consciência, de novo, enquanto qualidades (Freud, 1895/1995, p. 26).

2.1.4. O aparelho psíquico em funcionamento

Já tratamos dos sistemas de neurônios que compõem o sistema nervoso. Neste item apresentaremos a interação entre estes sistemas quando do funcionamento do aparelho. Traçaremos um percurso desde a entrada de Q no sistema até sua descarga.

Qs provenientes do meio externo chegam aos órgãos dos sentidos – os quais servem como proteções contra Q e também como crivo - adentram ao sistema nervoso via sistema ϕ . Supõe-se que as quantidades que penetram no sistema ϕ , mesmo após ter sido fracionada pelos órgãos dos sentidos (a função protetora contra Q), sejam de magnitude superior que as quantidades provenientes do interior do corpo. Os estímulos que chegam a ϕ são da ordem quantitativa e qualitativa (o período).

Já dissemos que em termos qualitativos, o período percorre sem impedimento os sistemas de ϕ para ψ até chegar em ω . Neste último sistema é produzida a sensação. O período é efêmero e brevemente desaparece no lado motor – uma resposta motora – sendo, portanto, eliminado e não deixando rastro atrás de si, não deixando memória por seu caráter permeável.

Quantitativamente falando, a maior parte das Qs que adentram ao sistema ϕ são eliminadas via reações musculares de movimento, uma vez que Freud supõe que a musculatura deve estar ligada àquele; a pequena porção remanescente de Q é transposta, transferida para o sistema ψ . Deste modo, uma quantidade proveniente do exterior, de grandeza maior, que chega aos órgãos dos sentidos, já sofre aí uma primeira redução; outra redução ocorre com a eliminação de Q dos neurônios ϕ para a musculatura, de modo que a Q restante, altamente reduzida, alcança os neurônios ψ , cujas barreiras de contato só podem trabalhar com quantidades da mesma magnitude dos estímulos endógenos. Este parcelamento da quantidade a ser transferida de ϕ para ψ faz com que vários neurônios ψ sejam excitados a partir de um único neurônio ϕ . Isto cria em ψ uma rede de neurônios excitados (o que gerará facilitações pela capacidade de impermeabilidade destes neurônios) a partir de um único neurônio ϕ . Quanto maior a magnitude do estímulo em ϕ , mais neurônios ψ serão excitados. Nas palavras de Freud (1895/1995), “... um estímulo mais forte percorre mais caminhos do que um mais fraco” (p.28) e, ainda, “... a maior quantidade em ϕ expressa-se através da ocupação em ψ de mais neurônios em lugar de um único” (p. 28). Estes são os caminhos facilitados formados em ψ a partir de ϕ .

Como o sistema de neurônios ψ recebe quantidades oriundas de fora, das percepções, e também excitações endógenas, Freud (1895/1995) julga pertinente fazer uma distinção

nesse sistema. Assim, os neurônios ψ são concebidos como formados por dois grupos: ψ do *manto* (aqueles que recebem quantidades e são ocupados a partir ϕ) e ψ do *núcleo* (aqueles neurônios que são ocupados por quantidades endógenas). Supõe-se que os estímulos endógenos que atingem ψ do *núcleo* “... sejam de natureza intercelular, gerados continuamente e só periodicamente se tornem estímulos psíquicos” (Freud, 1895/1995, p. 30). Por serem quantidades de magnitude intracelular não haveria razão para fugir desses estímulos. Contudo, por um processo que Freud denomina *somação*, ocorreria uma acumulação progressiva dessas quantidades até um nível em que se tornam capazes de transpor as barreiras de contato das conduções endógenas passando a excitar ψ . A partir daí a todo aumento de excitação em nível somático (celular) ocorre um aumento correspondente nos níveis de excitação nos neurônios nucleares de ψ .

2.1.5. As vivências fundamentais: a vivência de satisfação e a vivência de dor

As vivências de satisfação e de dor se dariam em períodos bastante arcaicos da formação do aparato psíquico e fornecem os parâmetros para seu funcionamento posterior. Ambas, por ocorrerem em épocas tão primitivas da formação do aparelho psíquico, visam a eliminação de quantidade, ou seja, são um modo primário de funcionamento do sistema nervoso. Segundo Gabbi Jr.,

As ações humanas estão fundadas em duas vivências fundamentais: a busca de prazer e a esquiva da dor. A primeira é designada por Freud de vivência de satisfação e será fundamental para introduzir a noção de desejo. A segunda, chamada de vivência de dor, é ... logicamente anterior e tem a função de estabelecer o contorno conceitual da noção de repressão (*Verdrängung*). Todas as duas tem uma única motivação: evitar a morte (1995, p. 132, grifo no original).

Segundo a lógica apresentada por Gabbi Jr. (1995) – que é consistente com a concepção de que prazer se relaciona com diminuição de quantidade, cujo aumento teria sido sentido como sensação consciente de desprazer, como vimos acima - de que a vivência de dor é anterior à de satisfação, começaremos a discorrer o assunto por ela. A dor, como destacamos anteriormente, é a resultante de uma Q muito elevada que adentra ao sistema nervoso; seriam quantidades suficientemente grandes para transporem os dispositivos protetores dos órgãos dos sentidos – as proteções contra Q. Da definição de dor passaremos à vivência de dor no sistema nervoso primitivo. O sistema ψ está exposto a dois tipos de quantidades: as de origem

endógena e as que chegam através de ϕ (provenientes do mundo externo). A dor chega a ψ como uma Q de grandeza elevada que foi transferida pelo sistema ϕ . Ao adentrar ao sistema ψ , um grande aumento de nível quantitativo chega até o sistema ω causando a sensação de desprazer. O grande fluxo de quantidade que penetra em ψ leva à ocupação de vários neurônios ψ , o que produz a inclinação à eliminação em diversas direções. Dá-se, ainda, em ψ uma facilitação entre os caminhos privilegiados de eliminação e a imagem recordativa do objeto hostil, que produziu o estímulo que excitou a dor.

Ao ocorrer uma nova ocupação dos neurônios (a partir de dentro, uma excitação endógena, uma recordação, p. ex.) que compõem a imagem recordativa do objeto hostil, produz-se um estado de desprazer, mas que não pode ser entendido como dor. Isto porque a dor resulta de grandes Qs que adentram ao sistema ψ via ϕ , portanto, como estímulo oriundo do meio externo. A ocupação de uma recordação (que só pode ocorrer em ψ , pois é o único sistema dotado de memória), acionada por uma nova percepção proveniente do meio externo com algum atributo similar ao objeto hostil, mas não a mesma que desencadeou a vivência de dor, produzirá algo semelhante à dor: desprazer e inclinação para libertar-se de Q. Se desprazer é produzido em ω por um aumento do nível de quantidade a partir de ψ e na ocupação de uma recordação do objeto hostil a quantidade não é, necessariamente, exógena, só se pode supor que esta quantidade tenha origem endógena. Como isto se daria? Na recordação²⁰, a ocupação que excita o grupo de neurônios que compõem a imagem do objeto hostil é proveniente de quantidades endógenas que alcançam ω , o que é sentido como desprazer. Para dar conta da explicação deste incremento de quantidade endógena que evocaria a eliminação, Freud levanta um novo suposto que chama de *neurônio chave*.

... têm de existir neurônios “secretores” que, quando excitados, originam no interior do corpo algo que age nas trilhas de condução endógenas para ψ como estímulo; que, por conseguinte, influenciam a produção de Q’ηs endógenas; com isso, não eliminam Q’ηs, mas as fornecem indiretamente. Chamaremos estes neurônios secretores de “neurônios chave” (1895/1995, p. 34).

A excitação dos neurônios chave e a secreção por parte deles de Q leva a um aumento de nível de quantidade no sistema ψ , o que permitirá que as trilhas facilitadas em ψ sejam percorridas e alcancem o sistema ω (gerando sensações conscientes de desprazer). Isto se torna possível, porque a vivência de dor, que propiciou a formação da imagem recordativa em

²⁰ Gabbi Jr. (1995) salienta que é a *recordação* da vivência de dor que seria o protótipo do patológico.

ψ , também deixou atrás de si uma facilitação entre os neurônios que formam a representação do objeto hostil e os neurônios chave, então o desprazer será liberado no afeto, ou seja, na ação de descarga que percorre o circuito de representações que a vivência de dor deixou facilitado. Freud (1895/1995) supõe que a dor, pela grande Q que adentra e percorre os sistemas ϕ e ψ , chegando a atingir ω , deixa um rastro abundante de facilitações e que elas dependem do nível de quantidade alcançada em ψ .

Sobre a ocupação da representação do objeto hostil é importante salientar que, sendo proveniente da vivência de dor, a tendência será a de desocupar essa imagem recordativa. Então, estamos em presença de uma tendência a uma alucinação negativa do objeto hostil, em outras palavras, a alucinação da ausência do objeto.

Abordamos o tema da vivência de satisfação no primeiro capítulo e, aqui, aprofundaremos a discussão apoiados nas teorias neuronais e quantitativas apresentadas no *Projeto*. Vamos a ela. Os neurônios de ψ do núcleo são ocupados com quantidade proveniente do interior do corpo continuamente. A acumulação de quantidade em ψ chega em ω como sensação de desprazer. Dá-se uma tentativa de eliminar essa quantidade que ali se acumulou. A primeira via pela qual se busca essa eliminação é a motora (muscular) a qual servirá para baixar o nível de quantidade num primeiro momento, mas de modo algum poderá fazer com que o excesso de quantidade seja eliminado. O grito/choro, o espernear e, porque não dizer, o chuchar, servirão apenas como dispositivo paliativo, uma “válvula de escape”, no dizer de Gabbi Jr. (1995, p. 132), para o rebaixamento da quantidade em ψ do núcleo. Mas as quantidades provenientes de fontes intra e intercelulares são demandas contínuas e brevemente as ocupações em ψ do núcleo estarão novamente em estado de tensão. Não é possível que no início da vida o organismo humano, por si só, consiga empreender qualquer ação que cancele os excessos em ψ do núcleo, em outras palavras, o ser humano é inicialmente desamparado. Para tanto, necessitará de uma ação auxiliadora proveniente do meio externo, de um *outro* que empreenda por ele a ação específica capaz de aplacar o excesso de quantidade que está sobrecarregando ψ do núcleo. É nos seguintes termos que Freud (1895/1995) descreve como a ação específica se efetua: “Ela se efetua por *ajuda alheia*, na medida em que, através da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente [o outro, proveniente do meio externo] atenta para o estado da criança” (p. 32, grifos no original). O grito da criança, que a princípio não é nada além de um meio de descarga de quantidade, passa a ser decodificado por um agente do meio externo como o

índice de uma carência, de um estado de necessidade, sendo então elevado ao *status* de comunicação, e esta via de eliminação assume assim uma função secundária. A partir do outro, a necessidade que gerara a ocupação de ψ do núcleo é satisfeita, por meio de um cancelamento do estímulo endógeno que o excitara; cancelando a ocupação em ψ , a sensação de desprazer via ω também cessará. Estamos em presença da vivência de satisfação.

Três eventos são destacados por Freud (1895/1995) como acontecendo no sistema ψ com a vivência de satisfação: 1º) a eliminação duradoura que ocorre em ψ do núcleo dá fim à sensação de desprazer produzida em ω ; 2º) em ψ do manto ficará a ocupação neuronal correspondente à percepção de objeto – a representação de objeto; 3º) em ψ do manto chega a notícia de que houve eliminação da quantidade.

Os neurônios ocupados em ψ do manto a partir de fora formam uma representação de objeto e os neurônios ocupados a partir dos movimentos produzidos no interior do corpo pelo cancelamento do estado de carência formam em ψ do manto uma imagem recordativa da satisfação, da eliminação da quantidade. Estes dois grupos de neurônios ocupados, mais o grupo dos neurônios nucleares relativos ao estado de tensão devido à carência, formarão um circuito, um caminho facilitado que tenderá a ser percorrido sempre que uma nova elevação na quantidade em ψ do núcleo ocorrer. A ocupação em ψ do manto e em ψ do núcleo será simultânea, com vistas à recriação da vivência de satisfação. Este circuito, que se forma em ψ a partir da vivência de satisfação que, conforme destaca Gabbi Jr. (1995), deixa facilitado um caminho preferencial de eliminação, é definido por Freud como *desejo*.

Gabbi Jr. assim entende a questão do circuito formado no sistema nervoso pela vivência de satisfação:

Entre os três registros, pulsão, objeto e interrupção, é criado um circuito com melhor facilitação. Eles formam um caminho preferencial de eliminação, onde a ordem de constituição foi pulsão-objeto-interrupção. Se a pulsão era cega, agora ela visa o objeto, pois, como já vimos, um motivo exprime-se na psicologia quantitativa como um caminho preferencial de eliminação (1995, p. 133).

Sobre seu entendimento a respeito das representações que estariam interligadas para formar o circuito do desejo, Gabbi Jr (1995) prossegue pouco mais adiante: “*Desejo* designa um circuito de representações formado no mínimo pelas seguintes representações: pulsão, objeto de desejo e notícia da descarga endógena (restabelecimento da resistência entre o interior do corpo e ψ do núcleo)” (p.135, grifo no original).

Assinalamos que as facilitações deixadas pela vivência de dor seriam a trilha para o afeto e que as facilitações deixadas pela vivência de satisfação seriam a trilha para o desejo. Agora estamos interessados em estabelecer como estes dois estados – afeto e desejo – ocorrem no aparelho psíquico.

No caso do afeto – tendência a percorrer o circuito preferencial deixado pela vivência de dor -, o aumento de quantidade em ψ ocupa a imagem recordativa do objeto hostil e a repulsa à ocupação desta representação, resultante da vivência de dor, incita que a quantidade seja imediatamente eliminada. Freud (1895/1995) nomeia este mecanismo de *defesa primária* ou *repressão*. O mecanismo é assim definido pelo autor: “é a *defesa primária* ou *repressão*, o fato de que uma imagem recordativa hostil, tão logo quanto for possível, seja sempre abandonada pela ocupação” (Freud, 1895/1995, p. 36, grifos no original). A explicação dada pelo autor para a ocorrência da defesa primária é biológica: o organismo estaria instruído a colocar outro objeto no lugar, aquele que assinala a cessação da vivência de dor²¹.

Com o incremento de quantidade em ψ , que se dá na vivência de satisfação, o desfecho é diferente. Em primeiro lugar, esse incremento de quantidade se dá por somação das quantidades que chegam a ψ do núcleo, ou seja, quantidades de origem endógena. Pelos princípios estabelecidos como reguladores do funcionamento do aparelho, este aumento de Q incita a eliminação da mesma mediante a ocupação de uma imagem de objeto, tendência esta chamada de *desejo*. O estado de desejo provoca então a ocupação da imagem recordativa do objeto de desejo em ψ do manto; aquele mesmo objeto que empreendeu a ação específica e possibilitou vazão à quantidade acumulada nos sistemas. O mecanismo descrito é chamado de *atração de desejo*.

2.1.6. *Complexificação no funcionamento do sistema nervoso: a introdução do eu no aparelho psíquico*

Discorreremos até o momento sobre a forma de funcionamento do sistema nervoso primário. Mas, como já apresentamos anteriormente, a necessidade da vida impõe que o

²¹ É possível que Freud esteja tratando da troca do objeto hostil pelo que seja o agente da ação específica, o que promove a vivência de satisfação. Esta suposição pode ganhar força pelo entendimento que em períodos tão iniciais, haveria apenas dois objetos, dois grupos [de neurônios] representacionais, em ψ do manto, oriundos das duas vivências primordiais: o objeto hostil e o objeto de desejo. Um complicador à esta questão é a observação de Freud (1895/1995) de que o primeiro objeto deve “... ser ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar” (p. 44). Esta afirmação pode ter conseqüências para o entendimento da ambivalência constitucional, que será decisiva ao abordarmos o complexo de Édipo.

sistema funcione em outro nível, a fim de possibilitar a perpetuação da vida: o funcionamento secundário do sistema nervoso. Que seria este modo de funcionamento secundário e como ele seria acionado no aparelho psíquico é o que nos propomos a esclarecer neste lugar.

Pela suposição do funcionamento do sistema nervoso pelos processos primários – as vivências de satisfação e de dor – as Qs teriam curso livre, ou seja, seriam reguladas pela tendência automática a livrar-se de todo aumento de excitação. Com a instalação no aparelho da atração de desejo e da defesa primária, vemos um novo nível de funcionamento do sistema, que implicaria em reter quantidade. Estaríamos agora nos domínios do princípio de constância, segundo o qual deve haver um nível quantitativo ótimo que precisa ser mantido para o funcionamento do sistema nervoso. Os restos das vivências de dor e de satisfação – a atração de desejo e a defesa primária – dão mostras de que algo foi modificado no sistema após as vivências primordiais, a saber, a tendência a revivê-las. Esse nível de recordação – a memória, as facilitações entre neurônios que ficaram marcadas pela ocorrência das vivências – implica a ocupação de circuitos neuronais em ψ . São estas organizações neuronais em ψ (pós-vivências) que Freud (1895/1995) chama de *eu*. Usando os termos do autor, “... cabe definir o eu como a totalidade das respectivas ocupações ψ , na qual se separa uma parte permanente de uma variável” (p. 36-37). A parte constante, comenta Gabbi Jr. (1995), seria formada pelos neurônios constantemente ocupados, a partir do interior do corpo, de ψ do núcleo²². A parte variável do eu seria composta pelos neurônios ocupados em ψ do manto. Deste modo, a parte variável do eu sofreria alterações por meio de estímulos provenientes de duas direções: do interior do próprio corpo e do meio externo (via sistema ϕ).

Temos ainda de esclarecer a maneira pela qual as organizações neuronais em ψ funcionam de modo a barrar o princípio de inércia e estabelecer o princípio de constância no aparelho. As quantidades que adentram ao sistema ψ podem seguir o curso das facilitações deixadas pelas vivências na medida em que essas quantidades superem as barreiras de contato e ocupem os neurônios ψ facilitados. Além do grau de facilitação entre os neurônios, que permitem guiar a ocupação, outra possibilidade de ocupação pode ocorrer em ψ mediante o que Freud chama de ocupação lateral. De acordo com essa suposição, um neurônio adjacente ocupado ao que está facilitado – devido às vivências de satisfação ou de dor -, essa ocupação agiria *como se* fosse uma facilitação, desviando o curso de quantidade que, de outro modo,

²² Podemos justapor a noção de ocupação constante em ψ do núcleo, oriunda do interior do corpo, à noção de pulsão. Assim, a fonte da pulsão seria somática, a força seria a quantidade, a finalidade seria a satisfação (o desembaraçar-se da quantidade, a liberação) e o objeto seria aquele definido pela atração de desejo (a representação em ψ do manto).

seguiria pela trilha deixada pela vivência. Desta maneira, uma ocupação lateral serve à função de inibir o curso da quantidade que seguiria o caminho demarcado pelas facilitações, ou seja, evitando que o curso primário de quantidade se concretize. Nas palavras de Freud (1895/1995), “... se existir um eu, ele tem de inibir processos psíquicos primários” (p.37). Como dissemos diversas vezes, os processos primários implicam no livre curso de Q pelas facilitações em ψ . A complexificação das ocupações neuronais em ψ do manto – as ocupações laterais – que servem para modificar o curso da quantidade, inibindo o curso de Q, inauguram uma nova função no aparato psíquico que podemos atribuir ao advento do eu: os processos psíquicos secundários. A inibição do curso de Q é um avanço no funcionamento do aparelho, pois se entendemos que o livre curso de Q aciona um processo alucinatório do objeto de desejo, p. ex., essa alucinação concorre para o impedimento que se busque a satisfação da necessidade da vida. Deste modo, reconhecer entre uma alucinação e uma percepção correta do objeto de desejo faz a diferença entre a preservação e a aniquilação da vida do organismo. Também no caso da ocupação do objeto hostil, e a conseqüente alucinação deste, se deixada seguir livremente o curso, a excitação chegaria até o sistema ω onde geraria desprazer. As ocupações laterais serviriam neste caso como uma forma de inibir o curso de quantidade e impedir que o caminho facilitado que leva ao neurônio chave seja ocupado, poupando assim a liberação de Q por esses neurônios e a sensação de desprazer em ω . Esta é outra forma das inibições protegerem o aparato psíquico das alucinações de objeto, e do gasto excessivo nos processos de descarga intensa próprios da defesa primária, processos primários estes que colocam em risco a sobrevivência do organismo. Vemos então que a função de inibir os processos primários, além de significar um progresso, uma complexificação no aparelho, é determinante para a continuidade da vida.

É necessário deixar claro outro aspecto a respeito das ocupações laterais em ψ o qual é essencial para compreender o mecanismo inibitório realizado pelo eu, que caracteriza os processos secundários. Apesar das vivências fundamentais deixarem a memória de vias preferenciais de descarga de quantidade, não são apenas os caminhos facilitados que servem de critério para explicar o fluxo de Q. Também é estabelecido por Freud (1895/1995) que o critério de associação de neurônios por simultaneidade de ocupação tem função determinante para o fluxo de Q. Pelo *princípio fundamental de associação por simultaneidade* entende-se a capacidade da Q ser transmitida de um neurônio ocupado para outro neurônio adjacente ocupado localizado após a barreira de contato. Isto implica que se antes as excitações tendiam a fluir pelas trilhas mais bem facilitadas, com a suposição das ocupações laterais Freud

introduz um segundo fator capaz de influenciar no fluxo de Q. Em outras palavras, não são apenas os caminhos facilitados em ψ que são percorridos por quantidade, mas também as ocupações simultâneas de neurônios atraem a passagem de quantidade e são capazes de perturbar e alterar a direção da circulação das excitações. Se as facilitações deixadas pelas vivências fundamentais são os caminhos preferenciais de fluxo de quantidade, então temos de pensar que são as associações de neurônios ocupados em ψ que servem como inibidores do curso de Q pelos caminhos melhor facilitados. Essas novas trilhas forjadas pelas ocupações laterais podem funcionar como um impedimento para que as facilitações sejam percorridas quando do aumento de quantidade no sistema, assim, este seria o processo que impediria, p. ex., a alucinação, a animação do objeto de desejo (bem como a ocupação do objeto hostil) sem que a realidade externa tenha feito chegar a ψ uma percepção da presença destes no meio.

Para que não ocorram mais alucinações resultantes, p. ex., da animação da imagem do objeto de desejo a partir de ocupações provenientes de dentro, o aparelho precisa reconhecer a diferença entre uma percepção – que provém do meio externo, passando pelos órgãos dos sentidos, adentrando por ϕ e chegando à ψ – portanto, oriunda da realidade – e uma recordação – que se dá pela ocupação de neurônios ψ por quantidades provenientes do interior do corpo, ou seja, a ativação da representação de objeto que levaria à livre condução pelas trilhas facilitadas, sem inibição. Freud supõe que seja necessário reconhecer um *signo de realidade* que chegaria a ψ proveniente de ω ²³, ou, nos termos do autor, “... a notícia de eliminação de ω é o signo de qualidade ou realidade para ψ ” (1895/1995, p. 39, grifos no original). É a notícia de que um período adentrou ao sistema, excitou ω e foi eliminado, que garante que uma excitação em ψ tem ligação à uma percepção e não a uma recordação. No entanto, por si só este critério falha, pois um signo de realidade também é eliminado quando do aumento de excitação em ψ , decorrente de uma ocupação abundante do objeto no estado de desejo - a animação alucinatória do objeto de desejo - caso no qual também a notícia de eliminação em ω chega até ψ . Ou seja, na alucinação o fantasiado, o representado, é confundido com uma percepção consciente proveniente da realidade. Assim, a eliminação ω como critério eficaz supõe a ação inibitória do eu. O método mais eficaz de inibição seria prévio à ativação da imagem recordativa de objeto: a inibição via ocupação lateral em ψ teria

²³ Lembramos que quando um estímulo externo adentra ao sistema, juntamente com a quantidade – que excita ϕ e ψ – está o período, que excita ω (excitação qualitativa). Esta excitação, ao ser eliminada, envia uma mensagem, uma notícia a ψ a respeito desta eliminação.

de ocorrer antes que a quantidade percorra o percurso facilitado. Assim, a inibição da animação da imagem recordativa do objeto é requisito necessário à manutenção da vida.

Todos estes processos pressupõem uma aquisição no sistema, uma organização que faça a diferenciação entre uma percepção e uma recordação ou, em última instância, entre estímulos advindos do meio interno e do meio externo: “... é a *inibição que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação*” (Freud, 1895/1995, p.40, grifos no original). A inibição exercida pelo eu permitirá, ainda, que o organismo postergue a busca de satisfação imediata (a alucinação do objeto de desejo e o livre curso de Q), aguardando o momento em que o outro realize a ação específica e possibilite a satisfação da carência.

2.1.7. As funções mais elevadas do eu: o julgar, o pensar, o recordar e o reconhecer

Para que o organismo tenha condições de distinguir se se trata de uma percepção (quando o objeto está presente no meio) ou de uma recordação (a ativação da representação de objeto por incremento de quantidade em ψ) é necessário lançar mão de alguns processos característicos de um eu, de uma organização que possibilita a ascensão do organismo aos processos secundários de funcionamento. O processo de *reconhecer* um objeto de desejo como sendo evocado alucinatoriamente ou como estando concretamente presente pode ocorrer de três formas. A primeira delas é a ocupação da imagem recordativa do objeto de desejo simultaneamente à sua percepção, havendo uma coincidência entre as duas ocupações. A ocupação da imagem recordativa dar-se-ia pelo incremento de Q endógena em ψ e a percepção pelo estímulo exógeno passando por ϕ , ψ e chegando ainda a ω . O signo de realidade proveniente de ω faz com que em ψ seja permitida a eliminação seguindo o caminho da vivência de satisfação, haja vista que o objeto de desejo acaba por coincidir com o outro (presente no meio externo) que empreende a ação específica. Neste primeiro caso há identidade total entre a ocupação do objeto de desejo – a representação – e a percepção do outro.

No segundo caso, a identidade entre a ocupação de desejo e a percepção é apenas parcial. Segundo Freud (1895/1995), esse é o caso mais freqüente. Enquanto houver identidade parcial (ou semelhança), o aparelho não pode iniciar a eliminação, pois para que

ela ocorra é necessária a identidade total entre representação e percepção²⁴. Dado que uma representação de objeto de desejo seja composta por *neurônio a* + *neurônio b* e a ocupação perceptiva em ψ por *neurônio a* + *neurônio c* (como nos apresenta Freud, 1895/1995), vemos uma porção constante e congruente – o *neurônio a* – e outra porção variável e incongruente – os *neurônios b* e *c*. É pelo *juízo*, função própria ao eu, que a semelhança será descoberta; melhor dizendo, pela capacidade do eu em decompor o complexo neuronal é que a identidade parcial é evidenciada e um trabalho visando alcançar a identidade é acionado. O julgar, diz Freud (1895/1995), “é, portanto, um processo ψ que só é acessível pela inibição do eu e provocado pela dessemelhança entre a *ocupação de desejo* de uma [imagem] re[cordativa] e a ocupação perceptiva que lhe é semelhante” (p. 42, grifos no original).

Após o processo do *juízo* encontrar uma semelhança (e não uma identidade total) entre representação e percepção, inicia-se o trabalho de *pensar*. Por intermédio do pensar reprodutivo o eu busca ligações neuronais relativas ao objeto de desejo permitindo que se estabeleça curso de quantidade endógena entre os *neurônios c* e *b*, mais especificamente do *neurônio c* em direção ao *neurônio b*²⁵, faltante. Gabbi Jr. (1995) destaca: “Há dois processos envolvidos na transformação da semelhança em identidade. O primeiro envolve comparação entre os dois complexos, o perceptivo e o representativo; o segundo abarca o caminho neuronal que leva de *c* a *b*” (p.146). Desta forma restabelece-se a ocupação do *neurônio b*, faltante, a partir de *c*, e é obtida a identidade necessária para que ocorra a eliminação.

Uma ressalva importante é feita por Freud (1895/1995): durante a busca por estabelecer um caminho, um curso de quantidade entre os *neurônios c* e *b* pode acontecer de uma via pertencente a uma vivência de dor ser excitada, o que gerará desprazer. O desprazer é uma prova contundente de que o *neurônio b* não deve ser encontrado por aquela trilha, então o ativar das vias desprazíveis faz com que a busca por *b* continue por outras vias.

O terceiro caso ocorre quando uma percepção não coincide com a imagem recordativa (não há identidade nem semelhança) do objeto de desejo, mas realiza-se um processo de *reconhecer* a imagem perceptiva para, a partir desta, buscar um caminho para o *neurônio b*. Se houver o reconhecimento da imagem perceptiva, o processo de pensar se dará da mesma forma descrita anteriormente. São as percepções de objetos dessemelhantes que despertam *interesse*, que fazem com que o trabalho de *juízo* seja iniciado bem como o de pensamento,

²⁴ Se ocorrer a eliminação apenas com a ocupação da representação de objeto esta se dará com uma alucinação, o que só pode acarretar danos ao organismo, visto não haver saciedade. Não haveria a inibição da descarga; portanto, estaríamos nos domínios dos processos primários.

²⁵ A ocupação do *neurônio b* (a representação) permanece enquanto tenta-se estabelecer um caminho partindo de *c* até *b*.

possibilitando que mais e mais caminhos sejam percorridos em ψ do manto (crescimento da complexificação das redes neuronais).

Pelo processo de pensar, as ocupações laterais em ψ do manto são percorridas de modo a [re]encontrar o objeto de desejo não de forma imediata pelos caminhos facilitados pela vivências de satisfação, mas pela construção de caminhos secundários, desvios, o que permitirá a descarga de Q de forma mais adequada, mais de acordo com a realidade. Tomando de empréstimo os termos de Freud (1895/1995), “o *processo de pensar* consiste na ocupação de neurônios ψ com alteração de compulsão facilitadora através de ocupação lateral a partir do eu” (p. 47, grifos no original). Ora, se estamos falando em alteração na compulsão da descarga pelas vias marcadas pela vivência de satisfação, então estamos tratando dos domínios do eu, portanto, de processos secundários. Se pelos processos primários a liberação de Q é plena, ou seja, a quantidade escoar livremente pelas vias facilitadas (energia livre), nos processos secundários as vias facilitadas são percorridas, mas a liberação será de quantidades menores, pois o trabalho de julgar e pensar já consumiram parte da quantidade, as ocupações laterais retiveram uma parcela da quantidade que por ali passou (energia ligada). Temos, então, dois tipos de pensar: 1) o *pensar cognitivo* ou *judicativo*, pelo qual busca-se uma identidade com uma ocupação corporal ou, dito de outro modo, busca-se uma identidade entre um movimento do outro e o movimento do próprio organismo; e 2) o *pensar reprodutivo*, no qual a tentativa de estabelecer identidade é feita com uma ocupação psíquica própria (uma representação forjada a partir de uma das vivências fundamentais – a vivência de satisfação).

2.1.8. Os processos ψ normais

De acordo com Gabbi Jr., “os processos ψ normais são basicamente os processos secundários” (1995, p. 192). Recordemos que os processos secundários são aqueles mediados pelo eu, o qual tem por função impedir a livre circulação de quantidade pelas vias facilitadas por meio de processos inibitórios que capturam a quantidade e a retém em ocupações laterais.

Freud (1895/1995) foca a descrição nos processos secundários que ocorrem no aparato psíquico, interessando-se pelos efeitos que a massa de neurônios constantemente ocupada – o eu – exerce sobre as demais ocupações em ψ do manto, as quais são variáveis. Em especial, interessa ao autor o mecanismo pelo qual se dá a distinção entre percepção e representação no aparelho. Este processo teria como objetivo evitar o desprazer. Freud supõe que toda percepção, ou seja, uma ocupação que chega a ψ a partir de ϕ , gera signos de qualidade pela

excitação em ω . Ou, mais condizente com o que já dissemos, uma percepção excita ω e o leva a uma eliminação, de cujo movimento chegará uma notícia para ψ , e este sim pode ser chamado de signo de qualidade. Seria a qualidade que diferenciaria uma percepção de uma recordação²⁶. Entra em questão o mecanismo da *atenção* que, segundo Freud, teria por efeito “... a ocupação dos mesmos neurônios que são portadores da ocupação perceptiva” (Freud, 1895/1995, p. 76). Como isso se daria? O estado de apetite (que se desenvolveu a partir da vivência de satisfação e de suas repetições e, podemos dizer, transcenderam em estados de desejo e expectativa) gera uma tensão que domina o eu e acaba por animar a representação do objeto de desejo. Por ser uma ocupação a partir de dentro (e não via ϕ), a quantidade deve ser de magnitude menor do que se fosse proveniente de uma percepção²⁷. A baixa quantidade ocupando a representação de objeto seria um indicativo para adiar a descarga até que signos de qualidade apontem para uma ocupação proveniente de uma percepção. Chegando uma percepção ao aparelho ela encontrará uma representação de objeto ocupada, em estado de desejo. Pelo julgar, o eu pode encontrar identidade ou semelhança entre a percepção e a representação. Se encontrar identidade pode-se liberar a quantidade que produzia o desprazer e alcançar a satisfação. Mas se encontrar apenas semelhança o processo de pensar será iniciado. Pelo mecanismo do pensar um caminho é encontrado que, sendo percorrido pela quantidade excedente da ocupação da percepção em direção à representação de objeto, obterá identidade. A atenção, então, seria um recurso do eu pelo qual seriam ocupadas mesmo as percepções que não coincidam com a representação do objeto de desejo. Ocupando toda e qualquer percepção amplia-se a possibilidade de encontrar entre elas uma que tenha identidade ou semelhança com a representação do objeto de desejo.

A ocupação de atenção seria o mecanismo através do qual a quantidade presente no signo de realidade – ou seja, no complexo neuronal de ψ que corresponde à notícia de eliminação em ω - é deslocada para o complexo neuronal de ψ que corresponde à percepção de um objeto. Freud supõe, por conseguinte, que a diferença entre percepção e representação é quantitativa e dada pela seguinte equivalência: dizer que um complexo representativo em ψ é visto como percepção equivale a dizer que o mesmo complexo representativo em ψ é dotado de uma quantidade, derivada de um complexo neuronal de ψ , que corresponde ao signo de qualidade. É evidente que tal equivalência só tem sentido quando há garantias de que a quantidade originada através do signo de qualidade veio diretamente de um estímulo externo (Gabbi Jr., 1995, p. 196).

²⁶ Mas, como já vimos, este critério é falho.

²⁷ Lembremos que as quantidades endógenas, por serem de origem intra e intercelulares, tem magnitudes menores que as quantidades de origem exógena. Deixemos de lado, por enquanto, a capacidade de somação da excitação endógena.

Freud (1895/1995) considera que a atenção seja um processo condicionado biologicamente, ela - a atenção - estaria assentada, teria seu protótipo na vivência de satisfação, ou seja, no modelo da fome. A atenção estar voltada para os signos de qualidade seria uma decorrência da experiência biológica (que podemos depreender da ocorrência da seguinte seqüência: estado de necessidade - ação específica – saciedade, que gera uma notícia de descarga de quantidade), pois os signos de qualidade percorrem caminhos facilitados deixados por neurônios previamente ocupados por grandes quantidades. As notícias de qualidade promovem a facilitação das ocupações de percepção. A quantidade oriunda da atenção abandona o signo de qualidade e é dirigida para a ocupação perceptiva; quantitativamente podemos dizer que há uma passagem de uma ocupação de magnitude menor para uma de magnitude maior²⁸.

O *pensar observador* seria aquele processo pelo qual se estabeleceria um caminho entre uma percepção e uma ou várias ocupações de recordação. Este processo se daria pela ocupação de percepção estar superocupada, então a Q percorreria as facilitações e ocuparia uma imagem de recordação (um traço de memória, que é um mecanismo endógeno, ativação em ψ do manto sem a interferência de ϕ); a Q poderia ainda transpor barreiras de contato, ocupando mais neurônios, formando novas conexões, novas associações que levariam a ocupação de outras imagens de recordação. Esse processo de pensar conduz ao reconhecer, pois a representação da percepção acaba por estabelecer um caminho que conduz à representação do objeto de desejo, ou seja, obtém-se identidade, “... a percepção foi reconhecida como sendo o objeto de desejo” (Gabbi Jr., 1995, p.197). Ao ser a imagem recordativa novamente ocupada a partir de ψ - a atenção estar voltada para essa imagem recordativa -, a Q percorreria o circuito facilitado, o que levaria a ocupação de novas imagens recordativas. Sem algo que delimite a ocupação da imagem recordativa, um mecanismo que providencie que as ocupações ocorrerão nas conexões neuronais corretas, cai-se em processos associativos sem fim. Para dar cabo nessa circulação de Q pelas vias facilitadas é preciso que algo anuncie que a ocupação é proveniente de dentro, o que implica na necessidade de signos de qualidade. Há a possibilidade de obter-se signos de qualidade por uma nova forma de organização. Vejamos: se os signos de qualidade são normalmente provenientes de ocupações perceptivas (oriundas do meio externo), então é necessário que se consiga obter uma ocupação perceptiva a partir de quantidades endógenas. Como? Seria preciso que uma notícia de eliminação da quantidade endógena chegasse a partir de ω , ou seja, um signo de qualidade

²⁸ Consistente com a tese de que neurônios colaterais ocupados tendem a atrair quantidade tanto quanto uma facilitação. Esse seria o mecanismo de funcionamento dos processos secundários, dos quais estamos tratando.

– os quais são entendidos como nada além de notícias de eliminação. Assim sendo, Freud supõe que “... pode ocorrer que durante o curso de Q η também seja ocupado um neurônio motor que, então, eliminaria Q η e forneceria um signo de qualidade” (1895/1995, p. 79). Para que o fluxo de quantidade endógena forneça um signo de qualidade tem-se de pensar que as ocupações teriam necessariamente de estar em conexão, ou melhor, estar em uma via facilitada que dê acesso a neurônios motores. Assim, a ocupação terá uma imagem de movimento que por sua vez fornecerá uma notícia (o signo de qualidade), permitindo a eliminação.

A *associação lingüística* poderia, segundo Freud (1895/1995), fazer esta função, pois “... consiste na ligação de neurônios ψ com neurônios que servem às representações acústicas, e elas mesmas têm a associação mais íntima com imagens motoras lingüísticas” (p. 79). Como bem lembra Gabbi Jr. (1995), a suposição de Freud é de que entre imagem acústica e representação motora da fala haveria uma relação, ou ainda, uma estrutura formada por duas partes distintas e interligadas: a primeira parte seria a imagem acústica que é formada pelo estímulo sonoro e a segunda parte seria responsável pela eliminação do estímulo por meio de uma descarga motora, a representação motora da fala²⁹. Se a ocupação chega a uma imagem acústica e à representação motora da fala, esta eliminação gerará uma notícia, um signo de qualidade. Desta maneira, seria necessário que à recordação seja agregada uma representação de palavra para que esta produza um signo de qualidade na eliminação. A ocupação da imagem de palavra desencadeia a eliminação de quantidade da representação motora da fala, que origina signos de qualidade lingüísticos e estes são os responsáveis pelo *pensar consciente* ou *observador*.

A qualidade que resta dos processos de pensar e dos processos perceptivos não pode ser diferenciada por ψ , mas dos processos perceptivos, pois nestes últimos são formados traços, memória, enquanto dos processos de pensar isso não acontece (não é deixada memória). Se for assim, como explicar a tese de que toda eliminação deixa um registro em ψ ? Freud (1895/1995) dirá que são os signos de descarga lingüística que “... equiparam os processos de pensar aos processos perceptivos, proporcionam a eles uma realidade e *possibilitam sua memória*” (p. 80, grifos no original).

A via de descarga que o bebê tem condição de ativar sem a atuação do outro da ação específica é a inervação lingüística. É por meio do grito que parte da quantidade endógena

²⁹ Se até o momento Freud havia se dedicado a tratar da representação de objeto, agora ele insere no quadro a representação de palavra. Uma distinção entre elas é que a representação de objeto é aberta a novas aquisições, a complexificações, enquanto a representação de palavra é fechada.

que sobrecarrega ψ em decorrência dos grandes carecimentos pode ser eliminada, baixando o estado de desprazer e permitindo a postergação da satisfação – em termos mais simples, permitindo a espera da ação específica. Para a pessoa cuidadora o grito tem significação diversa que para a criança: indica um estado de carecimento. Assim, para o bebê, o grito elimina quantidade endógena, mas no meio circundante ele serve como sinal de alerta que desvia a atenção do agente externo que pode empreender a ação específica. O grito passa então a servir para a *compreensão*, está incluído nos caminhos que levam à ação específica.

O grito enquanto portador de um estado de carência passa a fazer parte do circuito de eliminação. Este circuito só se estabelece pela presença do agente prestativo. Por conseguinte, o grito quando passa a fazer parte desse circuito já o faz decodificado pelo outro, enquanto portador de um sentido, que se expressa em uma psicologia científico-naturalista como um caminho preferencial de eliminação (Gabbi Jr., 1995, p.200).

A inclusão do grito no circuito de eliminação é um ganho. O grito pode ser entendido agora como modelo para a linguagem, na medida em que apresenta sentido, que é tomado pelo outro como comunicativo de um estado de carência no bebê, de que algo não está adequado no sistema e que necessita de sua assistência. Aqui podemos vislumbrar o estabelecimento de um sistema de linguagem ainda bastante rudimentar.

Mas o choro tem sua primeira aparição em relação à vivência de dor e não à vivência de satisfação³⁰. Na vivência de dor, o grito expressa a descarga de quantidade proveniente do meio ou ainda por aumento de quantidade endógena via neurônio chave, portanto, um funcionamento primário. Além de baixar a quantidade, serve para guardar um registro, uma memória do objeto hostil que de outra forma sucumbiria à alucinação negativa, não deixando rastro no aparelho. Com uma memória do objeto hostil, o mecanismo de atenção pode ser dirigido para essa representação, de maneira a inibir uma nova ocupação da mesma. O som do grito é associado à percepção do objeto hostil, formando assim uma representação. A notícia do grito – a notícia proveniente de ω sobre a eliminação via signos lingüísticos – “serve como característica do objeto [hostil]” (Freud, 1895/1995, p.81). Para Freud, essa associação entre o grito e o objeto hostil é a primeira classe de *recordações conscientes* em função de haver-se estabelecido um meio de tornar conscientes as recordações que excitam desprazer no aparelho – a recordação do objeto hostil –, bem como dirigir a atenção para essas recordações de modo a inibir que a representação do objeto hostil seja ocupada. Por conseguinte, pelos signos de descarga sonora - que é uma via motora – as recordações podem se tornar conscientes (assim

³⁰ Lembremos que a vivência de dor é anterior à de satisfação.

como são as percepções pela notícia de eliminação proveniente de ω) e ser ocupadas a partir de ψ ³¹. “Portanto, descobrimos como característico do processo de pensar *recognitivo*, que nele, desde o princípio, a atenção está voltada para os signos de eliminação do pensar, os signos lingüísticos” (Freud, 1895/1995, p.81, grifo no original).

Em termos quantitativos, o pensar *recognitivo* trabalharia com pequenas quantidades. As inervações lingüísticas só podem dar curso a quantidades muito pequenas no processo de pensar sob pena de tornar-se fala, isto porque a diferença entre representar (pensar) e mover (falar) é apenas quantitativa. No pensar há uma ocupação parcial da representação de palavra falada, sendo que a quantidade eliminada não é suficiente para colocar o aparelho fonador em movimento. Para haver movimento – neste caso específico, a fala - é necessário maior quantidade circulando pelo sistema. “A diferença entre representar e mover-se é apenas quantitativa ... as mesmas áreas anatômicas estão envolvidas, mas a quantidade que as percorre é menor quando se pensa sobre o movimento do que durante a sua realização efetiva” (Gabbi Jr., 1995, p.202). Se a quantidade em circulação é pequena no pensar, o mesmo não podemos dizer das representações que compõem o circuito que será percorrido durante o pensar. Esse circuito terá de estar facilitado, com ocupação quantitativamente superior aos elementos marginais à ele – as ocupações laterais. “Têm-se aparentemente duas exigências opostas: ocupação forte e deslocamento fraco. Se se quiser unificar as duas, chega-se à suposição de um *estado*, por assim dizer, *ligado* no neurônio *que, apesar da ocupação elevada, permitiria apenas uma corrente pequena*” (Freud, 1895/1995, p. 82-83, grifos no original). Essa suposição fortalece-se pela tese do eu, o qual seria uma massa neuronal de ocupação constante – cumprindo o requisito do princípio de constância – que mantém uma ligação, isto é, uma fluência quantitativa entre os neurônios. Assim, uma representação perceptiva ocupada por atenção pode ser hospedada pelo eu, ficando (provisoriamente) em seus domínios e, portanto, sujeita à ligação de quantidade endógena que ocupa os neurônios do eu. Desta maneira, a quantidade exógena da representação pode permanecer livre e percorrer o circuito enquanto a ocupação de atenção estiver ligada. “*Através deste estado ligado que une ocupação elevada com corrente pequena, caracterizar-se-ia, portanto, mecanicamente o processo de pensar*” (Freud, 1895/1995, p. 83, grifos no original).

Neste ponto, Freud (1895/1995) retoma o problema da origem do eu. Originariamente o eu consiste de neurônios de ψ do núcleo, portanto, ocupados por quantidade endógena. Nos

³¹ Do grito para a aquisição da linguagem passamos pela imitação. Pela imitação o bebê tende a reproduzir as imagens acústicas, produzindo associações entre a imagem da palavra ouvida e a imagem da palavra falada. É a ocupação da imagem da palavra falada que, por sua via motora, produz consciência de qualidade pela eliminação em ω . A linguagem posterior é análoga ao grito; este último lhe serve de modelo.

termo de Gabbi Jr. (1995), “o *eu* originário é apenas nuclear: é um caminho de eliminação de quantidades endógenas, onde parte delas desemboca em ψ do manto” (p. 204). A associação de neurônios de ψ do núcleo com neurônios de ψ do manto deve-se à vivência de satisfação. A parte do eu que se expande até ψ do manto é formada pela vivência de satisfação quando da associação de uma representação correspondente a uma percepção (imagem de desejo) e uma notícia de movimento (a eliminação da quantidade endógena, a sensação de saciedade decorrente da ação específica). Esse eu, inicialmente formado pela associação entre neurônios nucleares, representação perceptiva e notícia da eliminação, desenvolve-se com as repetições dos estados de carecimento e da saciedade despertada pela ação específica. O desenvolvimento se dá pelo *aprendizado* de que não se deve ocupar as imagens de movimento e desencadear a descarga enquanto não houver garantia de que o agente empreenderá a ação específica³², sob o risco de cair no engodo da alucinação pela ocupação da representação desiderativa sem a presença do outro. O que impede o eu de ocupar tanto a imagem de desejo como a imagem de movimento – a animação da vivência de satisfação sem o agente da ação específica – é que possibilita que quantidade endógena seja acumulada no eu, bem como o extrapolar quantitativo desses neurônios seja transferido para neurônios colaterais, o que geraria complexificação desse eu por expansão de domínios neuronais. Também os neurônios nucleares ocupados – o eu originário – chocam-se (para usar o termo de Freud) com as conduções provenientes do interior do corpo, o incremento contínuo de quantidade oriundo dos estímulos inter e intracelulares que atingem e preenchem neurônios deixando caminhos ocupados em ψ do núcleo. Haveria um equilíbrio quantitativo nessa massa de ocupação constante – o eu – o qual seria mantido pelas barreiras contra a animação da motilidade e do desejo, ou seja, o estabelecimento de processos secundários, bem como pela equilibração de quantidade entre o interior do corpo e ψ do núcleo, pela resistência ante às quantidades endógenas. A ampliação do eu se dá pelo aumento de ocupação em ψ do núcleo que aumenta os territórios ocupados em ψ do manto. De maneira inversa, quando a ocupação em ψ do núcleo diminui há um retroceder das ocupações em ψ do manto³³.

Pela ativação da descarga de quantidade por meio da ocupação da representação de desejo e do movimento – a alucinação decorrente do processo primário – acabava por gerar desprazer no aparelho pela não saciação da necessidade. É a ameaça de desprazer – que põe

³² Este mecanismo garante a preservação da espécie e é entendido por Freud (1895/1995) como biologicamente determinado.

³³ Lembremos da metáfora da ameba que estende seus pseudópodos, mas também pode recolhê-los. Aqui está uma explicação quantitativa para esse processo de distribuição da libido.

em risco a espécie – que se associa à eliminação desprovida da ação específica que pode ser determinante para o erigir de barreiras (contra o desejo e a mobilidade). Desta maneira, é a ameaça de desprazer que impede que neurônios que conduzam à liberação de desprazer sejam ocupados – a *defesa primária*. A defesa primária é “... uma consequência compreensível da tendência originária do sistema nervoso” (Freud, 1895/1995, p.85), a tendência a evitar o desprazer.

Se a primeira regra biológica é a evitação do desprazer pela eliminação de todo excesso de quantidade, a segunda é dirigir a atenção para os signos de qualidade – oriundos de percepções que podem estar relacionadas ao objeto de desejo e levar à satisfação. Sendo assim, essa segunda regra regula os deslocamentos das ocupações do eu de maneira a poder encontrar a satisfação com a realização da ação específica, ou seja, dirigir os processos de julgar e pensar de maneira a encontrar identidade entre a representação de objeto de desejo e a percepção do objeto de desejo no meio.

A primeira regra biológica foi a defesa primária, ou seja, toda vez que a quantidade ultrapassar um certo limite ela deve ser eliminada imediatamente. Esta regra obedece ao princípio da inércia. A segunda regra biológica é introduzida conforme o princípio da constância e visa encontrar um caminho que ligue a percepção presente à representação do objeto de desejo. Para fazê-lo, o *eu* deve ser guiado por signos de qualidade (Gabbi Jr., 1995, p. 208, grifo no original).

Pelo mecanismo da atenção a pretensão é que o eu ocupe neurônios que foram previamente ocupados quando da recriação da vivência de satisfação, em outros termos, utilizando-se dos mecanismos de julgar e pensar, ocupar novamente aqueles neurônios que fazem parte do circuito facilitado deixado como memória pela vivência de satisfação. Resumindo, a segunda regra biológica pode ser assim enunciada: “... *se um signo de realidade aparecer, a ocupação perceptiva, simultaneamente presente, deverá ser superocupada*” (Freud, 1895/1995, p. 86, grifos no original).

Para entender as características do movimento neuronal, Freud (1895/1995) levanta a questão sobre a quantidade interna/endógena não poder alterar a *imagem do mundo*. Isto implicaria que a quantidade interna – o aparelho psíquico - e a quantidade externa – o mundo – “... são independentes e sem delegados entre si” (Gabbi Jr., 1995, p. 209). Vejamos: as quantidades provenientes de estímulos externos (que são de magnitude maior que as quantidades de origem interna e, portanto, não podem ser quantificadas em termos de

quantidades endógenas) adentram ao aparelho e deixam facilitações³⁴; as novas quantidades externas que adentrarem ao aparelho nada poderão modificar/alterar nas facilitações outrora estabelecidas. Deste modo fica compreensível o dizer de Gabbi Jr. (1995): “A quantidade externa não é representada em ψ por nada; a quantidade interna tampouco representa algo no mundo” (p.210). Isto significa que a conexão entre mundo externo e aparelho psíquico terá de ser estabelecida por algo outro. O elo que interliga os dois mundos – interno e externo – pode ser encontrada no pensar observador ou recognitivo. Como neste caso a percepção não coincide com a representação do objeto de desejo, o processo de atenção leva o eu a verificar os signos de realidade provenientes da percepção. As associações neuronais que tem por objetivo encontrar conexão entre a percepção e a representação do objeto de desejo se dão pelo acionamento de neurônios previamente ocupados para o curso de quantidade exógena que corresponderiam às notícias de eliminação em ω , ou seja, a qualidade. Mas não se está tratando de qualquer qualidade. Freud (1895/1995) destaca que estes *signos de qualidade são lingüísticos* e a conseqüência é que o “... curso de associação torna-se consciente e reproduzível” (p.87). Deste modo, *os signos lingüísticos de qualidade são também signos de realidade*, não da realidade externa proveniente de uma percepção, mas de uma realidade interna, *a realidade do pensar*. Todo processo de pensar originaria signos lingüísticos? Não. Freud argumenta que existe o pensar comum no qual não são despertados (ou apenas esporadicamente despertados) signos de qualidade. Para Freud, este é o modo de pensar mais freqüente. O pensar comum é inconsciente, podendo ter ocorrências na consciência ou, no dizer do autor, “... o assim chamado pensar consciente com articulações inconscientes, mas que se podem tornar conscientes” (Freud, 1895/1995, p. 88). Poderia esta realidade interna, evocada pelo signo lingüístico de qualidade, produzir desprazer assim como a realidade externa? Gabbi Jr. (1995) diz que Freud insinua que a desconsideração pelo signo lingüístico pode levar à ocorrência de desprazer no aparelho.

A utilidade dos signos lingüísticos resultantes do pensar seria a de dirigir a atenção para percepções que realmente tem que ver com a representação de objeto de desejo, para buscar encontrar no meio externo a percepção condizente com a representação, o que leva a percorrer o circuito desiderativo de modo seguro, atingindo a satisfação. Em outras palavras, para que os signos de pensar possam ocorrer é necessário que a atenção seja despertada no eu. *“O pensar com ocupação dos signos de realidade do pensar ou signos lingüísticos é,*

³⁴ Gabbi Jr. (1995) afirma que “a quantidade externa expressa-se em ψ através do número de caminhos ocupados” (p.209). A quantidade externa adentra o sistema e, por ser de magnitude maior que as barreiras neuronais podem conter, alastram-se pelos neurônios formando redes ocupadas, as facilitações de múltiplas ramificações de neurônios.

portanto, a forma mais elevada, mais segura, do processo de pensar recognitivo” (Freud, 1895/1995, p. 88). Mas, precisamos lembrar que o signo lingüístico não é a única forma de despertar consciência, pois toda eliminação ω envia uma notícia dessa eliminação, uma qualidade, a qual é consciente.

Para que os caminhos possíveis (para não dizer diversos) que levam à ativação da ocupação do objeto de desejo sejam encontrados, um tipo de pensar que tenha por meta a busca por esses caminhos precisa ser estabelecido. No caso do estado de expectativa, uma ocupação de desejo é retida e, pelo processo de atenção, é perseguida outra ocupação proveniente da percepção. Assim são buscados os caminhos que conduzem à ocupação do objeto de desejo. Poderíamos dizer que o se procura aqui são os *caminhos vicinais* – via ocupações neuronais laterais - que conduzem, ou melhor, que balizam a canalização da quantidade para a ocupação do objeto de desejo. O curso de quantidade [endógena] pode ser modificado pelas ocupações laterais que *atraem* o curso da quantidade. Por serem alteráveis, as ocupações laterais podem modificar o curso desde a percepção até uma ocupação meta³⁵. Isso quer dizer que podem haver diversos caminhos que conduzam da percepção até a ocupação, mas que o caminho preferido será aquele norteadado pelas ocupações laterais, ou seja, aqueles caminhos designados pelas inibições promovidas pelo eu.

Há *inúmeras maneiras de percorrer o caminho* que se deve estabelecer entre a representação que corresponde à percepção presente e a representação do objeto de desejo. Dado que essas duas sempre apresentam um grau de ocupação superior à das outras, existe uma tendência a sempre encontrar esse caminho, mesmo nos casos em que se pode duvidar de sua existência (Gabbi Jr., 1995, p.214, grifo nosso).

No *pensar prático* os signos de qualidade asseguram e fixam o curso da quantidade, apesar disso não são indispensáveis. Temos de considerar que o processo ocorre não com um neurônio único, mas com complexos neuronais. Desta maneira, o despertar dos signos de qualidade pode não ocorrer e, se forem despertados, podem tornar o curso de quantidade vagaroso. Caminhos estabelecidos e percorridos repetidamente entre uma percepção e uma ocupação meta podem estar *estereotipados pelas facilitações* e, nestes casos, geralmente os signos de qualidade não serão despertados. Como explica Gabbi Jr. (1995), para o pensar prático a ocupação de representações de palavra são um atrapalho (Freud [1895/1995] sustenta que a qualidade deixa o processo vagaroso), e para que seja eficiente deve prescindir de tais ocupações. “A meta do pensar prático é a *identidade*” (Freud, 1895/1995, p. 92). Em

³⁵ A ocupação meta é aquela realçada quantitativamente, superocupada. No caso acima estamos tratando da representação do objeto de desejo como aquela a ser alcançada, aquela pela qual o caminho a ser percorrido tem por meta.

outros termos, o pensar prático visa o deslocamento da quantidade endógena de uma representação perceptiva até uma ocupação de objeto. Se partirmos do suposto de que quando uma percepção adentra no aparelho o que temos é uma imagem recordativa que buscará a identidade com a representação do objeto de desejo, “... a totalidade do processo de pensar pode tornar-se independente do processo de expectativa e da realidade e, de forma completamente inalterada, progredir até a identidade” (Freud, 1895/1995, p. 93). Assim, o pensar pode partir de uma representação previamente estabelecida no aparelho, uma recordação. Se isso pode ocorrer, então não é necessário que uma imagem de movimento seja acionada e que haja uma ação de descarga. Pode dar origem a um *conhecimento prático*, que pode ser útil a um caso posterior no qual o percurso seja requerido por uma percepção (e não mais por uma recordação). “... É conveniente que o processo de pensar prático não tenha de funcionar só quando se precisa dele em vista da realidade, mas sim mantê-lo preparado de antemão” (Freud, 1895/1995, p. 93). Dito isto nos termos de Gabbi Jr. (1995), “o pensar cria condições para *passar de situações presentes para situações possíveis*, virtuais” (p. 214, grifo nosso). Apesar da capacidade de antecipação que o pensar apresenta, ele não pode modificar uma memória inscrita pela realidade, o que significa que os processos secundários não têm condições de alterar o caminho preferencial estabelecido pela vivência de satisfação. Neste sentido, o máximo que o pensar pode realizar é antecipar (conhecer) caminhos vicinais que conduzam da recordação até a ocupação do objeto de desejo.

Freud (1895/1995) coloca a necessidade de diferenciar um *pensar reprodutivo*, *recordativo* que, em certa medida, poderia ser encontrado no pensar prático. No pensar recordativo a direção se dá da conclusão (a animação da representação do objeto de desejo) até a percepção, ou seja, há uma inversão na ordem dos eventos. Serve-se dos traços que o pensar prático deixou atrás de si, os signos de qualidade que dada a urgência do estado de expectativa tiveram de ser deixados de lado.

Freud considera todo pensamento como constituindo um silogismo, onde conhecemos a conclusão e uma ou mais premissas, mas não o seu conjunto. O trabalho do pensar recordativo é justamente o de buscar as premissas faltantes. No pensar prático, dado a urgência imposta pelo estado de expectativa, faltam as ocupações de traços do pensar. Assim que se estabelece a identidade perseguida, são efetuadas as ocupações das representações de movimento. No pensar recognitivo, uma vez que ele não se efetua sob a premência de uma situação, há fortes ocupações de representações da fala. O resultado é a construção de silogismos práticos, de esquemas operatórios, prontos para serem usados tão logo se apresente a oportunidade. No pensar recordativo, trata-se de inverter a direção do pensar: da sua conclusão, a representação do objeto de desejo, volta-se para a premissa inicial, uma representação que corresponda a uma certa percepção (Gabbi Jr., 1995, p. 216).

Se o pensar é uma forma de conduzir à realização de desejo, por que a ocorrência de desprazer durante o processo de pensar? Freud (1895/1995) considera que o desprazer gera um impedimento do pensar. O desprazer ocorreria pela ocupação de uma recordação, de uma representação que teria pertencido à vivência de dor – a representação do objeto hostil³⁶. Se o curso do pensar ocupar uma representação desse tipo, os signos de qualidade (geralmente sensoriais, sensação de desprazer, tendência a eliminar o excesso de quantidade) liberam o afeto, o que interrompe o pensar. Para que a recordação não impeça o curso do pensamento, é necessário que o eu atue sobre ela [a recordação], de maneira a inibir o fluxo de quantidade da representação do objeto hostil por meio de ocupações laterais. Enquanto o eu não puder inibir o livre curso de quantidade sobre a recordação do objeto hostil duas ocorrências podem ser esperadas: a alucinação negativa do objeto ou o aparecimento do afeto. Somente quando o eu tiver desenvolvido a parte do manto, que por complexificação neuronal pode desviar o curso da quantidade – os processos secundários – é que o pensar poderá transcorrer sem maiores interrupções devido a liberação de desprazer. Por serem caminhos estabelecidos no eu, o pensar “... expressa o efeito inibidor do *eu* sobre a representação da vivência de dor” (Gabbi Jr., 1995, p. 218, grifo no original). Deste modo, a recordação é *domada*, ou seja, dominada pelo eu. Freud (1895/1995) supõe que pelo caminho deixado pela vivência de dor não ser percorrido (em função do processo inibitório do eu), as resistências aumentarão e a facilitação cairá no esquecimento³⁷. Acontece que esse processo de inibir o fluxo quantitativo no circuito da vivência de dor (a animação da recordação do objeto hostil e a conseqüente liberação de desprazer) deixa como resultado a tendência a perturbar o curso do pensar quando um traço de desprazer seja liberado pela recordação domada pelo eu. Esta tendência é utilizada pelo pensar prático em sua busca pelo objeto de desejo. Ao deparar-se com uma articulação que leve à produção de desprazer, outro caminho deve ser procurado, quer dizer, a atenção precisa se voltar para outro caminho, pois se o caminho enveredado conduz ao desprazer, não pode ser o mesmo caminho que leva à identidade com a ocupação de desejo. Assim sendo, a *defesa de pensar primária* é estabelecida como um direcionar da ocupação de atenção para outro percurso quando ocorrer a liberação de desprazer.

Se a defesa de pensar primária é útil para o pensar prático ela precisa ser desconsiderada no pensar teórico. No pensar teórico todos os caminhos precisam ser reconhecidos pelo eu, liberem eles desprazer ou não. Esta é a forma de conhecer o objeto na

³⁶ Isto nos será útil para pensar o processo da repressão.

³⁷ O que Freud chama de esquecimento é o não acesso ao caminho da vivência de dor pela ação inibitória do eu. No dizer de Gabbi Jr. (1995), o eu mantém *estricta vigilância* sobre o caminho que leva à liberação de desprazer.

sua maior extensão possível, o que inclui as representações de prazer e desprazer. Assim, um processo que garante que o objeto de desejo seja encontrado – a defesa de pensar primária – pode não ser o mais adequado para outra forma de pensar, que não tenha como objetivo a busca (imediate) de satisfação por não estar afetado pela urgência do estado de expectativa. O eu precisa distinguir em que momentos é necessário desviar das representações de objeto hostil para chegar mais rapidamente à representação do objeto de desejo e, em contrapartida, em que situações percorrê-las é condição para formar um quadro mais abrangente, uma busca de apreensão da forma mais totalizada possível do objeto³⁸.

O pensar prático, aquele que conduz da representação perceptiva à animação da representação do objeto de desejo, ou seja, busca identidade, é o objetivo de todos os processos de pensar. Chegar à *satisfação é a meta*, seja na urgência do estado de expectativa ou preparar-se com antecipação para ele, tendo caminhos previamente designados/verificados para serem percorridos. Pela tomada de atribuições que o eu adquire gradativamente, pode-se dizer que o pensar prático dá origem às demais formas de pensar; quanto mais o eu se expande no manto mais possibilidades de inibição da animação da representação do objeto de desejo podem ser estabelecidas, o que permite outras formas de pensar; o pensar recognitivo é um bom exemplo de inibição bem sucedida. O pensar recognitivo, aliás, é um auxílio ao pensar prático. “*O pensar recognitivo possibilita que o pensar prático premedite*” (Gabbi Jr., 1995, p. 219, grifo nosso). Como os caminhos de eliminação são estabelecidos fora do estado de expectativa, no pensar recognitivo há uma preparação para o estado que requer urgência.

O pensar recognitivo prepara uma série de identidades, ou seja, de caminhos que levam de uma representação para a representação do objeto de desejo. Como estes são estabelecidos fora de um estado de expectativa, aumenta a probabilidade de que a série qualitativa prevaleça sobre a série do prazer/desprazer (Gabbi Jr., 1995, p. 219).

Quais seriam as vantagens para o aparelho dessa escolha prévia de caminhos de eliminação? Freud (1895/1995) aponta duas vantagens: 1 – economia de tempo entre a percepção e a realização da ação específica, o que é de grande utilidade visto que as percepções mudam rapidamente e o pensar tem de acompanhar esse ritmo para que a satisfação seja obtida; 2 – dada a urgência que o estado de expectativa expõe o aparelho (o incremento de quantidade que precisa ser eliminada sob o risco de desencadear desprazer), ele não é útil ao pensar.

³⁸ Não custa frisar o que já destacamos, o primeiro objeto do bebê é de desejo, hostil e auxiliar. Além disso, o objeto não pode ser apreendido como totalidade, pois as possibilidades deste não se esgotam. Por isso a representação de objeto é aberta, está disponível a novas aquisições em sua estrutura.

A formação de *juízo* é um processo prévio ao pensar, pois por ele conhece-se a semelhança, a identidade parcial entre as ocupações de percepção e a representação de objeto de desejo. Há uma divisão da representação perceptiva (a qual é um complexo) entre uma parte constante, incompreensível – a *coisa* – e uma parte variável, compreensível – o predicado, a propriedade ou movimento da coisa. O complexo de coisa pode se ligar a muitos complexos de propriedade, os quais retornam em ligação com diversos complexos de coisa; assim está dada a possibilidade de processos de pensar, pois várias ligações neuronais estão ligadas entre si, o que implica em caminhos a serem percorridos pelos processos de pensar. O estabelecimento destes caminhos faz com que a percepção real possa ser desprezada, no sentido de não ser necessária para a recriação do processo³⁹.

Acontece que pode ocorrer erro no processo de pensar. Para Freud (1895/1995), o erro já pode ser encontrado no juízo. Os complexos de coisa e os complexos de propriedade nunca são idênticos – apenas semelhantes – e entre seus elementos dessemelhantes pode-se tentar substituir o complexo por um elemento. Estas são as *ilusões do juízo* ou *falha das premissas*. Pode ainda ocorrer que os objetos da realidade não puderam ser percebidos pelos sentidos, o que provocaria os *erros por ignorância*. Também se houverem percepções imprecisas ou o curso do pensar não puder ser completado em função de uma ocupação psíquica prévia defeituosa, devido à atenção do eu estar desviada para outros caminhos (processos inibitórios do eu que canalizam a quantidade para outras ocupações que não as perceptivas), ocorrem os *erros por atenção defeituosa*.

Uma maneira de abreviar o processo de pensar prático é associação entre uma percepção e uma imagem de movimento. Segundo Freud (1895/1995), esta associação ocorreria se o caminho que se formou entre a representação perceptiva para a ocupação do objeto de desejo (a identidade) fosse conduzido por uma imagem de movimento. Da simultaneidade entre percepção e imagem de movimento formar-se-ia uma facilitação entre ambas. Uma associação entre as duas ocupações (percepção e movimento) desencadearia o despertar do curso associativo sempre que uma percepção dessa ordem chegasse ao aparelho. “Aquilo que originalmente foi uma ligação de pensar, laboriosamente produzida, torna-se depois, através de completa ocupação simultânea, uma facilitação poderosa” (Freud, 1895/1995, p. 99). Pode somar-se a essa ligação a associação com uma terceira, a qual seria comum à percepção e à imagem de movimento. Pode ainda ocorrer que a atenção seja fixada na imagem de movimento e em seguida colocá-la em associação à percepção.

³⁹ Que pode ocorrer, p. ex., pelos processos primários: a alucinação do objeto de desejo.

Com o desenvolvimento dos trabalhos de pensar, diversos caminhos para a eliminação são abertos. As recordações de percursos bem-sucedidos resultam em novos caminhos. Assim, o pensar recognitivo, pelo qual os caminhos mais econômicos ao aparelho são previamente demarcados, é vantajoso. A preparação prévia que ele permite implica em um custo quantitativo menor quando os caminhos selecionados são percorridos no pensar prático.

No pensar recognitivo os erros se devem a duas tendências do aparelho psíquico: atração pelo objeto de desejo e evitação do objeto hostil, em outros termos, evitar desprazer e buscar o prazer. Então, dois erros podem ser encontrados: a parcialidade e a incompletude. A parcialidade ocorre pela busca apenas pelo objeto desiderativo e a incompletude pela fuga do objeto hostil. Ambas as situações impossibilitam que o objeto seja apreendido em sua maior parte (já que o todo é inassimilável). A forma que o aparelho tem para escapar destas duas tendências e evitar o erro é o despertar dos signos de qualidade, as representações de palavra, simultaneamente. Assim o curso associativo pode seguir os signos lingüísticos ao invés de percorrer o caminho da série do pensar.

O *pensar crítico* ou *verificador* “... é ocasionado quando, apesar de observar-se todas as regras, o processo de expectativa com a ação específica que lhe segue leva, no lugar da satisfação, ao desprazer” (Freud, 1895/1995, p. 100-101). Esse modo de pensar seria desencadeado pela frustração. Se o processo de pensar encontrou identidade entre a percepção e o objeto de desejo e o circuito foi percorrido o resultado teria de ser a satisfação. O pensar crítico procura *o que saiu errado*, o que despertou o desprazer. Para tanto, empreende-se uma repetição do curso da quantidade, despertando os signos de qualidade, buscando o que levou à *falha de pensar* ou ao *defeito psicológico*. Gabbi Jr. (1995) descreve o defeito psicológico como “... a presença de uma representação que ainda é capaz de gerar desprazer” (p. 222). Já a falha de pensar “... aponta justamente para uma fonte de desprazer que se origina no próprio uso das representações de palavra” (Gabbi Jr., 1995, p. 222). Nos dois casos, seja falha de pensar ou defeito psicológico, o curso quantitativo gerará desprazer. O desprazer gerado promove o pensar crítico no aparelho de modo a encontrar a representação que, se animada, desperta o desprazer. Para quê? Para que pelo pensar recognitivo vias alternativas a esta possam ser assinaladas e, num próximo evento de expectativa da ação específica, a satisfação possa ser atingida. As *falhas lógicas* consistem na desconsideração pelas regras biológicas, quais sejam: a defesa primária e a regra da atenção. Deste modo, o desprazer gerado pelas falhas lógicas é uma comprovação da existência das regras biológicas. As regras direcionam a ocupação de atenção (na busca do objeto desiderativo), bem como a necessidade de

interromper o processo de pensar. A quebra destas duas regras gera desprazer, então essa ameaça é mais do que suficiente para protegê-las [as regras].

A *ação* seria a animação das imagens de movimento realçadas no processo de pensar. Na ação as ocupações de atenção são recolhidas, pois há uma baixa quantitativa no eu desencadeada pelo movimento. A ação não ocorre pela inversão da trilha das imagens de movimento, ou seja, um processo de pensar. A ação ocorre por caminhos motores particulares. Como diria Gabbi Jr. (1995), “evidentemente, pensar uma ação e realizá-la são coisas distintas” (p. 224). Pode-se estabelecer uma comparação na ação entre o movimento pensado e o efetivamente realizado, o que pressuporia trilhas distintas entre o pensar e o efetuar o movimento.

Até aqui apresentamos de maneira sucinta algumas das noções propostas por Freud sobre o instrumento anímico no *Projeto*. A seguir, faremos uso dessas noções para tentar dar corpo à descrição dos períodos pré-edípico e edípico. Buscamos um novo entendimento destes períodos ancorando-nos nas proposições teóricas que subsidiaram os estudos iniciais do autor.

2.2. APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA AO PROCESSO DE EMERGÊNCIA E CONSTITUIÇÃO DO IDEAL DO EU

A proposta apresentada na Introdução deste trabalho é a de uma discussão metapsicológica (na medida do possível e dentro dos limites que as obscuridades conceituais nos permitam aclarar) sobre a emergência e constituição do Ideal do Eu. Assim, pretendemos analisar o modo provável de advento do Ideal do Eu a partir das transformações que ocorrem no interior do aparelho psíquico, em particular no eu. Esta, acreditamos, será a tarefa mais ambiciosa que propomos neste trabalho: buscar lançar luz, mesmo que um pequeno facho, sobre um conceito considerado obscuro na obra freudiana.

Podemos dizer que a descrição apresentada no primeiro capítulo deu-nos a forma, os contornos visíveis com que o conceito de Ideal do Eu assume no texto freudiano. Indicamos as relações entre este e uma gama de outros conceitos a ele ligados, assinalando a rede conceitual complexa que o sustenta. Se na exposição realizada até aqui nos preocupamos com a forma, com a descrição dos aspectos mais facilmente capturáveis da problemática do ideal do eu, a partir deste momento nos propomos a algo mais ousado: examinar a estrutura metapsicológica do Ideal do Eu no aparato psíquico. Para tanto, apoiar-nos-emos no modelo de aparelho [neuro]psíquico apresentado por Freud em 1895, no *Projeto*. Cabe ressaltar que

utilizaremos os recursos apresentados por Freud neste texto de maneira a fazê-los trabalhar a nosso favor, ou seja, possibilitar-nos novo enfoque ao tema. Não usaremos o *Projeto* no sentido estrito da *letra*, mas no sentido explicativo de processos metapsicológicos subjacentes aos eventos anímicos. Deste modo, não procuraremos entender a constituição do Ideal do Eu via complexos neuronais, mas sob o prisma metapsicológico que pode ser extraído do texto de 1895, considerando as forças que movimentam o aparelho e sua mediação com o meio circundante. Preocupar-nos-emos com as vias de eliminação de excitações dentro de processos primários e secundários ou, dito de outro modo, a forma como o eu comercializa as quantidades de excitação no aparelho psíquico. Também atentaremos aos desenvolvimentos desse eu, seja em complexificação de suas atividades, seja em destacamentos de partes dele (que é o cerne deste estudo). Resumindo, estamos interessados nos processos do funcionamento e evolução do aparelho psíquico apontados por Freud, processos estes que ao longo de sua obra foram sendo refinados e melhor elaborados.

Retomaremos os conceitos apresentados descritivamente de maneira a inseri-los no modelo de aparelho psíquico de 1895, sem, no entanto, deixar-nos engessar à ele, tendo sempre em vista um enfoque metapsicológico dos mesmos e os desenvolvimentos posteriores que se fizerem pertinentes. Sabemos que o modelo de aparelho psíquico proposto por Freud naquela ocasião sofreu modificações que são apresentadas, em especial, nos seguintes textos: em 1900, no capítulo 7 de *Interpretação dos Sonhos*; em 1923, no *Eu e o Isso*; e em 1933, nas *Novas Conferências Introdutórias*. Mesmo assim julgamos pertinente um retroceder histórico no pensamento do autor como uma tentativa de lançar luz sobre algumas obscuridades no conceito de Ideal do Eu, mesmo porque, seguindo Monzani (1989), de alguma forma tudo já estava lá (no *Projeto*).

Faremos uma retomada das etapas de formação do eu e dos objetos seguindo a trilha demarcada no capítulo anterior, mas agora com vistas aos elementos residuais das vivências de satisfação e de dor, os quais são constitutivos do aparelho psíquico.

2.2.1. Os processos metapsicológicos subjacentes à fase pré-edípica: o auto-erotismo, o objeto de amor e o narcisismo

Na própria constituição da pulsão está a presença do outro; essas forças que movem o sujeito a partir de dentro inscreveram as determinações da estrutura intersubjetiva (Hornstein, 1989, p. 137-138).

Apoiados nas teses defendidas no *Projeto*, sabemos que o eu é uma organização em ψ que se estrutura pelo contato com a realidade, com o meio circundante ao organismo. Portanto, pressupomos uma complexificação crescente no aparelho psíquico, que desembocará posteriormente no eu-instância⁴⁰ apresentado no que é chamado de Segunda Tópica, de 1923. A suposição de uma complexificação crescente, isto é, do desenvolvimento de uma organização em ψ cada vez mais diferenciada e elaborada, norteará as discussões sobre os períodos pelos quais a criança passa desde o nascimento até a dissolução do complexo de Édipo (períodos estes determinantes para este trabalho), tendo como foco privilegiado a constituição do Ideal do Eu no aparato psíquico. Retomemos, portanto, o período auto-erótico, o estabelecimento do objeto de amor e o narcisismo.

2.2.1.1. Metapsicologia do auto-erotismo

Começamos pelo período auto-erótico. O que levantamos aqui é uma hipótese de trabalho sobre o auto-erotismo. É uma tentativa de esclarecimento do que Freud apresenta no texto *Apontamentos Psicanalíticos Sobre um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides) Descrito Autobiograficamente*, de 1911, no qual o auto-erotismo é considerado um período anterior à escolha de objeto. Se concordarmos com a suposição de que o estabelecimento da representação de objeto de desejo seja efetivada no aparelho psíquico pelas repetições da vivência de satisfação, será lícito pensar uma época arcaica deste aparelho quando essa representação ainda não estava instaurada. A tentativa de dar corpo teórico a esta hipótese será nosso empreendimento.

Conforme já adiantamos em seção precedente, organismos que funcionem unicamente pelos processos primários são uma ficção teórica, mas a suposição do funcionamento primário é uma explicação necessária ao arcabouço teórico que Freud estava erigindo. Uma possibilidade a se cogitar é a de que o período auto-erótico seria o mais próximo ao modelo do funcionamento primário que poderíamos inferir no bebê (logo após o nascimento). Para deprender o funcionamento auto-erótico como aproximativo ao postulado processo primário, ancoramo-nos na afirmação de Freud (1914/2003) segundo a qual “... as pulsões auto-eróticas são iniciais, primordiais” (p. 74), assim como os processos primários teriam uma primazia temporal e predomínio de funcionamento, no instrumento anímico arcaico. Essa hipótese pode ser corroborada pelo pressuposto apresentado por Freud (1900/2004) no capítulo VII de *A*

⁴⁰ Na realidade não apenas o eu-instância, pois a parte do aparelho recoberta pelo eu no *Projeto* abrangerá, na Segunda Tópica, as instâncias Isso, Eu e Supereu.

Interpretação dos Sonhos, segundo o qual a consolidação do processo secundário é algo tardio no aparato, de modo que o núcleo do nosso ser permanece para sempre inacessível. Pelas teses apresentadas no *Projeto*, a princípio existe um eu originário, formado por ψ do núcleo. Somente posteriormente à vivência de satisfação a parte do manto começa a se desenvolver e é este desenvolvimento que possibilita o advento dos processos inibitórios do eu, processos estes que influirão sobre o funcionamento primário. Entendendo que no autoerotismo o descarregar dos excessos de quantidade se dá diretamente no corpo, sem nenhuma eleição de objeto⁴¹ (se é que isto é realmente possível, pois as vivências iniciais de dor e de satisfação deixam traços no aparelho que se tornarão, pela repetição, representações de objeto) a quem seria direcionada essa quantidade, podemos então pensar em algo análogo ao processo primário. Por esta forma de funcionamento do organismo vivo – o processo primário – entendemos, amparados em Freud (1895/1995), a tendência a se libertar o mais rapidamente quanto possível da quantidade que excita o aparato. Ora, se um aumento na quantidade é sentido pelo organismo como desprazeroso, nada mais adequado ao sistema do que buscar desfazer-se de quantidade ou, mais precisamente, do excesso da quantidade que está sobrecarregando o sistema. Neste momento da vida do bebê, pensamos numa ausência, numa não sistematização de um eu enquanto instância. Seus rudimentos já estão presentes, mas não de forma ordenada e coerentes ao ponto de entendermos a existência de um eu-instância, capaz de executar a função inibitória que lhe seria própria. Mesmo porque entendemos que o eu se desenvolve pelo contato com o meio e nos períodos iniciais da existência do organismo supõe-se que pouca interação pôde ser realizada. Se é necessário que haja um eu minimamente coerente, ou ao menos de uma organização que possibilite a existência de um eu-função como o que parece ser o caso do *Projeto*, que dê conta efetivamente de barrar a liberação da quantidade que se acumula no sistema – o que caracterizaria os processos secundários –, e se argumentamos que neste período não estamos na vigência de um eu organizado, apenas contando com rudimentos dele, seria lícito supor que no período autoerótico haja predominância dos processos primários? Sob um primeiro olhar, não parece ser esse o caso, visto que os processos primários concorrem, em última instância, para a aniquilação da espécie, uma vez que constituem em ações e reações pouco adaptativas. É nítido, pelo que vimos na descrição sobre os pressupostos do *Projeto*, que somente um organismo regido pelos processos secundários tem condição de sobreviver, de manter-se em

⁴¹ Faz-se necessário esclarecer que não estamos dizendo que o período auto-erótico seja *anobjetal*, mas que o modo de satisfação obtido nele dá-se sem a interferência de um objeto externo a quem direcionar a pulsão sexual.

níveis controlados de quantidades (o princípio de constância) e postergar a satisfação até o momento em que a ação específica possa ser realizada. Ainda assim, o suposto de Freud de que os processos primários subsistem no aparato psíquico⁴² sob a forma de caminhos preferenciais de escoamento de quantidade precisa ser entendido de acordo com estes momentos do desenvolvimento (no sentido de desenrolar dos eventos) pré-edípico.

Emprestaremos o modelo da fome – da vivência de satisfação – do *Projeto* para auxiliar a pensar a emergência do sexual no organismo. Damo-nos a este direito por entender que, como Freud salienta no texto *Três Ensaios de Teoria Sexual*, de 1905, o sexual desprege-se do conservativo, a pulsão sexual diferencia-se da pulsão de autoconservação. Isto implicaria em que o que até um dado momento era necessário para manter o organismo vivo – a atividade de nutrição – atinge outro patamar, passando a encerrar duas tendências distintas: a continuidade da vida e o prazer. Esse momento inicial de emergência da sexualidade, no qual podemos assinalar a gênese das formas auto-eróticas de satisfação sexual, será de suma importância posteriormente para entendermos a libido direcionada ao eu (narcisismo) e aos objetos externos (em especial no período edípico). Tentemos propor uma explicação do autoerotismo sob o ponto de vista do aparelho proposto no *Projeto*. Mas, para isso, necessitaremos esclarecer como o sexual se destaca, se desprege da conservação. Dito de outro modo, como o sexual emerge do biológico. É neste ponto da explanação que precisamos da noção de apoio.

Por apoio entendemos a forma pela qual, a partir da pulsão de autoconservação, se dá o descolamento da pulsão sexual. Este é um processo em dois tempos: num primeiro momento há um amálgama pulsional (autoconservação e sexualidade) para secundariamente ocorrer uma separação entre estas duas classes de pulsão. Lembremos que pulsão é um conceito complexo que só pode ser entendido levando-se em consideração seus quatro elementos essenciais: esforço ou pressão {*Drang*}, fonte {*Quelle*}, objetivo ou meta {*Ziel*} e objeto {*Objekt*}. Na pulsão de autoconservação esses elementos já estão dados: a fonte, que é sempre somática, e a pressão são pensadas em termos quantitativos, a necessidade de alimento a nível intracelular faz com que estímulos endógenos cheguem a ψ do núcleo, gerando desprazer e a tendência a libertar-se da quantidade. Essa tendência primária a libertar-se de quantidade é a meta, o objetivo da pulsão. O objeto é aquele que propicia essa satisfação: o outro, o próximo que realiza a ação específica. Temos os elementos da pulsão de autoconservação na vivência de satisfação do *Projeto*. Podemos dizer o mesmo da pulsão sexual? Como esse processo de despreçamento da pulsão sexual poderia ser entendido por

⁴² Além do que, exemplos de processos primários, onde se esperaria o predomínio de processos secundários, são os sonhos, no estado de sono, e os sintomas, no estado de vigília.

essa via? Os elementos da pulsão de autoconservação serão basicamente os mesmos da pulsão sexual. A fonte continua a ser os estímulos endógenos, a pressão ainda é a quantidade que chega ao aparelho psíquico que sobrecarrega o sistema e o impulsiona a liberar-se desse acúmulo, a meta ainda é a satisfação e o objeto é o agente da ação específica. Qual a diferença então entre as duas pulsões? Hornstein (1989) nos dá uma pista: “A autoconservação é objetual: sua intencionalidade está diretamente orientada para um objeto. Por isso esgota-se com a satisfação [saciedade⁴³]. A sexualidade, pelo contrário, sem objeto real adequado, nunca escapa totalmente do mundo fantasmático” (p. 140). Na pulsão sexual não é mais a necessidade de alimento que põe em marcha o processo (o aumento quantitativo e a tendência a percorrer o caminho facilitado de eliminação deixado pela vivência de satisfação) e sim o *algo mais*, o *plus*, o prazer obtido com a eliminação de quantidade, que foi conquistado juntamente com a saciação da necessidade de alimento e que, paradoxalmente, jamais encontrará satisfação.

A própria idéia de que originalmente as pulsões sexuais tomam das pulsões de autoconservação as suas fontes e os seus objetos implica que existe uma diferença de natureza entre as duas espécies de pulsões; as primeiras encontram todo o seu funcionamento predeterminado pelo seu aparelho somático, e o seu objeto é imediatamente fixado; as segundas, pelo contrário, definem-se em primeiro lugar por um certo modo de satisfação que, de início, não passa de um ganho obtido à margem (*Lustnebensgewinn*) do funcionamento das primeiras (Laplanche & Pontalis, 1982/1992, p. 32, grifo no original).

No texto *Pulsões e Destinos de Pulsão*, Freud (1915/2003a) comenta sobre as pulsões sexuais estarem em conexão com as pulsões do eu: “Em sua primeira aparição [as pulsões sexuais] se apóiam nas pulsões de conservação, das que só pouco a pouco se desprendem; também no descobrimento de objeto seguem os caminhos que lhes indicam as pulsões do eu” (p. 121). Podemos ainda citar Hornstein (1989) tratando da teoria do apoio e já antecipando a importância do conceito de zona erógena para a sexualidade infantil:

A sexualidade se apóia na autoconservação, que lhe outorga, no começo, uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. Porém, à medida que se vai gerando um prazer que não pode ser reduzido ao campo da autoconservação, a sexualidade emerge, originando-se nesse prazer marginal que logo será buscado por si mesmo, fora de toda necessidade de alimentação, e a nível do prazer em uma zona erógena (Hornstein, 1989, p. 141).

⁴³ Preferimos o termo saciedade/saciação, que se trata de dar fim ao desprazer provocado pela carência (de alimento, no caso da fome) e não de satisfação, que tem a ver com a descarga da libido, da quantidade que adentra ao sistema decorrente do *plus* do contato com o outro.

Resumindo, podemos dizer que pelo modelo da fome, da pulsão de autoconservação, estamos supondo o mecanismo para a pulsão sexual. Depreendemos a correlação entre o mecanismo das duas pulsões pela teoria do apoio. Se uma pulsão descola-se da outra é porque o *modus operandi* deve ser semelhante (mas não igual). Na fome temos que o carecimento de alimento a níveis celulares envia estímulos à ψ do núcleo. Na pulsão sexual é um incremento quantitativo em um órgão (possivelmente por estimulação externa) que é levado a ψ . Essa estimulação sexual que chega ao aparato, ou melhor, a quantidade que flui até ψ provocando ali um acúmulo que tenderá a ser eliminado como forma de evitar o desprazer é o que chamamos de libido. Dito de maneira mais poética, “*O alimento [o leite, necessário à manutenção da vida] sempre é acompanhado pela absorção de um alimento psíquico*” (Hornstein, 1989, p. 189, grifo nosso).

Agora, com a diferenciação entre as pulsões (autoconservação e sexual), almeja-se também a descarga relacionada à estimulação da mucosa oral que também está inscrita no aparato psíquico (nos domínios do eu). Deste modo, haveria uma representação da mucosa bucal no aparato psíquico, um complexo de neurônios facilitados que seriam ativados quando a quantidade originada da sua fonte – o que Freud (1905/2003) denominará de zona erógena oral - se elevasse. Imaginemos, de maneira simplista, um conglomerado neurônico que contenha as imagens de seio, alimento, mucosa bucal, saciedade. Este complexo neuronal seria preferido como circuito a ser percorrido pela quantidade como maneira a evocar a vivência de satisfação. Percorrendo esse circuito sem a concretude de um agente externo que proporcione alimento e, conseqüentemente, a saciedade, o bebê entra em processo alucinatorio. Vislumbramos, então, não apenas a diferenciação entre as pulsões, mas também a independência das pulsões no aparelho psíquico. A inscrição da pulsão no aparato psíquico sob a forma de seus representantes inaugura a busca por uma nova forma satisfação, a qual o alimento não mais pode propiciar. Arrimado no biológico, um momento de guinada institui no aparelho o desejo sexual. Desejo era entendido no *Projeto* como a tendência a percorrer o circuito facilitado pela vivência de satisfação e a ocupar a imagem de objeto que possibilitara a saciação da fome. Como depreendemos que do modelo da fome pode ser destacado a emergência do sexual, podemos dizer que o mesmo circuito facilitado pela vivência de satisfação ascende a outro patamar, agora o mesmo circuito é percorrido com outro objetivo: a satisfação da necessidade de prazer sexual. Da necessidade de saciação emergiu a busca pela satisfação e para tanto é utilizado o mesmo circuito. Se entendermos que a representação de objeto de desejo (que era aquele que empreendia a ação específica) faz parte do circuito

facilitado, então fica explicitado essa imagem de objeto ser também almejado como aquele que pode propiciar a satisfação sexual. Ocorre uma mudança de finalidade ao percorrer o circuito – da saciação alimentar para a satisfação sexual - mas o objeto buscado para a realização será mantido.

Não há pulsão antes de sua inscrição como representação. Assim, a pulsão não pode ser captada senão por suas representações. Isto significa que, antes de estar fixada, é apenas uma pura quantidade (desprazer). O que caracteriza a sexualidade como pulsão é que a tensão procedente do corporal está determinada por representações que se originam em um campo intersubjetivo no qual se dá a inscrição da pulsão. Isso rompe a continuidade com o biológico (Hornstein, 1989, p.140).

Tentemos esclarecer a afirmação de Hornstein sobre a inscrição da pulsão sexual pelas noções do *Projeto*. Das repetições da vivência de satisfação que as muitas mamadas oferecem ao bebê, um conglomerado neuronal em ψ torna-se especialmente facilitado e ocupado sempre que quantidades adentram ao sistema ψ , provenientes do interior do corpo. Essas quantidades elevam os níveis de ocupação nesse conglomerado e a conseqüente tendência a descarga (pelos processos primários). Acontece que as vivências fundamentais, de satisfação e de dor, já teriam deixado facilitados grupos de neurônios de ocupação constante em ψ – a organização em ψ que chamamos de eu. Isto implica que o livre curso de quantidade será barrado, ou melhor, inibido pelo eu. Como sabemos, é essa inibição do livre curso de quantidade e sua conseqüente liberação que chamamos de processos secundários. O processo alucinatorio que acontecia no sistema é agora substituído pela capacidade que o eu tem de impedir que o circuito neuronal seja percorrido livremente. Mas, se o circuito não pode ser percorrido, como se dá a satisfação? O eu não pode permitir a eliminação de quantidade quando não haja a ação específica, então nos domínios do eu está a função de reconhecimento entre uma ocupação do objeto (o circuito neuronal privilegiado) a partir do interior do próprio corpo – uma alucinação – e a percepção do outro que realizará a ação específica. É apenas quando a ocupação do objeto se faz a partir de elementos da realidade que o circuito poderá ser percorrido sem danos ao organismo. Isto ocorre quando o eu reconhece o signo de realidade que chega a ψ a partir de ω e permite que a eliminação se realize.

Mas, é preciso levar um elemento de suma importância em consideração quando falamos em prazer auto-erótico: a busca pelo objeto de desejo. Como já esclarecemos, o objeto é inscrito no aparelho pelas muitas mamadas que fazem com que o circuito da vivência de satisfação seja repetidamente percorrido. Vejamos como Freud (1895/1995) descreve a ocupação proveniente de uma percepção e suas recidivas:

... a ocupação perceptiva é na primeira vez uma ocupação pouco intensa, com Q pequena; na segunda vez, por ocupação prévia de ψ , ela é quantitativamente maior. Ora, o juízo sobre as propriedades quantitativas do objeto não é alterado em princípio pela atenção. Conseqüentemente a Q externa dos objetos não pode expressar-se em ψ por Q η psíquica. A Q η psíquica significa algo bastante diferente, sem delegado na realidade, e a Q externa expressa-se efetivamente em ψ através de outra coisa, através de complexidade das ocupações. Mas, dessa forma, a Q externa é afastada de ψ (Freud, 1895/1995, p. 77).

Deste modo, entendemos que na primeira ocorrência da vivência de satisfação a ocupação do traço de memória que será a representação do objeto de desejo é pouco intensa se tomarmos como parâmetro as repetições posteriores dessa ocupação. Nas recidivas, como já haveria uma representação de objeto inscrita, facilitada, a quantidade seria atraída pela facilitação bem como pelas ocupações laterais que se dariam por complexificação, pela capacidade inibitória do eu. A atenção do eu seria voltada para essa representação de objeto e atrairia as entradas de quantidade no aparelho via percepção, de modo a encontrar os caminhos (pelos processos de julgar e pensar) que levem à identidade entre a representação e a percepção. Assim, o que se busca no meio externo é sempre [re]encontrar o objeto que sacia e também satisfaz.

De posse destas informações, aliamos à de que o sexual emerge apoiado nessa vivência primordial e no objeto que foi representado no aparelho como aquele que promove a satisfação – o outro que realiza a ação específica. Então, como esclarecemos antes, o objeto que temos representado serve às duas pulsões, a de conservação e a sexual. Para usar os termos de Hornstein (1989), “... o objeto da sexualidade é um efeito das vivências de satisfação” (p. 142).

Após termos apresentado um panorama de como o sexual emerge do conservativo, via teoria do apoio, voltemos ao modo auto-erótico de satisfação. Tomemos o chuchar, o protótipo do auto-erotismo destacado por Freud (1905/2003), para um olhar mais acurado do processo de desfazer-se da quantidade. Aos moldes modelo do *Projeto*, que podemos pensar que ocorreria com o bebê quando este efetua o ato de sugar com leite? Com a necessidade da vida, os grandes carecimentos dos quais vamos destacar aqui a fome, dá-se um incremento na quantidade proveniente de níveis intra e intercelulares. Esse aumento é presentificado para o bebê como desprazível. Sabedores que um aumento na quantidade acima de certo limiar prontamente desencadeia uma tendência a descarga – pelos processos primários de funcionamento do aparato psíquico, que cremos estar em estado vantajoso nesta época pela pouca organização do eu – vemos o bebê em estado de desamparo, pois não pode por si

mesmo empreender uma ação específica que lhe supra sua necessidade de alimento. Na tentativa de descarregar a quantidade, toma o que tem à mão: a princípio efetua atos motores involuntários como o espernear, para em breve utilizar-se de uma parcela de seu próprio corpo com o fim de sugá-la. No intento de alcançar a vivência de satisfação outrora obtida, alucinatoriamente uma parte de seu próprio corpo é usada como provedor de alimento – geralmente os dedos ou as mãos, mas pode ser qualquer parte corporal que o bebê consiga conduzir até a boca. As vias facilitadas deixadas pelas vivências de satisfação são ocupadas por quantidade (proveniente de ϕ , pela excitação oriunda da estimulação de partes do corpo do bebê, e que adentram ψ), o que gera uma descarga sem inibição, característica de alucinação com o objeto de desejo. Vemos aqui o modo de operação dos processos primários, a busca mais imediata possível de desembaraçar-se da quantidade. Acontece que essa manobra do bebê não pode fazer com que se liberte do carecimento, da fome. Deixado neste estado de desamparo constitucional – a impossibilidade de empreender por si mesmo a ação específica – o organismo sofreria dano e invariavelmente seria levado à morte. A não satisfação da necessidade e a conseqüente frustração decorrente farão com que o bebê se aperceba de que não está obtendo o resultado esperado, a saciação, pois a satisfação obtida por essa manobra é efêmera e brevemente a quantidade terá chegado a níveis que sobrecarreguem o aparelho. Com o incremento cada vez maior da quantidade que a fome propicia e, juntamente com o aumento da quantidade e a elevação da sensação de desprazer, resultam o grito, o choro como válvula de escape para parte dessa quantidade. Se para o bebê o choro é um movimento com finalidade de baixar a quantidade para níveis toleráveis, para o elemento nutriz, a mãe, o choro, como já mencionamos, passa a ser secundariamente interpretado como elemento a serviço da comunicação de que algo não está bem. Tendo ela decodificado o choro como a comunicação de fome, esta será o elemento externo que empreenderá a ação específica que pode fazer com que a quantidade seja diminuída a um nível ótimo, a saciação da necessidade e a conseqüente continuidade da vida do bebê. Em situações ideais esta seria a sucessão dos eventos que levaria do estado de carecimento ao de saciedade.

De tudo que foi detalhado até aqui, que podemos depreender seja o auto-erotismo? O auto-erotismo seria uma *recriação alucinatória* da vivência de satisfação propiciada pela amamentação. Não é sem motivo que Freud (1905/2003) usa o chuchar como seu modelo. A satisfação atingida pelo sugar o seio – e dele obter alimento – é transferida para outro elemento de seu corpo que também faz parte do processo, a mucosa bucal. Não só o alimento é almejado, mas também a satisfação decorrente da estimulação dessa parcela do corpo ligada

à nutrição: a boca. Da pulsão de autoconservação emerge algo outro, uma nova pulsão que busca a satisfação pelo descarregar de quantidade de maneira despregada da necessidade da vida: a pulsão sexual.

E a forma de descarga auto-erótica, como entraria no processo descrito acima? O órgão-fonte, do qual parte a quantidade que invade ψ do núcleo, será utilizado para a descarga. Ele seria, a um só tempo, fonte e objeto (se é que podemos assim designá-lo) da pulsão sexual. Não há, no caso do auto-erotismo, a mediação de um objeto externo, de uma representação psíquica para que as vias de eliminação sejam percorridas. Uma estimulação motora do próprio órgão provoca a eliminação e apazigua o desprazer gerado pelo acúmulo da quantidade. Estamos tratando do prazer de órgão, aquele prazer que é satisfeito pela estimulação do mesmo local/órgão em que foi produzida a excitação e não está ligado à necessidade (de alimento, p.ex.), está totalmente nos domínios independentes da pulsão sexual. Seria este um mecanismo de ação regido pelos processos primários ou haveria uma regulação do eu? Supomos que este mecanismo poderia ser entendido em três frentes distintas: ou o auto-erotismo seria uma maneira de descarga que se assemelharia ao choro e ao espernear em que o excesso de quantidade no sistema é baixado por uma descarga motora, anterior ao percorrer das facilitações em ψ , um processo primário, portanto; ou a ativação do circuito da vivência de satisfação ocasionaria a alucinação do objeto de desejo e a estimulação do órgão-fonte levaria à satisfação, ao menos temporária, configurando, igualmente, um processo primário; ou, ainda, uma inibição da representação do objeto de desejo levaria à busca, pelo pensar, de outra representação (do corpo, supomos) que pudesse ser acionada e que também geraria a descarga, ou seja, um processo secundário, pois mediado pelo eu. Talvez essas três possibilidades possam somar-se ou, dito de maneira mais específica, funcionar em diferentes momentos, o que nos permite formar um quadro mais abrangente e complexo. É possível que uma imagem de movimento tenha ficado inscrita em ψ quando uma parcela de quantidade tenha sido liberada em uma movimentação involuntária (no sentido de que não havia intencionalidade no movimento, naquele momento) do órgão-fonte. Essa marca em ψ torna-se patrimônio do eu e pode ser novamente ativada quando uma nova elevação de quantidade proveniente do órgão-fonte chegar ao aparelho psíquico. Desta maneira, seria dispensável a ativação do grupo representacional de objeto componente da vivência de satisfação para haver a descarga. A marca deixada em ψ e tornada domínio do eu, será fixada, ou seja, será uma via eleita para novas situações em que o órgão seja fonte de excitação.

Se entendermos que o auto-erotismo é uma possibilidade de satisfação sexual no próprio corpo na ausência do objeto externo, então o auto-erotismo seria uma busca pelo objeto de desejo sob a égide da alucinação, um preenchimento com quantidade do registro intrapsíquico do objeto da vivência de satisfação. Assim, esse momento deve estar sob a supremacia da forma de atuação dos processos primários⁴⁴. Esta é uma possibilidade teórica que podemos depreender do modelo do *Projeto*. Mas, como já tecemos considerações, esse modelo é incompatível com a vida e precisamos de outra hipótese que nos pareça mais plausível. A suposição da intervenção do eu nesses processos precisa ser pensada. Não estamos supondo a extinção de satisfação auto-erótica, mas uma possibilidade de interferência do eu de modo a barrar esse tipo de satisfação, em outras palavras, redirecionar a busca pelo objeto externo. Esta busca, sim, pelo objeto real, pelo outro, que pode resolver o desamparo constitucional e gerar satisfação, precisa ser conquistada pelo eu.

O que discorremos aqui é uma possibilidade não apenas para a mucosa bucal, que ascendeu à categoria de zona erógena, mas também pode ser aplicada às demais regiões corporais (órgãos). Outras são as porções corporais que em dados momentos estão passíveis de serem estimulados e terem as excitações nele despertadas apaziguadas no mesmo lugar em que foram produzidas. Outros órgãos podem ser tomados como zonas erógenas. As aquisições do aparelho psíquico ficam arquivadas e podem ser acionadas sempre que necessário desde que o eu, de posse de seus atributos de julgar e pensar, eleja esses caminhos neuronais pré-fixados.

A possibilidade de satisfação auto-erótica não exclui do aparelho psíquico a tendência a voltar a percorrer as vias facilitadas pela vivência de satisfação, nem as substitui. Ainda está inscrito no aparato o circuito da vivência e a representação de objeto a ela ligado. Vejamos o que pode ser dito a respeito do objeto de desejo assinalado pela vivência de satisfação.

2.2.1.2. Processos metapsicológicos subjacentes ao narcisismo e ao amor objetal

No primeiro capítulo desta dissertação vislumbramos o que viria a ser o narcisismo. Agora nos dedicaremos a tentar esclarecer melhor o assunto que foi abordado de maneira introdutória e descritiva naquele capítulo, apenas para dar subsídio ao que seria descrito a seguir. Aqui o tema merece um cuidado maior.

⁴⁴ Se bem que levantamos a possibilidade de que o processo seja mediado pelo eu por ação inibitória da animação do objeto de desejo e o desvio da quantidade para uma representação de órgão.

Hornstein (1989) faz emergir do texto freudiano algumas acepções sobre o narcisismo. Como uma fase, esta seria a acepção do narcisismo como um estado evolutivo de construção do eu, onde este se consolidará como uma unidade. Esta primeira acepção é condizente com o pressuposto apresentado por Freud (1914/2003) de que não há no início da vida uma *unidade* relativa ao eu, isto é, no sentido de uma totalidade organizada, mas não no sentido de um eu frágil e fragmentado, pusilânime em suas ações. O termo narcisismo também pode ser entendido como um processo de retirada da libido que estaria investindo objetos externos, a qual retornaria ao eu, de modo que por essa acepção entenderíamos um reinvestimento do eu (estamos em face do que Freud [1923/2003a] chama de narcisismo secundário). Como um tipo de identificação, quando da perda de um objeto de amor o eu se oferece como substituto do objeto perdido por estar identificado a este, tal qual está descrito no texto *Luto e Melancolia*, de 1917. A noção de narcisismo serve também para descrever atitudes e traços de personalidade (aspecto este focado pela escola americana da Psicologia do Ego - as personalidades narcisistas). E, finalmente, o narcisismo como uma estrutura - aspecto ressaltado por Green (1988), que considera que o narcisismo primário só pode ser compreendido como uma estrutura, como o “... desejo do Um, aspiração a uma totalidade auto-suficiente e imortal onde o auto-engendramento é a condição, morte e negação da morte ao mesmo tempo” (p.142). Algumas destas acepções serão necessárias ao que nos propomos neste momento, em especial a acepção de consolidação do eu. A este respeito chama-nos a atenção a declaração de Freud (1914/2003) de que é necessário que algo seja agregado ao auto-erotismo para que o narcisismo se constitua: “uma nova ação psíquica” (p. 74), a constituição de um eu. Começemos por este aspecto.

Se tomarmos o sistema ψ do *Projeto* como o todo do eu, ou se ao menos o concebermos como o campo potencial do eu, e se considerarmos que por receber Qs endógenas e exógenas constantemente e que os grandes carecimentos (fome, respiração e sexualidade – esta última concebida por Freud, em 1895, como estando atuante apenas após a adolescência) estão presentes desde o início da vida, então é possível pensar que já neste período tão arcaico da existência do organismo deve existir um eu em alguma forma, mesmo rudimentar. Assim, com a ocupação inicial em ψ (considerado como o campo potencial do eu) poderíamos pensar o narcisismo primário como “... um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma” (Laplanche e Pontalis, 1982/1992, p. 290). Abriremos um parêntese para levantar uma discussão sobre uma ocupação inicial no eu e o reservatório da libido, assuntos estes imbricados e de interesse para este trabalho.

Pensamos que muitas das questões que dificultam o entendimento do problema em tela têm a ver com as diferentes noções que o termo eu apresenta no decorrer da teoria que Freud estava erigindo. Uma das dificuldades que nos interessam consta do texto *Introdução do Narcisismo*. Parece-nos um paradoxo no texto de 1914 duas teses ali apresentadas: a afirmação de que o eu enquanto unidade não existe desde o início da vida e tenha de ser desenvolvido, colocada frente à suposição do narcisismo primário segundo o qual haveria um investimento originário no eu. A que eu, a que estrutura Freud se refere? Tentemos desembaraçar um pouco retrocedendo nas formulações teóricas e levantando uma possibilidade de conciliação também com o suposto de 1923, segundo o qual o narcisismo seria secundário ao investimento em objetos. Freud (1895/1995) afirma que originariamente o eu consiste de neurônios nucleares, ou seja, de ψ do núcleo, que recebem e descarregam quantidades de origem endógena. Gabbi Jr. (1995) acrescenta que o eu originário é “... um caminho de eliminação de quantidades endógenas” (p. 204). Assim teríamos um estado originário em que toda a quantidade endógena chegaria a ψ do núcleo e seria ali mesmo descarregada. Lembremos que quando o *Projeto e Introdução do Narcisismo* foram escritos, Freud ainda não havia elaborado a Segunda Tópica, na qual as instâncias estão distinguidas em Isso, Eu e Supereu. Esse eu originário, constando na porção de ψ do núcleo, anteriormente a sua proliferação de ocupações em ψ do manto, bem pode dar subsídios que permitam ser ele entendido como abarcando o Isso de 1923. Se pela concepção vigente na Segunda Tópica a diferenciação Eu-Isso não ocorre desde os primórdios e se o eu se desenvolve a partir do contato com a realidade – via percepção –, esta é uma compreensão que podemos depreender. Nos termos encontrados em *O Eu e o Isso*, “... o eu é a parte do isso alterada pela influência do mundo exterior, com mediação de P-Cc [do sistema Percepção-Consciência]...” (Freud, 1923/2003a, p. 27). Seria então esse eu originário do *Projeto* o Isso de 1923? Pelo que encontramos mais adiante no texto *O Eu e o Isso*, no qual Freud diz fazer uma ampliação da teoria do narcisismo (note-se que o autor não diz que se trata de uma modificação do que é apresentado em 1914, mas uma ampliação) colocando o isso como reservatório inicial da libido. Se o eu originário do *Projeto* recebia quantidade de origem endógena e descarregava a quantidade pelas suas vias facilitadas (sem inibições) então estamos em funcionamento primário. E processos primários caracterizam o Isso; o Eu, em contrapartida, teria por função inibir o livre escoamento de quantidade.

Já descrevemos como a pulsão sexual emerge da autoconservação nos primórdios da existência do bebê e como a quantidade que invade o aparato ganha a coloração sexual, a

libido. Essa suposição de um narcisismo primário – que podemos pensar seria um rudimento que permitiu que o Isso fosse forjado como instância em 1923 -, que Freud (1914/2003) considera uma premissa necessária à teoria da libido, pode achar apoio nesses movimentos de quantidade postulados no *Projeto*. Encontramos nele um aporte biológico – em termos de quantidades ocupando neurônios - para a afirmação de Freud (1914/2003) de que haveria um investimento libidinal originário no eu (ou no isso, no domínio das paixões, das pulsões). Podemos pensar que essa quantidade, sob a forma de libido, que chega a ψ não proviria senão do *plus* despertado no processo de nutrição (a Teoria do Apoio) já no início da vida. Apesar de já ser alvo de ocupação por libido, esse eu não seria ainda uma organização coerente e com funções bem delimitadas como ocorre com a complexificação crescente do sistema, mas já deveria ter um mínimo de eficiência dentro do instrumento anímico, uma organização rudimentar que permitisse a continuidade da vida. Assim a afirmação da ficção de um aparelho que funcione exclusivamente por processos primários fica mais clara. Falamos de um eu extremamente frágil, no sentido de não estar totalmente de posse de suas funções. Essa fragilidade inicial do eu dificultaria (talvez seria mais correto dizer que impossibilitaria) que em parte considerável das situações de necessidade que acometessem o organismo do bebê ele (o eu) conseguisse inibir os processos primários de funcionamento – a liberação de quantidade - e executasse os processos secundários de funcionamento⁴⁵.

Sobre a ocupação originária no eu/isso, é possível pensar que tendo essa quantidade à sua disposição o eu poderá emanar essa quantidade para as representações de objeto. Em 1923 Freud dirá que o isso envia parte da libido nele acumulada para investimentos eróticos em objetos. Se pensarmos no eu que foi se desenvolvendo a partir do eu originário, prolongando-se em complexidade por ψ do manto, como um conglomerado de neurônios ocupados em ψ , uma massa de ocupação constante, e que após as repetições da vivência de satisfação haveria inscrito nesse eu um grupo diferenciado de neurônios que comporiam a representação do objeto de desejo, podemos concluir que, sendo patrimônio do eu essa representação pode ser ocupada pela quantidade. Entendendo o termo objeto como uma imagem ou complexo representacional, como um grupo neuronal em ψ , podemos considerar que a quantidade – libido – investida pode ser mobilizada de um campo neuronal a outro sem perdas para o eu, já que as representações de objeto seriam aquisições do eu por complexificação. Assim, a

⁴⁵ Inversamente ao primeiro caso, também é ficção pensar um eu que consiga manter o aparelho psíquico funcionando apenas por processos secundários; que após a consolidação de uma unidade relativa ao eu os processos primários serão sempre inibidos. Se assim fosse, precisaríamos descartar da vida anímica o princípio do prazer, as formações do inconsciente e, especialmente, a necessidade da repressão de conteúdos que de outra maneira evocariam o percorrer do circuito da vivência de satisfação sem inibições.

analogia que Freud (1914/2003) faz sobre a ameba que emite seus pseudópodos fica inteligível, no sentido de um emitir e recolher a quantidade dirigida aos objetos conforme seja necessário ao eu.

Mas Freud (1914/2003) declara que haveria uma forma secundária de investimento no eu. Citando o autor: “... vemo-nos levados a conceber o narcisismo que nasce por retirada dos investimentos de objeto como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base de outro, primário, obscurecido por múltiplas influências” (Freud, 1914/2003, p.73). Na elaboração apresentada em 1923, o autor considera que o eu, agora fortalecido, pode apoderar-se dos investimentos nos objetos. Estando de posse da quantidade que primeiramente ocupara objetos, o eu pode agora impor-se ao isso como objeto de amor. “Portanto, o narcisismo do eu é um narcisismo secundário, subtraído dos objetos” (Freud, 1923/2003, p.47). Essa forma secundária de narcisismo que Freud, em 1914, afirma estar assentada nas bases do narcisismo primário pode ser pensada, nos termos do *Projeto*, como um processo secundário. Neste caso, o eu já estaria de posse de sua faculdade de pensar e estaria apto a associar a figura correspondente ao objeto externo mediante a identidade da percepção deste com a representação de objeto formada em ψ do manto. Sendo assim, é possível tanto investir esse objeto, enviar-lhe quantidade – a libido do objeto – como retirar a ocupação desta representação – a libido do eu a qual é retirada do objeto, o narcisismo secundário. Como se daria isto? A forma como a libido pode ser desinvestida dos objetos e investida no eu – o narcisismo secundário – dá-se pela função inibitória do eu. O eu pode impedir que Q chegue a ocupar determinada representação objetal⁴⁶, mantendo sua rede neuronal super-ocupada (isto porque o eu é entendido como uma organização neuronal em ψ constantemente ocupada, mas que neste caso estará com um acréscimo quantitativo). Estando essa organização, essa rede neuronal ocupada ela pode ser tratada da mesma forma que seria o objeto. Esta é uma maneira de impedir que o circuito facilitado pela vivência de satisfação seja percorrido e ocorra uma eliminação de quantidade. Vemos então que o eu pode ser tomado (ocupado/investido) assim como uma representação de objeto. Por impedir que o circuito da satisfação seja realizado e, conseqüentemente a Q liberada do aparelho, o eu mantém um grande *quantum* de energia/quantidade: o eu libidinizado, o narcisismo.

⁴⁶ Podemos supor que a retirada de investimento do objeto pode estar relacionada a um processo de defesa do eu para evitar desprazer.

2.2.2. Do narcisismo ao investimento em objeto, ou do amor pelo eu ao amor pelo outro

Falamos sobre o investimento no eu, sobre a libido e sobre o momento de emergência desta das pulsões de auto-conservação. Estamos tratando da entrada do outro como objeto a ser investido, passível de ser amado assim como o próprio eu. Lembremos que por narcisismo primário, entendemos o eu originariamente ocupado (esta é a tese apresentada em *Introdução do Narcisismo* sobre a qual tecemos algumas considerações tentando uma articulação com os novos achados de 1923). Acontece que Freud (1914/2003) afirma a existência de dois objetos sexuais originários no ser humano: ele mesmo (ou melhor, seu eu tomado como objeto investido, o eu do narcisismo primário) e a mãe. Mas, o que leva a criança a sair do narcisismo, do investimento maciço no eu, tão prazeroso, e conduzir a libido em direção a objetos? Em *Introdução do Narcisismo* Freud (1914/2003) dá uma resposta a esta questão que nos conduz diretamente aos achados do *Projeto*. Apresenta o argumento de que um acúmulo de quantidade – uma estase - no eu será sentida como desprazerosa se ultrapassar determinados limites. Essa é a tese do *Projeto* segundo a qual o prazer está relacionado à liberação de quantidade e o desprazer ao seu estancamento. Vejamos nas palavras do autor a explicação econômica da passagem do narcisismo ao amor de objeto:

Por que uma estase assim da libido no interior do eu seria sentida como desprazível? Eu me contentaria com responder que o desprazer em geral é a expressão de um aumento de tensão e que, portanto, aqui, como em outras partes, uma quantidade do acontecer material é a que se transpõem em quantidade psíquica de desprazer; de qualquer maneira que fosse, acaso o decisivo para o desenvolvimento de desprazer não seria a magnitude absoluta desse processo material; senão, melhor, uma certa função dessa magnitude absoluta. ... Em razão de que se vê compelida a vida anímica a transpassar os limites do narcisismo e assentar {*setzen*} a libido sobre objetos? ... essa necessidade sobrevém quando o investimento {*Besetzung*} do eu com libido ultrapassou certa medida (Freud, 1914/2003, p. 82, grifos no original).

Somente um estado de desprazer poderia explicar a saída do narcisismo, o investimento massivo no eu em direção ao outro. Tentando alguma sistematização com os pressupostos de 1923, podemos depreender que a quantidade que escoava livremente no isso começa a ser desviada pelo eu que está em franco processo de desenvolvimento. Com a inibição da eliminação de quantidade esta será incrementada no aparelho e provocará desprazer. Esse desprazer chegaria a um ponto em que não seria suportado e precisaria ser apaziguado – lembremos que a primeira regra biológica é a defesa primária segundo a qual o organismo tende a esquivar-se do desprazer. A maneira de libertar-se da quantidade é permitir

que ela flua por representações que estão assinaladas pela vivência de satisfação. Neste caso, a quantidade precisará encontrar uma identidade entre uma percepção e a representação do objeto de desejo – a figura da mãe – de maneira a animá-la e libertar-se da quantidade. Somente quando o eu encontra identidade entre as duas representações (percepção e recordação) pelos processos de pensar, a quantidade que está em ocupações laterais (os processos inibitórios do eu) poderá ser desligada destas e fluir pela via facilitada pela vivência de satisfação. Assim, seria o estado de desprazer que faria com que a quantidade fosse desinibida – desligada do eu – e ocupasse a representação do objeto de desejo. Deste modo, fica patente que não estamos falando de um outro qualquer. Para que o eu libere o fluxo de quantidade no aparato anímico a percepção do meio tem de coincidir com a representação daquele outro que já está inscrito no eu como promotor de prazer, o objeto de desejo. *A criança não abandonaria um prazer se não tivesse a garantia de obtê-lo de outra fonte.* E essa fonte de prazer, que a criança julga como inesgotável, só pode ser encontrada na representação de objeto de desejo forjada pela vivência de satisfação: a mãe. Esta será o primeiro objeto externo ao eu a quem a criança dedicará seu amor, a quem a libido será conduzida. Trataremos sobre a maneira pela qual esse objeto tão caro à criança adentra ao instrumento anímico e como passa a ser parte integrante dele.

Como o objeto adquire valoração no aparato psíquico? Do que se depreende do texto *Introdução do Narcisismo*, bem como do *Projeto*, o valor está vinculado à possibilidade da criança obter satisfação via objetos, está intimamente associado ao objeto que promove a ação específica. “Os objetos têm valor para o primitivo eu de prazer do bebê por sua capacidade de oferecer ou não satisfação” (Hornstein, 1989, p. 206). O elemento nutriz, o outro que realiza a ação específica, está inscrito no conglomerado neuronal como um objeto, uma representação psíquica forjada a partir da vivência de satisfação. Foram as repetições da vivência de satisfação que fizeram com que essa representação se tornasse privilegiada, enquanto fazendo parte do circuito neuronal pertinente a esta vivência. Esta representação torna-se patrimônio de ψ do manto, portanto, patrimônio do eu. A recorrência da circulação no circuito facilitado, do qual a representação do objeto de desejo faz parte, dá-lhe [ao objeto de desejo] um *status*, uma valoração diferenciada no aparelho. Será a ocupação privilegiada quando ocorrer qualquer incremento de quantidade no sistema com vistas a descarregar e, portanto, obter satisfação. Quando tratamos sobre a dor, dissemos que quantidades de grandes magnitudes são sentidas como desprazerosas. Tendo o objeto de desejo ascendido à posição de promotor de satisfação, todo o aumento de quantidade evocará o anseio pelo objeto, a ocupação dos neurônios que formam sua representação no aparato psíquico. Vale lembrar que a isto

chamamos *desejo*, “... um circuito de representações formado no mínimo pelas seguintes representações: pulsão, objeto de desejo e notícia da descarga da carga endógena (restabelecimento da resistência entre o interior do corpo e ψ do núcleo)” (Gabbi Jr, 1995, p. 135). Em outras palavras, o desejo seria a tendência a ocupar a representação do objeto sempre que um aumento quantitativo vindo do interior do corpo (a pulsão) incite por ser satisfeito. Já tratamos do despregamento do desejo em sentido genérico, aquele descrito no *Projeto* pelo modelo da fome, do desejo sexual que é movido por objetivar obter novamente o *plus* independentemente da necessidade da vida.

Esta explicação da escolha do objeto amado ancorado no agente da ação específica (a teoria do apoio ou anáclise) aos moldes do *Projeto* encontra eco ou, em outros termos, é ainda aceita por Freud (1914/2003) em *Introdução do Narcisismo*. Vejamos como o autor descreve a escolha de objeto da criança no texto em questão:

... o menino (e o adolescente) elege seus objetos sexuais tomando-os de suas vivências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são vivenciadas a reboque de funções vitais que servem à autoconservação. As pulsões sexuais se apóiam a princípio na satisfação das pulsões do eu, e só mais tarde se tornam independentes delas; agora bem, esse apoio segue mostrando-se no fato de que as pessoas encarregadas da nutrição, o cuidado e a proteção do menino serão os primeiros objetos sexuais: são, sobretudo, a mãe ou seu substituto (Freud, 1914/2003, p. 84).

No texto *Esquema de Psicanálise*, escrito em 1938 e publicado postumamente em 1940, Freud faz um resumo sobre o primeiro objeto do bebê que merece ser aqui citado. Este texto, aparentemente inacabado, resgata os achados principais da psicanálise e sintetiza-os em sua última elaboração conceitual. Desta maneira julgamos ser de valia observar que a maneira como Freud encarava a teoria do apoio e da eleição objetal parece não ter elaborações posteriores às de 1923. Vejamos como o autor se expressa a respeito no texto supracitado:

O primeiro objeto erótico do menino [e também da menina] é o peito materno nutrício; o amor se engendra apoiado na necessidade de nutrição satisfeita. Por certo que ao começo o peito não é distinguido do próprio corpo, e quando tem que ser divorciado do corpo, transladado para “*fora*” pela freqüência com que o menino nota sua falta, toma consigo, como “*objeto*”, uma parte do investimento libidinal originariamente narcisista. Este primeiro objeto se completa logo na pessoa da mãe, quem não só nutre, senão também cuida e provoca no menino tantas outras sensações corporais, assim prazerosas como desprazíveis. No cuidado do corpo, ela torna-se a primeira sedutora do menino. Nestas duas relações [nutrição e sexual] enraíza a significação única da mãe, que é incomparável e se fixa imutável para toda a vida; como o primeiro e mais intenso objeto de amor, como arquétipo de todos os vínculos posteriores de amor ... em ambos os sexos (Freud, 1940/2004, p. 188, grifos no original).

Até este momento tratamos apenas da mãe como objeto de desejo, objeto de investimento libidinal. Mas e o pai? Estaria esta figura ausente? Não nos parece correto fazer tal afirmação. Se considerarmos o pai como outro, outra figura que também satisfaz as necessidades da criança, que cuida, protege e alimenta, podemos pensá-lo como estando representado psiquicamente. Pode-se até inferir que o pai estaria representado conjuntamente com a mãe sob a forma de um complexo de objeto de desejo. Esse objeto poderia ser ocupado quando em estado de necessidade, quando do incremento de quantidade no sistema. Esta hipótese coadunaria com o que Freud (1923/2003b) argumenta em *A Organização Genital Infantil*, de que até que a criança apreenda a diferença anatômica entre os sexos ela não faz distinção entre pai e mãe. Já no texto do *Projeto* Freud (1895/1995) supõe que o primeiro objeto que é fornecido pela percepção seja um próximo, uma figura que habita o meio circundante do bebê – figura nutriz que poderia ser a mãe e/ou o pai. Este primeiro objeto ocupa três frentes distintas: ele é “... ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar” (Freud, 1895/1995, p. 44). Fica cada vez mais claro que a corrente terna e a corrente sexual coexistem direcionadas às figuras cuidadoras. Quanto à corrente hostil, também fica evidenciada a ambivalência em relação ao primeiro objeto, como podemos depreender do caso da falta que a criança percebe do seio (conforme apresentado por Freud [1940/2004]). Cabe perguntar: Quando e o quê ocasiona a ruptura da ambivalência quanto ao primeiro objeto? Ou melhor, quando a corrente amorosa/erótica se separa da corrente hostil? Qual objeto encerrará a corrente erótica e qual será designado como objeto hostil?

A princípio parece que tudo corre bem entre os três personagens – pai, mãe e menino - porque a relação diádica não está sendo ameaçada. A partir de determinado momento algo se impõe nessa relação e o pai começa a ser visto como um terceiro, como alguém que dificulta o acesso da criança à mãe. O menino começa a entender essa figura como um rival, como um opositor à realização de seus desejos eróticos com a mãe. Estamos às portas do conflito edípico, conforme descrevemos no capítulo inicial. A maneira pela qual se processa esse período será o assunto da próxima seção.

2.2.3. O conflito psíquico instaurado pela vivência edípica

As etapas anteriores ao período edípico são cruciais para o desenrolar do conflito. Os personagens do enredo já estão dispostos e o menino tem de se haver com seus anseios e

angústias. A trama do Édipo começa a se desenrolar e o menino precisa dar conta das contingências que lhe chegam do meio e do pulsional. Como lidar com esses dois domínios distintos – dentro e fora – sem sair ferido ou castrado desse conflito? Como tramitar as pressões advindas do interno e do externo? Parece ser necessário um mediador que consiga lidar com as adversidades e que possa conduzir a um desfecho (de preferência) satisfatório para o menino.

2.2.3.1. Que Eu para o Édipo?

Levamos a hipótese de que o eu como instância tem de ser desenvolvido, de que uma organização, uma estrutura assim diferenciada não pode estar inscrita como tal no aparelho desde o início da vida. Isto pressupõe um desenvolvimento desta organização [neuronal] em ψ , segundo apresentado no *Projeto*. Se aceitarmos que a diferenciação do eu se dá pelo contato com o meio externo, pelas percepções que adentram ao sistema ϕ e chegam a ψ do manto, é uma conclusão lógica pensar que no período edípico o que está em jogo no aparelho não é mais aquele eu rudimentar que apresentamos no período auto-erótico. Por esta perspectiva, analisaremos aqui a situação do eu no aparato psíquico no período edípico. Não nos parece ser o mesmo eu débil, com pequeno grau de complexificação no aparelho, pois não estaríamos mais nos períodos iniciais de seu desenvolvimento, portanto, não podemos mais considerá-lo como rudimentar. Temos de pensar que este eu, por ter conquistado certo ganho de prazer, apresenta certa diferenciação funcional e já desenvolveu novas e complexas redes de associações [neurais]. Vejamos então de que nível de estruturação de eu estamos tratando.

Na seção C do capítulo VII do texto *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2004) afirma que na criança ainda não há uma diferenciação nítida entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, havendo a possibilidade de que essa diferenciação seja instituída gradativamente. Podemos pensar que na criança, antes que a repressão originária tenha se efetuado, o que se tem é uma dimensão não delimitada nem diferenciada de um eu no interior de ψ . Com o decorrer do tempo e as experiências com o mundo que cerca a criança, os neurônios de ψ do manto – que são modificados economicamente pelas quantidades provenientes das percepções que adentram em ϕ (não esquecendo das demandas que chegam vindas de ψ do núcleo) - vão desenvolvendo redes neurais ocupadas cada vez mais complexas. Essa complexificação será determinante para a execução dos processos

secundários. Dando um salto histórico nos achados de Freud e indo de 1895 a 1923, grosso modo, poderíamos dizer que os neurônios de ψ do núcleo comporiam os domínios do que será chamado de Isso e os neurônios de ψ do manto formariam o Eu, na nomenclatura da Segunda Tópica.

O eu do período edípico já está de posse de grande parte de suas funções: os processos secundários⁴⁷. No texto *O Eu e o Isso* Freud (1923/2003a) nos dá um panorama geral da situação do eu no aparelho psíquico após ter atingido o patamar de instância, o que nos parece supor um maior nível de organização e tomada de funções. Neste texto, adverte-nos Strachey (1961/2003), o eu assume as funções que anteriormente (tal qual aparece no texto *O Inconsciente*, de 1915) eram endereçadas ao sistema consciente (pré-consciente). Freud define, no texto de 1923, o que é o eu e quais suas funções no aparelho psíquico. Deixemos que o autor fale por si.

Nós temos formado a representação de uma organização coerente dos processos anímicos em uma pessoa, e a chamamos seu *eu*. Deste eu depende a consciência; ele governa os acessos à motilidade, vale dizer: a descarga das excitações no mundo exterior; é aquela instância anímica que exerce um controle sobre todos seus processos parciais, e que pela noite vai dormir, apesar do qual aplica a censura onírica. Deste eu partem também as repressões, razão pela qual certas aspirações anímicas devem excluir-se não só da consciência, senão das outras modalidades de vigência e de trabalho (Freud, 1923/2003a, p. 18-19, grifo no original).

Freud (1923/2003a) apresenta ainda o eu como “... o representante {*repräsentieren*} do que se pode chamar razão e prudência” (p. 27). Por ser a superfície de contato do aparato anímico com o meio circundante, o eu deve levar em conta o princípio de realidade, e tem de servir de mediador entre as exigências do meio externo e as do meio interno. Mais adiante Freud destaca que o eu é o núcleo do sistema perceptivo e abarca o pré-consciente. Assim temos que o eu tem sob sua tutela a consciência, mas que também ele – o eu – é inconsciente. O eu para Freud seria “... a essência que parte do sistema P [perceptivo] e que é primeiro Prcc

⁴⁷ Como já assinalamos antes, não estamos de forma alguma afirmando com isso que com a complexificação da estrutura do eu este adquira domínio total sobre os processos primários. Isso seria uma inconsistência teórica com a teoria psicanalítica, a qual se assenta na existência do inconsciente, que tem seu funcionamento caracterizado pelos processos primários. Estamos dizendo que há um ganho no aparelho com o advento de um eu estruturado, mas não pensamos que essa aquisição implique na extinção dos processos primários nesse aparelho. A psicanálise não é uma teoria do desenvolvimento. Por esta razão tomamos muito cuidado ao usar a expressão desenvolvimento, pois em termos psicanalíticos não podemos pressupor desenvolvimento como abandono de uma forma de funcionamento, mas complexificação como novas formas/possibilidades de trânsito de quantidades. Também não estamos afirmando que no período edípico o eu chegou ao auge de sua capacidade funcional, pois pensamos um eu dotado de possibilidade de expansão e complexificação crescente no aparato psíquico até o final da vida do indivíduo, enquanto chegar até ele percepções oriundas no meio.

[pré-consciente]” (Freud, 1923/2003a, p. 25). Desta maneira, o eu poderia ser entendido como um desenvolvimento do aparato psíquico pelo contato com o meio externo, via sistema perceptivo (o que é consonante com os pressupostos apresentados no *Projeto*, os quais já foram apresentados na primeira seção deste capítulo). Para o autor, então, “... o eu é a parte alterada [do isso] pela influência direta do mundo exterior, com mediação de *P-Cc* [sistema percepção-consciência]: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies” (Freud, 1923/2003a, p.27, grifo no original). Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/2004) destaca que o isso não é uma organização, mas o eu que se diferenciou a partir dele é uma organização coerente. O eu, diz o autor, “... é justamente o setor organizado do isso” (Freud, 1926/2004, p. 93). Assim, entendemos que o eu, apesar de ser distinto, diferenciado do isso por sua forma de funcionamento, não está em oposição a ele. Na verdade “... o eu permanece ligado com o isso, não é separável do isso, então mostra sua força” (Freud, 1926/2004, p. 93). As implicações desta constatação de Freud são imensas. Se o eu não está completamente apartado do isso e tem nele um reservatório constante de onde a libido aflui até ele [até o eu], precisamos pensar que a diferença entre uma instância e outra seja sua forma de funcionamento. Como podemos destacar do que já dissemos anteriormente, a maneira de lidar com a quantidade nos dois sistemas é diferente: no isso a energia circula livremente, pelo funcionamento primário, e no eu a energia tem circulação restrita pelos processos inibitórios do eu, o funcionamento secundário. Embora funcionem de maneira diversa, o eu tenta suprir as demandas do isso, mas de uma maneira adequada aos fins, no sentido de adequar as demandas do isso às contingências que a realidade impõe ao organismo. Então, as funções que o eu desenvolve no aparelho psíquico tem a ver com a harmonização entre demandas pulsionais e exigências do meio. Quais funções seriam estas?

Na sessão V de *O Eu e o Isso – As vassalagens do eu – Freud (1923/2003a)* melhor delinea as funções atribuídas ao eu. Diz o autor:

Se lhe confiou [ao eu] importantes funções, em virtude de seu nexos com o sistema perceptivo estabelece o ordenamento temporal dos processos anímicos e os submete ao exame da realidade. Mediante a interpolação dos processos de pensamento consegue adiar [prorrogar] as descargas motoras e governa o acesso à motilidade. ... O eu se enriquece por intermédio de todas as experiências de vida que lhe vem de fora; mas o isso é seu outro mundo exterior que ele procura submeter. Subtrai libido do isso, transforma os investimentos de objeto do isso em configuração do eu. Com a ajuda do supereu, se nutre, de uma maneira obscura para nós, das experiências da pré-história armazenadas no isso (Freud, 1923/2003a, p. 55-56).

Como já deve ter ficado claro pelas discussões anteriores, o meio externo é povoado por figuras que, ao adentrar pelo sistema perceptivo, se tornarão representadas psiquicamente

– os objetos. São estes objetos que acabam por fundar a diferenciação no isso que se tornará a organização coerente em ψ : o eu. Esses objetos se cristalizarão no eu, serão parte constituinte, aquisições ao patrimônio dele. Mais que isso, esses objetos terão um destino na estrutura formada pelo eu. Esse eu que ora se diferenciou do isso ainda sofrerá, na derrocada do período edípico, nova diferenciação.

Um aspecto destacado sobre o eu em *Inibição, Sintoma e Angústia* que nos parece ser de grande relevância para as considerações que teceremos na seqüência é sobre a energia do eu. Segundo Freud (1926/2004), a energia do eu é *dessexualizada*. Dessa afirmação podemos depreender que as quantidades captadas pelo eu e utilizadas segundo as leis dos processos secundários serão dessexualizadas (o que, aliás, já era afirmado pelo autor deste o texto *Introdução do Narcisismo*). Pensando nas atividades inibitórias do eu (nas quais a energia que adentra ao sistema buscando vias de livre fluxo é canalizada e até represada em ocupações neuronais laterais), entendemo-las como aquelas pelas quais uma quantidade proveniente de uma pulsão que não pode ser satisfeita em dado momento sofre um processo de dessexualização. Se com a emergência da pulsão sob a forma de libido no aparelho e a urgência de satisfação entra em conflito com as mediações do eu, este captura e reinveste essa quantidade em formações outras, afastadas da via de descarga facilitada que seria o destino favorecido. As implicações dessa suposição de Freud são grandemente oportunas ao nosso estudo. São essas questões que passaremos a discutir nos itens posteriores.

2.2.3.2. Metapsicologia da triangulação edípica: a criança, o objeto hostil e o objeto de desejo

O advento do período fálico (por volta de dois ou três anos de idade) é um prenúncio de que a triangulação de personagens se aproxima na vida do menino. Isto porque entendemos, com Freud, que até esta etapa, na qual a diferença anatômica entre os sexos não era reconhecida, a valoração entre pai e mãe como objeto de desejo ainda não está nitidamente apresentada. A valoração que, como destacamos, tem a ver com a possibilidade de obtenção de satisfação, é atribuída ao órgão que provoca sensações prazerosas pela estimulação manual: o pênis. Agora sucede que o menino deseja tornar-se “... o amante da mãe” (Freud, 1940/2004, p. 189). As investigações precoces do menino a respeito da sexualidade servem-lhe agora de parâmetro para o tipo de atividade que anseia obter com a mãe. Sente-se o orgulhoso possuidor de um membro viril e vê-se na posição de substituto do

pai junto à mãe. A rivalidade ao pai está instaurada na relação – a triangulação edípica. Freud (1940/2004) assim descreve a passagem da satisfação auto-erótica com o pênis (a masturbação) para o anseio de um tipo de satisfação erótica com a mãe-objeto que instala o conflito edípico:

Deseja possuí-la [a mãe] corporalmente nas formas que inferiu por suas observações e vislumbres da vida sexual, e procura seduzi-la mostrando-lhe seu membro viril, de cuja possessão está orgulhoso. Em suma, sua masculinidade de precoce despertar busca substituir junto à ela ao pai, quem até então foi seu invejado arquétipo pela força corporal que nele percebe e a autoridade com que se encontra revestido (Freud, 1940/2004, p.189).

Se antes do período edípico o pai era tido como modelo a equiparar-se, agora a força e a autoridade do pai geram inveja no menino. Os anseios de usurpar a posição do pai na relação com a mãe tornam-se determinantes na construção da saga edípica individual.

Como vimos em seção anterior, o que imprime valor a determinada figura é reconhecê-la, identificá-la com a representação de objeto de desejo, ou seja, reconhecê-la como geradora de satisfação. Podemos então pensar que a figura que satisfaz é valorizada enquanto a figura que frustra é depreciada e repelida. Falando do período edípico, se tomarmos o pai como uma figura que provoca frustração à realização dos desejos do menino, por impedir o acesso dele à mãe – seu objeto de desejo –, então podemos vincular o pai como uma figura a quem dirigir a agressividade e de quem se desvencilhar, conforme descrito no capítulo inicial desta dissertação.

Como compreender em termos metapsicológicos o conflito que caracteriza o período edípico? À primeira vista, parece-nos haver alguns elementos conceituais que nos permitem pensar a triangulação dos personagens pai – mãe – menino. Esses personagens já estariam postos desde as vivências fundamentais, se não como figuras reconhecidas no meio externo, ao menos no mundo intrapsíquico. As representações de objeto hostil (oriunda da vivência de dor) e de objeto de desejo (formada a partir da vivência de satisfação) são inscritas no aparato psíquico em construção desde a repetição das vivências nos momentos iniciais da vida extra-uterina do indivíduo. Assim, também, a distinção entre eu e não-eu, fundamental para a complexificação e consolidação do psiquismo, precisa fazer-se valer, ou ainda, reconhecer. A distinção entre o que é eu e o que é outro é fundamental para a entrada ao período edípico. Mais especificamente, distinguir dentre os outros integrantes do meio que circunscreve o

menino, quais figuras podem ser associadas (ou identificadas) àquelas primeiras figuras inscritas no aparato psíquico como representações. E, em última instância, dentre as figuras do meio, qual(is) estaria(m) associada(s) à representação de objeto de desejo e qual(is) será(ão) associada(s) ao objeto hostil.

Idealmente, conforme postulado por Freud (1905/2003), o objeto de desejo continua a ser encontrado⁴⁸ no elemento nutriz, na mãe. Aquele objeto que sacia é encontrado na figura externa da mãe. Esta figura do meio externo terá identidade com aquela primeira inscrição relativa à vivência de satisfação – o objeto de desejo. Essa identificação que se dá pelo mecanismo do pensar, entre uma percepção – a visualização da mãe (ou até o ouvir sua voz) – e uma representação do objeto de desejo, faz com que o menino busque na mãe uma fonte inesgotável de satisfação. Na realidade, se uma semelhança, uma identidade parcial entre a percepção e a representação for encontrada pelo mecanismo de juízo, este direcionará a atenção do eu de maneira a desencadear o processo de pensar e, tendo realizado seu trabalho, encontrar a identidade. A mãe é o objeto ardorosamente desejado – a representação que compõe o circuito facilitado pela vivência de satisfação - pelo menino com vistas a ativar o circuito do desejo e obter – por intermédio dela – a satisfação.

Até o momento do conflito edípico podemos pensar que o pai convivia pacificamente com o menino, ou ainda, que o menino lhe dirigia correntes ternas. Uma possibilidade a ser considerada é a de que a princípio o pai teria uma valia equivalente ou semelhante à da mãe; ao menos até que se dê a diferenciação entre os sexos. Mas se a princípio transcorre calmamente com os três personagens, algo de uma grandeza importante precisa acontecer para que a corrente terna dirigida ao pai transmute em hostilidade com relação a ele. Este algo seria o menino aperceber-se que não é o único a ser valorizado – no sentido de investimento libidinal - pela mãe, que o pai também é um elemento importante que atrai a atenção da mãe e que quebra a ligação dual mãe – criança. Esta constatação do menino insere o pai numa estrutura triangular, com vértices equilibrados.

Agora o pai é seu [do menino] rival, lhe estorva o caminho e gostaria de tirá-lo do meio. Se durante a ausência do pai lhe é permitido compartilhar o leito da mãe, de onde é de novo proscrito após o regresso daquele, a satisfação ao

⁴⁸ De acordo com Freud (1905/2003, 1926/2003), encontrar um objeto é na verdade reencontrá-lo. Isto porque ao eleger um objeto para investir com libido o que está acontecendo é encontrar um objeto que seja simétrico àquele inscrito no aparato psíquico como resquício da vivência de satisfação, o objeto de desejo. Tem a ver com encontrar a representação do objeto no eu na percepção do objeto – o teste de realidade. O que a princípio foi uma percepção tornou-se um representação no eu e posteriormente é reencontrado na percepção.

desaparecer o pai e a decepção quando reaparece lhe significam vivências de profundo alcance (Freud, 1940/2004, p.189).

Esse terceiro que ocupa um lugar privilegiado na relação – o pai – será visto como um ser a repelir e, se possível, exterminar da relação. Torna-se o alvo da hostilidade do menino, que vê no parricídio uma solução para o impasse. Seria uma manobra tática frutífera se não houvesse uma complicação: o pai que é visto como um rival é, também pela ambivalência que caracteriza o Édipo completo, uma figura amada. Pensemos nos pressupostos do *Projeto*: a tendência do aparelho é ocupar a representação do objeto de desejo e desocupar a representação do objeto hostil (a defesa primária). Assim, a representação detentora da quantidade, ocupada quando da recriação da vivência de satisfação, é reconhecida e amada enquanto a representação que precisa permanecer desocupada por ser geradora de desprazer é tida como algo a ser repelido. No *Projeto*, o objeto hostil é passível de sofrer uma alucinação negativa – como se a percepção da presença do objeto não fosse registrada no aparelho pelo processo de descarga que libera a quantidade de maneira a dar fim ao desprazer. No período edípico o menino já está com a estrutura do eu melhor equipada, mais desenvolvida, então o teste de realidade impõe a ele a percepção da presença do pai. Numa tentativa de adequar à realidade o desembaraçar-se da quantidade que provoca desprazer, supõe-se que o menino busque uma forma coerente de dar fim à figura rival: Morte ao pai! Mas, como dissemos, o pai também é amado e o parricídio custaria à criança o desprazer de dar fim à um objeto que também lhe proporciona prazer. Se, por um lado, a morte do pai causar-lhe-ia o prazer de retornar à relação dual com a mãe pela eliminação do agente frustrante, por outro lado, lhe cobraria um desprazer por ter de abdicar de outro objeto que, pela ambivalência do Édipo, também lhe proporciona prazer. O menino está agora em uma encruzilhada. Qualquer que seja sua decisão esta lhe custará uma fonte de satisfação. Que fazer?

2.2.3.3. O não abandono do anseio pela satisfação

Na seção anterior destacamos como o menino dá adeus às ilusões de ser o único elemento apreciado pela mãe e como o pai entra num processo triangular que destrona o menino. Some-se a esta decepção vivenciada pelo menino outra de maior envergadura para seu narcisismo. Na medida em que a mãe entende que as manobras exibicionistas do menino são endereçadas a ela, passa a não consentir com as demonstrações de satisfação erótica

públicas. A mãe termina por proibir os atos masturbatórios do menino. Freud (1940/2004) destaca que para que essa proibição ganhe força de interdito e que o menino não desafie sua autoridade, a mãe ameaça-o com a extirpação de seu membro valioso. A execução de tal procedimento estará a cargo do pai. Interessante notar que a ameaça parte da mãe e não do pai. Assim fica cada vez mais inteligível a ambivalência do menino em relação às figuras parentais. A mesma mãe que é objeto de desejo, em determinadas circunstâncias, pode assumir o papel de objeto hostil.

A ameaça de castração se torna plausível para o menino apenas quando ele tem contato com seres que ele julga terem sucumbido ao terrível desfecho do não abandono dessa posição de satisfação: as mulheres. O menino passa a acreditar que a castração pode lhe ser infligida e como o pai é visto como modelo de força e varonilidade, a possibilidade de ser castrado por ele como justo castigo por seus crimes – a ânsia pelo incesto e pelo parricídio – toma uma coloração penosa para o menino. O que é prazer para um sistema cobrará um desprazer que ameaça a existência de algo que lhe é tão caro: seu órgão viril, reflexo de seu narcisismo infantil no qual ele era detentor das fontes e dos objetos de satisfação sexual. A satisfação auto-erótica, bem como a possibilidade de satisfação erótica com o objeto amado – a mãe – estão em risco de lhe serem retiradas por um único movimento do pai, a execução da promessa de castração. Qual prazer terá a supremacia? A posse do pênis ou o acesso erótico à mãe?

Um dos passos em direção ao crescimento é o abandono da perfeição, da completude, que se julgava ter na infância, período este em que os investimentos no eu eram massivos. Como diz Freud (1914/2003), “sua majestade, o bebê” (p. 88). Mas não se abandona uma satisfação, uma posição da libido, de bom grado. Esse investimento econômico no eu precisa ser redirecionado, precisa estar investido em algo outro que não mais o eu. É preciso encontrar um substituto para o narcisismo. Assim, não há um abandono, mas um câmbio⁴⁹. Faz-se necessária uma manobra no aparato psíquico, uma nova complexificação no sistema, uma diferenciação. O substituto para o narcisismo que precisará ceder espaço para que o menino siga em direção à derrubada do Édipo será a formação de um ideal no eu. Ideal este formado seguindo os contornos do narcisismo, no qual o eu era detentor de todas as perfeições. Da mesma maneira que o eu do bebê era dotado de todas as perfeições, as figuras que orbitavam o meio no qual a criança estava inserida e que foram incorporadas ao aparato

⁴⁹ No sentido de um câmbio financeiro, uma troca de dinheiro em espécie da moeda oficial de um país pela de outro. No câmbio se troca a moeda, mas não o valor a ela atribuído.

psíquico sob a forma de representações de objeto também partilhavam as perfeições que lhes eram atribuídas.

Desta maneira, a criança não pode abandonar os investimentos sexuais dos anos iniciais de sua infância. Se o abandono não pode ocorrer, que então acontece com a derrocada do Édipo? O amor da criança endereçado a uma das figuras parentais e a conseqüente hostilidade em relação ao outro progenitor, configuração esta característica da triangulação edípica simples, sofrerá repressão, e isto dará fim ao complexo de Édipo. O que restará, de acordo com Freud (1921/2004), será “... um laço afetivo puramente terno dirigido às mesmas pessoas [pai e mãe], mas que não deve qualificar-se como ‘sexual’ ” (p. 130). Mas, como sabemos, nada se perde nem se deteriora no aparato anímico. Temos de aventar quais os destinos que tomarão a vinculação sexual da criança com as figuras parentais e quais são os processos que conduzem à dessexualização do laço inicial com estas figuras.

Suspeitamos que processos econômicos orquestrados pelo eu estejam envolvidos nessas transformações no aparato psíquico. Buscaremos, na seqüência, esclarecer que processos são esses e a que construções no aparelho elas estão enlaçadas.

2.2.3.4. Os processos de dessexualização da libido: a identificação, a idealização e a sublimação na construção do Ideal do Eu

Até o momento, mediante a teoria do apoio, temos tomado o modelo da fome e daí o despregamento do modelo do sexual no aparelho. O que descrevemos está amparado nos períodos iniciais de um eu. Mas o transcurso que esse eu percorreu no tempo lhe propiciou complicações, ou complexificações em termos de aparelho. É sobre algumas destas complicações que discutiremos vislumbrando possibilidades de articulação com as premissas do *Projeto*.

No período em questão, não estamos tratando de um eu em franco desenvolvimento, um eu que vem conquistando o comando de suas atribuições. Já não estamos tratando do eu débil do início da vida. Todo o percurso transcorrido entre o período pré-edípico e edípico serviu como ganho em termos de complexificação do aparato anímico, isto é, aquisições para o eu. Pela época do complexo de Édipo, o eu da criança já percorreu um longo caminho rumo à tomada de controle sobre suas funções. Não é mais aquele eu frágil do bebê, agora ele já

pode ser entendido como próximo a uma unidade⁵⁰, já às portas de sofrer diferenciação. Trata-se de um eu que, nos termos do *Projeto*, já é capaz de dispor de ampla atividade inibitória. Isto implica que as figuras às quais a criança dedica seu amor, os objetos, não são mais vistos por ela – pela criança – da mesma forma que pelo bebê, como fonte inesgotável de satisfação. Como diz Freud (1933/2003), “... o menino aprecia a seus pais de maneira diferente em diversos períodos de sua vida” (p. 60). Podemos supor que as diferenças na estima da criança a esses pais tem relação direta com o desenvolvimento de seu eu e sua diferenciação. No período edípico é necessário considerar a inibição propiciada pelo eu (a postergação da realização do desejo, e/ou ainda, a transformação da maneira pela qual a satisfação será obtida) por intermédio das ocupações laterais promovidas pelo eu. Essas ocupações laterais podem agir no aparelho de maneira a não permitir que ocorra a satisfação – ao menos aos moldes da vivência de satisfação, ou seja, pelos processos primários. Os parâmetros agora são outros. Estamos falando de um eu de posse de grande parte de suas capacidades de mediação eu-mundo. Se a realização de desejo com o objeto escolhido por apoio está impedida por um rival que ameaça a sua integridade – conseqüentemente seu narcisismo – outros meios para atingir a satisfação serão buscados pelo eu, mesmo que para isso seja preciso trocar um fim sexual por outro não sexual. Isto porque o eu tenta dar vazão às demandas pulsionais do mesmo, mas de maneira a levar em conta o princípio da realidade, considerando as exigências do meio. Como o eu tem o controle da motilidade e esta é a maneira de descarga a ser efetuada, via inervações corporais, esse eu tem de encontrar uma forma aceitável de desfazer-se da quantidade que inunda o aparelho.

Neste ponto o *Projeto* ajuda-nos a continuar a pensar. Temos um circuito facilitado pela vivência de satisfação. Percorrê-lo livremente sempre que uma excitação chega ao aparelho é o modo de funcionamento primário que o eu tem por função impedir. O eu, por esse período, pode barrar a livre circulação de energia e o faz gastando, ligando essa energia estabelecendo ocupações laterais. Essas ocupações desviarão a quantidade fazendo com que algo outro tome o lugar do que seria o destino mecânico de um aumento quantitativo em ψ : a animação do circuito da vivência de satisfação. Esta é uma forma, mesmo que paliativa, de postergar a satisfação. Indo mais longe com essa capacidade inibitória do eu, se ele [o eu] pode adiar a satisfação por esse método – das ocupações laterais em ψ - não poderia também transformar o objeto, ou ainda, converter algo do sexual para um elemento associativo (um neurônio colateral ocupado que desvie o curso da quantidade) da ordem do não sexual? Dito

⁵⁰ Deixemos de lado todas as discussões sobre as cisões no eu, pois não serão pertinentes aos nossos estudos no momento.

em outros termos, o eu não poderia ligar a libido direcionada ao objeto de desejo à outra representação que tenha meta diversa da original (a satisfação via objeto de desejo), ou seja, que esteja associado a uma meta não sexual? Tudo parece indicar que sim. Assim poderíamos propor duas equações: tensão endógena própria ao eu = processos secundários = energia ligada = dessexualização da pulsão = narcisismo *versus* tensão endógena própria ao isso = processos primários = energia livre = pulsão/sexual = objetal.

Como podemos supor os mecanismos pelos quais a pulsão é dessexualizada? Durante o período que compreende o que denominamos complexo de Édipo ocorre uma complexificação na estrutura de investimentos libidinais do menino. Se no princípio do conflito edípico a corrente libidinal era dirigida unicamente para a mãe e a corrente hostil dirigida ao pai, com o desenrolar do período há uma alternância entre as figuras paternas – pai e mãe – ora como objeto de amor, ora como objeto hostil. Há uma oscilação entre os objetos de desejo e o hostil, o que caracteriza o Édipo completo: a forma simples somada à forma invertida. Estamos tratando da ambivalência do menino em relação aos objetos. A ambivalência quanto aos objetos pode ser encontrada desde o início da vida⁵¹. Lembremos que no *Projeto* Freud (1895/1995) já anunciava que o primeiro objeto de satisfação também era o objeto hostil, bem como a único auxiliador da criança. “Desde o começo existiu uma atitude ambivalente, e a mudança acontece mediante um deslocamento reativo do investimento, assim: se subtrai energia da moção erótica e se adiciona energia à moção hostil” (Freud, 1923/2003a, p. 44). Vemos então que estamos nos fiando no aspecto econômico que permite compreender a transferência do investimento para um ou outro objeto. Essa mobilidade de ocupação entre as representações de objeto (de satisfação e o hostil) deve ser mediada pelo eu, ao menos no período edípico sobre o qual estamos tratando. Assim é descrito o conflito ambivalente do Édipo no menino:

Se encontra na atitude edípica de ciúmes e hostilidade para seu pai, a quem, todavia, ama de coração toda vez que não entre em conta a mãe como causa da desavença. Portanto, um conflito de ambivalência, um amor bem fundado e um ódio não menos justificado, ambos dirigidos a uma mesma pessoa (Freud, 1926/2004, p. 98).

Que poderíamos dizer sobre a hostilidade dirigida aos objetos pelas premissas do *Projeto*? Melhor ainda, que efeito na economia psíquica teria a hostilidade direcionada ao

⁵¹ A ambivalência é considerada por Freud (1923/2003a) como originária, decorrente de “... uma mescla pulsional não consumada” (p. 43). Para esclarecermos melhor este aspecto da ambivalência teríamos de adentrar à discussão sobre a fusão e des fusão das duas classes de pulsão - vida e morte – o que não cabe nos limites deste trabalho.

objeto? Aos moldes da vivência de dor, o objeto hostil inflige ao menino o adentrar de grandes quantidades no aparato anímico, sob a ameaça de castração: a angústia de castração. Acontece que essa quantidade imensa que adentra ao sistema rompe as barreiras (à força), portanto, passa sem a possibilidade de inibição. Não havendo inibição por parte do eu, essa quantidade percorrerá o circuito demarcado pela vivência de dor e será descarregada. Assim, a ocupação é retirada da representação que deixa de estar acessível à ψ do manto. A libido que investia o objeto – a libido do objeto – agora é capturada/ligada pelo grupo de neurônios organizados, o eu. Mantém-se o equilíbrio energético no aparelho apenas mudando o personagem investido; desocupa-se a representação de objeto transferindo a quantidade para o grupo de neurônios ocupados em ψ do manto. Temos então a transformação da libido do objeto em libido do eu (ou libido narcísica).

Em *Introdução do Narcisismo* Freud (1914/2003) destaca que ocorre oscilação de investimentos: quando do investimento no objeto o investimento no eu é rebaixado (o caso de estar enamorado) em contrapartida, quando o investimento incide sobre o eu o investimento de objeto é diminuído. É necessário um equilíbrio energético no aparelho, se os investimentos repousam sobre os objetos a quantidade no aparelho fluirá nestas representações, mas se o eu ligar essa quantidade – que seria destinada à ocupação da representação de objeto – e a mantiver sob seus domínios via processos secundários, sua função inibitória impedirá que a quantidade ocupe a representação de objeto. O que se depreende é uma flutuação de quantidade ora a serviço do eu ora a serviço do objeto. Essa oscilação entre energia livre e ligada é o que movimenta o aparato psíquico.

Entendemos que a livre circulação de quantidade é característica do isso e que os processos secundários impossibilitam, ainda que parcialmente, que a energia livre escoe e seja descarregada. Para os interesses que repousam sobre este trabalho não discutiremos todos os processos pelos quais o eu inibe a circulação da quantidade. Nos ateremos a três processos que julgamos pertinentes: a identificação, a idealização e a sublimação. Qual a relação entre sublimação, idealização e identificação? Tentemos primeiramente discernir os processos para depois de termos os conceitos sistematizados podermos tentar enlaçá-los.

A *sublimação* é um processo ligado à pulsão sexual, à libido objetal. Por meio da sublimação a meta da pulsão é modificada de maneira que a satisfação a ser buscada estará colocada em algo outro, distante da satisfação sexual. A finalidade da pulsão, que é encontrar satisfação, continua a ter prerrogativa, mas o meio de obter essa satisfação é distorcido de seus propósitos originais: a satisfação sexual. A sublimação é uma maneira de escamotear a repressão. Ao dessexualizar a meta da pulsão e prover meios de satisfação afastados dos fins

sexuais, garante-se a satisfação, a descarga da quantidade, sem que o objeto de desejo (que não pode ser utilizado com fins eróticos sem provocar desprazer para outro sistema) necessite ser acionado. A quantidade passa a ser endereçada a fins mais elevados⁵² (dessexualizados), em geral passar a ser canalizada para o avanço cultural: as artes, os estudos, a profissão.

Como explicar o processo de sublimação que desembocará na constituição do ideal do eu pelos parâmetros dos processos mediados pelo eu? Pelo processo de inibição, pelas ocupações laterais estabelecem-se associações neuronais que permitem pensar a possibilidade de que o cunho sexual não seja mais o único a estar ligado associativamente ao objeto. Os acessos colaterais à representação de objeto podem ser agora de outra ordem (da estética, das artes, da profissão, p. ex.). Assim, o novo meio de satisfação estaria ligado associativamente ao objeto de desejo original, seria um substituto simbólico deste. O elo associativo seria dado pelas ocupações laterais promovidas pelo eu que complexificariam a estrutura do objeto, dando-lhe possibilidades de articulação com o objeto de amor. A satisfação se daria por substituição de uma finalidade erótica – o livre fluxo de quantidade pela representação de objeto – por outra dessexualizada – capturada pelo modo de funcionamento do eu: a ligação da energia a elos associativos ao objeto via ocupações laterais.

No caso da *idealização*, o processo ocorre vinculado ao objeto, à representação de objeto no aparato psíquico. O objeto é engrandecido, valorizado. Não há mudança do fim sexual, que agora deve estar intensificado, pois o objeto idealizado deve estar em pleno acordo, ou melhor, associado à representação do objeto de desejo resultante da vivência de satisfação. O objeto idealizado deve ser fonte inesgotável de satisfação para a libido; em termos econômicos, aquela representação sempre ocupada de maneira a permitir o fluxo de quantidade e sua eliminação: a satisfação. O objeto idealizado é aquele almejado, ansiado. Isto é verdade se pensamos apenas em termos de vivência de satisfação, em termos de processos primários. Pode até ser pensada em períodos bastante arcaicos do bebê. Entretanto, essa seria a possibilidade primeira a ser considerada se não houvesse uma complicação: a faculdade inibitória do eu. Precisamos então pensar em uma possibilidade para o processo de idealização que inclua a rede de representações associadas ocupada que é formada pelos processos secundários. Os neurônios que estarão investidos pelas ocupações laterais, que inibem o fluxo no caminho preferencial de eliminação de quantidade, estão localizados nas imediações do circuito neuronal deixado pela vivência. Quando uma excitação adentra ao sistema, esses neurônios ocupados nas proximidades da trilha facilitada podem desviar a

⁵² Este é o objetivo do processo de sublimação. Um fim sexual é substituído por outro dessexualizado, mantendo-se a meta da pulsão: a satisfação.

quantidade, pois um neurônio ocupado pode funcionar de modo similar a uma facilitação e atrair para si o fluxo de energia, a qual será ligada. Essa trama neuronal que inibe a animação da representação do objeto de desejo pode (na verdade, deve) estar em associação a ela, proporcionando-lhe a ampliação em suas características. Esses agregados à representação de objeto podem não ter relação direta aos fins sexuais tal qual a vivência. Isso implica que outros fatores são adicionados ao objeto. Havendo uma sobre-estimação do objeto, essas características acessórias também atingirão outro patamar: a idealização. Também temos de considerar um processo regressivo no aparelho, um retrocesso a estágios iniciais em que as figuras idealizadas, o objeto de desejo realmente tinha poderes absolutos como produtor de satisfação. Desse modo, o processo de idealização pode ser pensado como estando em dois domínios distintos, assim como Freud (1914/2003) os insere: o domínio da libido do eu e o domínio da libido do objeto.

Imaginemos o objeto de desejo do menino – no Édipo completo, as figuras cambiantes pai e mãe. A pulsão sexual incidindo sobre o objeto de desejo em busca de satisfação, em oposição à tentativa de desocupar a representação de objeto hostil que se impõe ao menino oriunda do meio externo. Temos duas correntes distintas, embora não inteiramente dissociadas entre as figuras parentais (o caráter ambivalente): amor e ódio. Digamos que o ódio a estas figuras seja soterrado sob a repressão e que o amor direcionado a elas permita o engrandecimento destes objetos até o grau de uma idealização. O fragmento idealizado não necessitará sofrer repressão, poderá ficar no eu e formará nele uma diferenciação: o Ideal do Eu⁵³. Então, o que sucumbe à repressão é o objeto hostil, as figuras parentais que exercem crítica à criança; e o objeto de desejo, o objeto que satisfaz, detentor de todas as perfeições (tal qual descrito por Freud em *Introdução do Narcisismo*, quando o autor fala da formação do Ideal do Eu) será instaurado sob a forma idealizada no aparato. Mais ainda, se pensarmos num processo regressivo a estágios iniciais nos quais as figuras parentais eram realmente grandiosas para a criança, fica patente a frouxidão com a realidade apresentada pelo Ideal do Eu. O caráter regredido, infantil, de acesso à essas figuras fica instaurado como um sobrevivente, uma diferenciação no interior do eu. A necessidade dessa diferenciação reside no fato de o eu ter de fazer o teste de realidade e, a forma idealizada como essas figuras estão ali instaladas não passa pelo crivo do real. Outra consideração que reforça a necessidade de diferenciação entre as figuras reais e a representação idealizada destas é a de que, desde o *Projeto*, o que é sobreinvestido/superocupado por quantidade interna não possui

⁵³ Como bem apontam Lapranche e Pontalis (1982/1992), “a idealização, particularmente a dos pais, faz necessariamente parte da constituição, no seio do sujeito, das instâncias ideais” (p. 224).

correspondente no mundo. Afinal, a forma como as figuras parentais é entendida e apreciada pela criança tem de se modificar no tempo, com vistas aos desenvolvimentos psíquicos que a criança necessita empreender.

A *identificação* é o processo de equivaler o eu a algo outro, é colocar características de outro como patrimônio do eu. Se a forma mais arcaica de identificação é a incorporação do objeto (aos moldes da fase oral), na qual a inscrição do objeto no aparato anímico é equivalente a uma identificação, podemos pensar que este seria o protótipo do processo de identificação. Desta maneira, o mecanismo de identificação passaria pelo reconhecimento de que há algo no eu que pertence ao objeto. O objeto faz parte do eu, na verdade é componente do eu por incorporação, pela complexificação neuronal crescente do sistema ψ . Este processo de incorporação, característico do estágio oral, pode ser entendido em fases posteriores como o período edípico como uma regressão. Se pensarmos que a identificação é um processo necessário à derrocada do Édipo e à constituição do ideal do eu, então a regressão a períodos mais arcaicos tem de ser considerada como pertinente a esse processo. Temos aqui, a manutenção de formas de satisfação arcaicas só que agora repaginadas pelo eu. A incorporação do objeto de desejo é agora uma diferenciação do eu, o ideal.

Pensemos a identificação com o primeiro objeto de amor – a mãe. Se a identificação é uma maneira de incorporar ao eu características do objeto, pode-se pensar que tendo ocorrido a identificação com um objeto o eu se apossa dessas características, as quais passam a ser patrimônio do eu. Se são componentes constitutivos do eu, se a sombra do objeto está agora inscrito no eu (conforme Freud, 1917/2003a), esse eu pode se oferecer como equivalente (ou pelo menos como semelhante) ao objeto amado perdido. Assim, a libido narcísica investe o objeto substituto ao originário – o eu. Como destaca Freud (1923/2003a), por estar identificado ao objeto, o eu pode se oferecer ao isso como objeto a ser amado, pois é um substituto, é sombra do objeto de desejo. Por ser substituto do objeto de amor original, o eu revestido das características do objeto serve como mantenedor deste objeto no aparelho. Mais uma vez vemos a máxima segundo a qual uma posição da libido não pode ser abandonada de bom grado. O eu reorganiza os elementos em termos de aparato psíquico de maneira a oferecer ao isso possibilidades substitutivas de satisfação.

Para pensar a imbricação da sublimação com a identificação, citamos Hornstein quando diz:

... toda sublimação implica uma passagem intermediária pela identificação, já que essa libido de objeto que se volta para o eu permite a aquisição de talentos, habilidades e traços dos objetos com os quais se identificou,

possibilitando que, posteriormente, as demandas pulsionais possam ser submetidas aos interesses do eu (1989, p. 206).

Portanto, a sublimação assenta-se nos acréscimos em torno da representação de objeto promovida pelas ocupações laterais que caracterizam o processo identificatório. É justamente utilizando-se das características acessórias incorporadas do objeto que o processo de sublimação poderá encontrar associações, acessos substitutivos que conduzam à satisfação. Não mais uma satisfação erótica, mas uma satisfação com meta não sexual, ancorada em características outras do objeto que não estão diretamente relacionadas à satisfação sexual.

Dito isto, retornemos à questão do valor dos objetos. Afirmamos que é a capacidade de oferecer satisfação (da ordem do sexual) que imprime valor aos objetos. Após tratarmos dos processos de sublimação e identificação podemos incluir que o ideal também tem sua parcela de contribuição na escala de valores do indivíduo. Nos termos de Hornstein (1989), “... o valor dos objetos, do eu e suas atividades têm a ver não só com sua possibilidade de prazer, mas também com o ideal” (p. 207). Assim, se o que dá o modelo a ser alcançado pelo eu é o ideal, e se este é constituído pela internalização dos vínculos com os objetos primordiais, então o que estiver relacionado a este ideal pode ser considerado um substituto simbólico, mediado pelo eu, da relação com as figuras originárias. A possibilidade que se tinha de obter prazer via objeto de desejo pode ser transferida para a possibilidade de obter satisfação via realização do que está no ideal.

Freud (1914/2003) destaca que não se pode considerar que a formação de um ideal do eu no aparelho garanta a sublimação das pulsões. O ideal do eu pode incitar o aparelho ao processo de sublimação. O ideal aumenta as exigências do eu, imputa-lhe modelos elevados (os objetos idealizados que lá orbitam) a atingir. Se o anseio do ideal é ser alcançado pelo eu e ele é habitado pelos objetos idealizados, podemos pensar que o ideal do eu não pode ser atingido sem provocar desprazer a outro sistema. As dificuldades que o ideal do eu impõe à satisfação libidinal por meio de objetos são vigiados e garantidos pelo agente de censura, ou censor (assim chamado em *Introdução do Narcisismo* e em *Luto e Melancolia*, pois a partir de 1923, em *O Eu e o Isso* essa função será da instância denominada *supereu*). Assim sendo, compreendemos porque o ideal do eu “é o mais forte favorecedor da repressão” (Freud, 1914/2003, p. 92). A sublimação é a maneira aceitável ao ideal do eu de obter a satisfação; por estar dessexualizada em sua meta, a pulsão pode ser satisfeita sem sofrer repressão. Como Freud esclarece em *Introdução do Narcisismo*, para se desenvolver o eu precisa se distanciar do narcisismo primário, o qual se dá pelo encaminhamento da libido que investia o eu para o ideal do eu. Nos termos do modelo do *Projeto*, seria o deslocamento da libido que ocupava

ψ para uma região destacada desta, para um grupo de neurônios diferenciados em ψ do manto – diferenciados a partir do eu: o ideal do eu. Quantitativamente, há um empobrecimento do eu pelo fato de direcionar a libido do eu em direção ao ideal. A satisfação ansiada agora é decorrente de cumprir o que está nesta nova aquisição do eu, nesta diferenciação. Cumprir o ideal reabastece o eu com quantidade (bem como obter satisfações via objetos).

2.2.3.5. A emergência do Ideal do Eu como condição para a repressão

Tão alheias a nossa consciência são as coisas pelas quais está governada nossa vida anímica! (Freud, 1928/2004, p. 182)

Temos sabido que moções pulsionais libidinosas sucumbem ao destino da repressão patógena quando entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo. ... A repressão, temos dito, parte do eu; poderíamos precisar: do respeito do eu por si mesmo (Freud, 1914/2003, p. 90).

Partiremos da afirmação de Freud (1914/2003) segundo a qual “*a formação de ideal seria, de parte do eu, a condição da repressão*” (p. 90, grifo nosso). Seguindo esta linha de pensamento, seria necessária a aquisição dessa diferenciação no eu – o ideal do eu – para que a repressão pudesse ocorrer. Mas, sobre qual repressão Freud está se referindo? A repressão primordial ou a repressão propriamente dita? Ou ambas? Tentemos desembaraçar mais esta declaração de Freud.

Em *Pulsões e Destinos de Pulsão*, de 1915, a repressão é considerada um dos destinos da pulsão. Que categoria de moções pulsionais sofreria este destino? No início do texto *A Repressão*, também de 1915, Freud dá a resposta: a repressão incide sobre moções pulsionais que se chocam com “... *resistências* que queiram fazê-la inoperante” (p. 141, grifo nosso). No primeiro capítulo tratamos da repressão e lá havíamos adiantado que a repressão opera quando em situações inconciliáveis de prazer e desprazer entre sistemas, ou seja, o que seria prazenteiro para um sistema seria desprazível para outro. Para a repressão ser acionada o desprazer teria de ter prevalência sobre o prazer a ser obtido pela moção pulsional. Nos termos do autor,

... a satisfação da pulsão submetida à repressão seria sem dúvida possível e sempre prazenteira em si mesma, mas seria inconciliável com outras exigências e desígnios. Portanto, produziria prazer em um lugar e desprazer em outro. ... a condição para a repressão é que o motivo de desprazer cobre um poder maior que o prazer da satisfação (Freud, 1915/2003b, p.142).

Freud (1915/2003b) diz que o modelo da fome, aquele apresentado no *Projeto*, não é submetido à repressão. Esse modelo é o das pulsões de autoconservação, ele trata de necessidades do organismo e, por ser vital, por incidir nas necessidades da vida, não pode realmente ser passível de repressão, sob o risco de colocar em perigo a continuação da existência do organismo. Acontece que, como afirmamos anteriormente, pensamos o modelo da fome como sendo atravessado pela pulsão sexual; uma zona de interseção entre interesse do eu e libido. Se dizemos que os interesses (resultantes das pulsões de autoconservação) não podem sofrer repressão e que esta pode incidir sobre as moções pulsionais de cunho sexual, então o que será reprimido tem relação direta com a libido investida em algo, em um objeto. Em outros termos, a saciação decorrente da pulsão de autoconservação tem de ser sempre prazerosa (assim como a satisfação de qualquer outra categoria de pulsões). O que difere na satisfação das pulsões sexuais é que estas poderiam causar desprazer para outro sistema (o sistema ligado à cultura, ao social, aquele que impõe regras para a satisfação via objetos, em última instância o sistema que limita o sexual) enquanto a satisfação das pulsões de autoconservação, em seu estado puro, descolada das pulsões sexuais (se é que isso é possível de se pensar, ao menos teoricamente parece-nos que sim) não poderiam sucumbir à repressão por não provocarem desprazer a outro sistema.

A tentativa de evitação do desprazer é pensada por Freud desde o *Projeto*. Neste texto, o autor descreve a primeira regra biológica, a defesa primária, ou seja, a tendência a não ocupar a representação do objeto hostil. Isto implicaria em não trazer à consciência a imagem do objeto hostil, que engendraria desprazer. Essa defesa seria muito arcaica. Na obra *A Repressão*, Freud apresenta essa regra, já melhor desenvolvida e com ênfase no psíquico, em outros termos, quais sejam:

A repressão não é um mecanismo de defesa presente desde a origem; não pode engendrar-se antes que se haja estabelecido uma separação nítida entre atividade consciente e atividade inconsciente da alma, e *sua essência consiste em rechaçar algo da consciência e mantê-lo separado dela* (Freud, 1915/2003b, p.142, grifos no original).

Tentemos dissecar essa afirmação de Freud. Se pensamos que no princípio da vida as pulsões sexuais ainda não se descolaram das pulsões de auto-conservação, temos de admitir que nestes primórdios da existência do bebê o mecanismo da repressão é desnecessário. Se somente as pulsões sexuais são passíveis de sofrer repressão, então é apenas após a emergência delas – via apoio, pelo qual um *plus* brota da experiência da amamentação – que se pode pensar o mecanismo da repressão. Essa seria uma primeira explicação à formulação

de Freud (1915/2003b) de que o mecanismo de repressão não faz parte do repertório inato da criança. Temos ainda outra consideração – nosso segundo apontamento - a respeito do que tange à agência que promove a repressão: o eu. Admitindo que o eu enquanto uma unidade estruturada - uma organização coerente que se diferenciou do isso - não existe desde o início da vida, também não podemos pensar que um processo dominado por esta instância – função sua – possa estar atuando desde o início da vida. Isto implicaria que até o momento em que o aparato psíquico não está de posse de suas funções, as separações não estão ainda bem delimitadas, estão pouco nítidas. Como dissemos anteriormente, as limitações que são impostas à satisfação implicam na instalação do cultural no aparelho. Essa diferenciação no eu, o ideal do eu, é a marca do social, é a lei estabelecida no indivíduo.

Após a diferenciação entre os sistemas pode-se pensar o mecanismo de repressão que, para Freud (1915/2003b), se processa em dois tempos distintos: a repressão primordial e a repressão propriamente dita. Como já assinalamos antes, a primeira fase, a da repressão primordial, seria aquela na qual o representante psíquico de pulsão {*Representanz*} não pode dar entrada à consciência. A agência representante de pulsão⁵⁴ ficará inalterada e a pulsão continuará ligada à ela; está estabelecida uma fixação, um pólo gravitacional no Inconsciente que atrairá conteúdos associativamente vinculados ao representante pulsional. A fase seguinte, a repressão propriamente dita, se processa com o auxílio de algo como a força de atração de um buraco negro: além da força da censura e rechaço por parte do eu, o núcleo formado pela repressão primeva atrai para si e, conseqüentemente, ao inconsciente, os retornos, os derivados psíquicos do representante da pulsão, bem como pensamentos de origem outra que tenham vínculo associativo ao reprimido. Assim, o que temos nesta segunda etapa é uma pressão posterior à uma primeira (originária). O representante psíquico da pulsão continua redutivo, ativo, no inconsciente e a partir dele derivados que sofreram modificações podem ascender à consciência: o retorno do reprimido. Deste modo temos de pensar, juntamente com Freud, que é necessário uma força constante que impeça esses retornos de maneira a garantir que novas repressões sejam necessárias.

... a repressão exige um gasto de força constante; se recuar, arriscaria seu resultado fazendo-se necessário um novo ato repressivo. Podemos imaginá-lo assim: O reprimido exerce uma pressão {*Druck*} contínua em direção ao consciente, a raiz do qual o equilíbrio tem que manter-se por meio de uma contrapressão {*Gegendruck*} incessante. A manutenção de uma repressão supõe, portanto, um dispêndio contínuo de força, e em termos econômicos

⁵⁴ Definimos com Freud (1915/2003) como agência representante de pulsão “...uma representação ou um grupo de representações investidas desde a pulsão com uma determinada quantidade de energia psíquica (libido, interesse)”(p. 147)

seu cancelamento implicaria uma poupança [economia] (Freud, 1915/2003b, p. 146, grifos no original).

Usando os termos da Segunda Tópica – Isso, Eu e Supereu – o mecanismo de repressão ocorreria entre as instâncias Isso e Eu. O eu seria o agente da repressão, seria ele que efetuará a ação. Se o eu é quem tem acesso à consciência, os conteúdos que causariam desprazer a ela têm de ser banidos. Mas, banidos para onde? Para um local onde não provoquem desprazer, claro. Esse lugar é um espaço virtual entre o eu e o isso – o reprimido. Lá esses conteúdos continuarão a exercer sua influência, sua quantidade circulará pelo sistema livremente até encontrar uma maneira de poder ascender à consciência e poder ser descarregado por atos motores. Acontece que se for permitido ao conteúdo o acesso à consciência de maneira inalterada ele provocará novamente desprazer e necessitará ser novamente rechaçado. A única forma desse conteúdo banido retornar à consciência é sob disfarce, mascarado com algo outro associativamente ligado ao conteúdo original: os retornos do reprimido. O eu - pelos mecanismos de inibição - dá possibilidade de que estes conteúdos retornem modificados, o que permitirá sua entrada na consciência. Esta é uma explicação coerente para o sentimento de culpa. Por meio dos retornos do reprimido sob a roupagem simbólica, associativamente ligada ao conteúdo original, o sentimento de culpa pode ser despertado a nível consciente. Dito de outro modo, são os ingressos de conteúdos deslocados – pela ação do eu - a partir dos conteúdos proibidos no consciente, que desencadeiam o sentimento de culpa. Os elementos associativos nada mais são que um reflexo do conteúdo original, mas por sua íntima ligação são capazes de evocar desprazer assim como o objeto hostil original (que sucumbira à repressão).

Até o momento, descrevemos o mecanismo da repressão a níveis tópico e dinâmico, os pólos conflitivo e estrutural. Para tentarmos uma explicação econômica recorreremos às premissas do *Projeto*, que tem por fundamento as movimentações de energia psíquica.

Em *A Repressão*, Freud (1915/2003b) destaca a interseção entre os conceitos de inconsciente e repressão, afirmando que eles “... são correlativos em grande medida” (p. 142). No capítulo VII de *A interpretação dos Sonhos*, de 1900, bem como no texto *O Inconsciente*, de 1915, o autor enfatiza que o sistema inconsciente tem seu funcionamento pelos processos primários. Na repressão o que temos é um conteúdo que provoca desprazer ao sistema consciente, que está sob a gerência do eu, portanto dos processos secundários, que será banido para o sistema inconsciente, campo dos processos primários. Então, o que temos aqui são dois tipos de regressão no aparato anímico: uma regressão tópica, entre sistemas, uma regressão de

sistemas consciente e pré-consciente para o sistema inconsciente (em termos de Segunda Tópica, estamos falando de uma regressão, de uma passagem de um conteúdo da instância Eu para o Isso); e uma regressão funcional, de *modus operandi*, passando de um funcionamento secundário para um funcionamento primário. O que precisa acontecer a um conteúdo que está sob os domínios dos processos secundários, no qual o eu está responsável, para que ele sofra uma regressão aos processos primários, fora da tutela do eu? Por que a necessidade dessa regressão funcional, se a organização de um eu no aparelho, que tem por função impedir os processos primários e dar um funcionamento secundário ao sistema e isso é entendido como ganho? Que novo ganho haverá para o aparelho com essa regressão? Ou haveria uma transferência de quantidade para *outro lugar*, o que manteria os níveis quantitativos constantes? Encontramos resposta para estas questões com Gabbi Jr. (1995):

A repressão caracteriza-se como o processo de expulsar Q de uma representação e anular, dessa maneira, o estado de incitação causado pela Q. Na expulsão da Q, esta pode transferir-se para um outro lugar. Freud chama esse tipo de transferência de deslocamento (Gabbi Jr. 1995, p.182).

Desse modo, o que entendemos por repressão não seria nada além da não ocupação da representação que geraria desprazer. Para que isto possa acontecer, a quantidade tem de ser desviada da representação do objeto hostil. Essa função pertence ao eu (desde o *Projeto* culminando com as elaborações teóricas de 1923) ou, usando os termos de Freud (1914/2003), “a repressão ... parte do eu” (p. 90). Tentemos dissecar um pouco a afirmação. A função do pensar é encontrar identidade entre uma percepção e uma representação de maneira a animar o circuito da vivência de satisfação. Acontece que, se nesse processo for animado uma representação que gere desprazer (signos de qualidade), o processo de pensar será interrompido. Isso não é bom para o aparelho, pois contraria as duas regras biológicas: a fuga do desprazer, ou seja, a não ocupação das representações que ameacem liberar desprazer, e o direcionamento da atenção para os signos de qualidade que indiquem a presença do agente prestativo (que poderá realizar a ação específica e gerar satisfação), regulando os deslocamentos das ocupações do eu. É uma garantia para a sobrevivência do indivíduo que as representações de objeto hostil não sejam animadas. O eu, pelos processos inibitórios, pelo deslocamento do curso de quantidade para ocupações laterais, terá de impedir a animação do objeto hostil. Se o eu impedir que essa representação seja percorrida por quantidade, não haverá uma notícia de descarga e, conseqüentemente, não haverá signo de qualidade, a

sensação de desprazer. Cabe ao eu ter uma rede de ocupações laterais⁵⁵ que permita atrair a quantidade que de outra maneira percorreria a facilitação deixada pela vivência de dor. Desta maneira o processo de pensar pode ser mantido e a busca pela identidade percepção-representação continuada. Podemos inferir que o que desencadeia o processo que termina com a concretização da repressão é a busca pela satisfação. Assim, voltamos à afirmação de que o desprazer despertado teria de ser maior que o prazer a ser obtido (Freud, 1915/2003b). A ameaça do desprazer impeliria o eu a não ocupar determinadas representações o que impediria que chegassem à consciência (por não despertar signos de qualidade em ω).

Já entendemos o processo quantitativo subjacente ao mecanismo da repressão. Agora, qual seria o papel da constituição do ideal do eu para a repressão? O ideal imprime valor a determinadas coisas ou ações, na medida que estabelece vias associativas com o objeto de desejo⁵⁶. Essas novas metas têm caráter mais elevado, ou seja, foram desviadas de seus objetivos originais – sexuais – pelo eu. Assim, com o estabelecimento do ideal, as figuras parentais tornam-se inacessíveis para os anseios eróticos da criança, pois foram capturados e dessexualizados pelo eu. O ideal impõe padrões de valorização para as atividades, sendo que atividades valorizadas pelas figuras parentais também o serão para a criança. Desta maneira os valores culturais são internalizados pela criança, a partir dos vínculos que ela estabeleceu precocemente com as figuras parentais. O outro primordial é o detentor e transmissor da cultura para a criança. Por haver internalizado o outro por meio do ideal, também as normas sociais o serão pela valorização que o outro lhe imprime. O social adentra ao indivíduo pela necessidade de transformação do amor sexual ao objeto em algo aceitável socialmente. A transformação do erótico em algo aparentemente distante deste – mas, na verdade, ligado associativamente ao fim original – passa pelo amor do eu pelo si mesmo. Como já afirmamos, é um apego narcisista por uma parte valorizada de sua anatomia que está ameaçada pela castração que empurra o menino ao encontro da necessidade de considerar as exigências do meio, que lhe parecem tão hostis. Como diz Freud (1914/2003), a influência crítica dos pais (à qual podemos somar a ameaça de castração) é que incita a formação do ideal do eu. É a renúncia à satisfação erótica motivada pela angústia de castração e pelo temor da perda do amor dos objetos (e não o abandono do objeto de desejo) que inserem o indivíduo no social. Estando as normas sociais instauradas no aparelho psíquico sob a forma de um ideal, o desprazer cobrado pelos ditames da moral social imprimirá a conotação desprazível aos

⁵⁵ Recordemos que isso ocorre pelo princípio fundamental de associação por simultaneidade, segundo o qual a Q teria a capacidade de ser transmitida de um neurônio ocupado para outro neurônio adjacente ocupado localizado após a barreira de contato.

⁵⁶ Já tratamos disso quando discorremos sobre os processos de identificação, sublimação e idealização.

intentos eróticos em relação à mãe e homicidas em relação ao pai. Portanto, “... a formação do ideal aumenta as exigências do eu e é o mais forte favorecedor da repressão” (Freud, 1914/2003, p.92). Talvez seja mais exato dizer que o que aumentam são as ameaças de desprazer para o aparelho, se as moções pulsionais forem satisfeitas sem a inibição pelo eu. A lei contra o incesto e o parricídio terá magnitude tal para a criança como geradores de desprazer que ela precisará abrir mão de seus intentos. Por amor às figuras parentais e por amor a si mesmo, abrirá mão do erótico em direção ao valorizado socialmente. Assim, é o conflito entre os ditames culturais e éticos que fazem com que as moções pulsionais libidinosas e hostis sucumbam à repressão. Tirar da consciência é o destino aceitável, se o que se busca é a evitação do desprazer. O ideal do eu dá a diretriz de quais prazeres são permitidos (por não ameaçarem o aparelho com desprazer; no sentido de ser prazer para os sistemas, não gerador de conflito) e quais prazeres devem ser rechaçados (por serem geradores de conflito, ou seja, prazer para um sistema e desprazer para outro).

O conflito entre o pulsional e o ideal move o aparelho, mais precisamente o eu, a acionar a repressão bem como a procurar formas substitutas de satisfação. Formas estas apropriadas socialmente, mas que ainda guardam elos associativos com os caminhos preferenciais de descarga: a sublimação. “A sublimação constitui aquela via de escape que permite cumprir essa exigência [o que está no ideal] sem dar lugar à repressão” (Freud, 1914/2003, p.92). Aquilo que após o acesso ao social/cultural é valorizado pelo indivíduo passará a orbitar como possibilidades de obtenção de satisfação por uma via dessexualizada. Valor e prazer estariam imbricados nos meandros da sublimação.

A partir da constituição do ideal do eu, pode haver coisas prazerosas mas não valorizadas, que serão objeto de recalçamento [repressão] ou condenação (consciente), assim como o ideal pode valorizar atividades que não são prazerosas. Poderíamos acrescentar que o campo sublimatório é o da realização que conjugaria o prazeroso com o valorizado (Hornstein, 1989, p. 208).

2.2.3.6. A imbricação entre o ideal do eu e o supereu: enlaces e desenlaces de uma [super]estrutura

Hornstein (1989) usa a expressão *supereu-ideal do eu* que parece-nos indicar a consideração destes como formando um sistema. Este autor destaca atribuições diversas aos dois conceitos: o ideal do eu encerraria o que o indivíduo deve ser e ter e o supereu “... as

determinações sobre o que não se deve fazer” (Hornstein, 1989, p. 208). Em nota de rodapé ao texto *Introdução do Narcisismo*, Strachey (1957/2003a) considera que o conceito de supereu se desenvolve a partir da combinação da consciência moral com o ideal do eu. Que relação podemos atribuir a estas duas estruturas tão entrelaçadas? Entendendo que o Ideal do Eu seja o núcleo ao redor do qual o Supereu se constituirá, o primeiro assume um papel fundador. Vimos pelo texto *Introdução do Narcisismo* que são as primeiras representações de objeto que compõem o Ideal do Eu e agregamos a informação presente em *O Eu e o Isso* que com a derrocada do complexo de Édipo um herdeiro é erigido em seu lugar, o qual passa a ocupar no aparato psíquico a função que os pais tinham de mediadores entre a criança e o meio social pela imposição da lei. Chegamos ao texto *A Dissecção da Personalidade Psíquica*, de 1933, no qual o Ideal é apresentado como uma função do Supereu, sendo as outras duas funções o julgar e o punir. Julgar e punir com que parâmetro? Parece-nos que o parâmetro seja o Ideal do Eu. Como nos diz Freud (1914/2003), é pelo Ideal que o Eu é medido pela consciência moral. Parece-nos que o que Freud chama de consciência moral em *Introdução do Narcisismo* e em *Luto e Melancolia* esteja encerrado nas funções de observar, julgar e punir, apresentadas no texto de 1933. Com estas poucas, mas cruciais, informações a respeito do Ideal do Eu em sua relação com o Supereu tentaremos avançar um pouco mais em nossa aproximação metapsicológica do problema.

No *Projeto*, os termos julgar e observar [pensar observador] tem lugar com conotações bem distintas, sobre os quais já discorremos na primeira seção deste capítulo. O julgar antecede o pensar observador. Pelo julgar é buscada identidade ou semelhança, ou ainda, é descartada a possibilidade de identidade entre uma percepção e uma representação de objeto. Encontrando-se semelhança entre as representações dá-se início ao processo de pensar, pelo qual caminhos são estabelecidos entre a representação de objeto e a representação perceptiva, de maneira que a identidade, que a princípio era parcial – a semelhança -, seja obtida. Aqui temos a busca por identidade entre meio interno (a representação de objeto instalada no aparato psíquico) e meio externo (a representação oriunda de uma percepção) visando a obtenção de satisfação, afinal, estamos tratando do modelo da fome. O isso é considerado por Freud (1923/2003a) como um mundo externo ao eu. E se pensarmos que, após a diferenciação do eu, o supereu também será um domínio externo ao eu? Se tomarmos os elementos aos quais o eu presta vassalagem, quais sejam o isso, o supereu e o mundo externo, como domínios alheios ao eu, daí podemos estabelecer um raciocínio análogo ao modelo da fome com relação às funções do Supereu. Vejamos: O Ideal do Eu que encerra as representações de

objeto de amor é tomado como caminho preferencial a ser percorrido, ou seja, é em relação à estas representações que se buscará identidade. O Eu será medido, julgado e nele será encontrado semelhança em relação ao Ideal, mas não identidade, afinal ele é fruto de identificações com os objetos. O Eu tentará estabelecer, pelo processo do pensar, caminhos periféricos para atingir identidade com o Ideal. Mais uma vez temos de tratar dos processos que conduzem da semelhança à identidade. “Há dois processos envolvidos na transformação da semelhança em identidade. O primeiro envolve a comparação entre dois complexos, o perceptivo e o representativo; o segundo abarca o caminho neuronal que leva de *c* a *b*” (Gabbi Jr., 1995, p. 146). O primeiro processo indicado pelo autor pode ser atribuído à função de julgar do Supereu o qual será uma preparação para o eu acionar o processo de pensar. O eu terá de esforçar-se por atingir a identidade com o ideal; terá de estabelecer caminhos vicinais por percorrer em busca de alcançar o padrão que se encontra no ideal. Acontece que essa identidade será sempre parcial, o que será encontrado não ultrapassará o nível da semelhança – o processo de pensar falhará. A falha no pensar se dará pela impossibilidade de alcançar o padrão de identidade com as representações que se encontram no ideal, as quais, devemos lembrar, sofreram o processo de idealização. A função de julgamento tendo cumprido seu papel e na inviabilidade de conseguir identidade via processo de pensar, chegamos à função punitiva do supereu. Mas, punir a quem e por quê? Por não ser possível que se estabeleça identidade entre o Eu e o Ideal o primeiro será punido, visto que sem a identidade não poderá ocorrer o livre escoamento de quantidade. As satisfações obtidas serão sempre parciais e paliativas. As tentativas por encontrar caminhos alternativos que levem à identidade continuarão a ser empreendidos, mas (acreditamos) sem sucesso. Por não obter identidade com o ideal, o eu estará sempre a mercê dos reproches do supereu. Esses reproches servirão como indicativos para o eu de que a identidade não foi conseguida o que o conduzirá a novas tentativas, a novos percursos, a aquisição de novas complexificações no eu pelo processo de pensar.

O ditame “Você não é como seu pai e não pode ter as prerrogativas dele” é sempre colocado ante o Eu que se esforçará por cumprir o que está no Ideal. Cumprir o que está no Ideal pode ser entendido como equivaler o Eu com a representação idealizada das figuras parentais lá instauradas. Como vimos, a equivalência é utópica, mas a tentativa em conseguir atingir o modelo de Eu presente no Ideal move muitas das aquisições do indivíduo no meio social. Os caminhos colaterais que o Eu empreende para atingir a identidade com o Ideal lhe fornece possibilidades de intercâmbios com o social, por meio de figuras substitutas das

primeiras eleições de objeto que foram internalizadas pelos processos de idealização e identificação. Os caminhos marginais que o Eu percorre, encontrando no meio deles figuras outras que tenham identidade parcial com as que lhe servem de parâmetro – o Ideal do Eu –, permitem ligar quantidade pelos processos inibitórios do Eu e, na medida do possível, favorecem descargas parciais dessas quantidades com os objetos de amor substitutos. Como também salientamos, não apenas com objetos substitutos, mas com atividades substitutas (a sublimação).

CONCLUSÃO

... como forma de submetimento a uma Lei, o complexo de Édipo está para além da relação da criança com os pais e vice-versa, apontando para a interdição como condição básica para que possamos nos referir aos agrupamentos humanos (Rocha, 1996, p. 892).

Tentaremos nestas considerações finais fazer uma síntese geral do que discutimos neste trabalho, com vistas a levantar algumas considerações também para desenvolvimentos futuros. Traçamos um percurso desde o nascimento do bebê, passando pelas formas de satisfação auto-erótica e objetal, o conflito edípico, chegando à constituição do ideal do eu. Destacamos a influência da relação com o outro em todo este processo de evolução e diferenciação do eu como condição para a emergência e constituição do ideal do eu. Procuramos entender como as restrições impostas pelas figuras parentais à obtenção de satisfação contribuem, melhor ainda, conduzem à formação do ideal que modela a repressão e, em última instância, permite o ingresso do indivíduo no social.

O uso do texto do *Projeto* para auxiliar a leitura do conceito de Ideal do Eu na obra de Freud deu-nos uma nova perspectiva de aproximação. Levantamos hipóteses de trabalho sobre o conceito que não poderíamos ter pensado sem os parâmetros metapsicológicos que são delimitados neste texto. Pudemos lançar uma réstia de luz em algumas das obscuridades do conceito, ainda que sob a forma de suposições teóricas. Autores como Gabbi Jr. (1995) e Monzani (1989) já destacam a versatilidade desta obra como prenunciadora e articuladora de diversos conceitos tratados posteriormente por Freud. O que fizemos foi atentar para as pistas deixadas por estes autores experimentados no estudo da psicanálise freudiana e tentar fazer emergir do texto de 1895 possibilidades de entrelaçamento com conceitos forjados no decorrer da obra freudiana. Sabemos que não é possível emparelhar perfeitamente o modelo de aparelho físico-biológico do *Projeto* com os modelos de aparelho psíquico posteriores, não era essa nossa intenção, mas unicamente aproveitar as idéias lançadas pelo autor neste momento de elaboração da teoria, idéias estas que sofreram revisões e refinamentos conceituais, tarefa que nos pareceu render bons frutos.

No texto do *Projeto* é-nos apresentado um *grande ψ* que abarcaria as possibilidades de aparelho psíquico da Primeira bem como da Segunda Tópica, ou seja, pelas articulações entre operações e sistemas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente e as instâncias Isso, Eu e Supereu. Em outras palavras, nosso entendimento é o de que o modelo de aparelho apresentado no *Projeto* será retrabalhado e reelaborado por Freud na forma da Primeira e Segunda Tópicas. O esboço desse *grande ψ* nos dá subsídios para pensarmos seus desenvolvimentos teóricos na obra freudiana bem como nos [des]caminhos pelos quais o organismo humano trafega em direção a uma coesão, a um compor-se humano dotado de todas as prerrogativas que esse ser humano (biológico, físico e social) possui. São nas etapas atravessadas por uma organização, inicialmente (quando do nascimento) não mais que um rudimento de eu, que vão se definindo seus contornos, produzindo nele diferenciações, estruturando-o. Essa constituição gradativa do eu o conduzirá ao desfecho mais importante da história pessoal, aquela que incluirá o ser no humano naquilo que nos diferencia dos animais (ditos irracionais), a sociedade e a cultura: o Enigma da Esfinge, o desfecho edípico. Só um eu estruturado poderá sair [minimamente] ileso do “Decifra-me ou te devoro!”. Os caminhos que o eu trilhou, amparado pelo outro (aquele que realizada a ação específica e que está inserido na cultura), que conduziram o pequeno ser em formação desde o auto-erotismo passando pelo narcisismo até o amor objetal, são caminhos formativos, constitutivos de um eu, são a passagem de um eu fraco, rudimentar, a um eu dotado de funções secundárias. Todas essas aquisições do eu serão necessárias para a constituição do ser enquanto humano, serão o vislumbre de um desfecho edípico minimamente favorável ou, em última instância, a garantia de uma inclusão no social. Dentro da perspectiva do que apresentamos neste trabalho, pudemos levantar a esse respeito algumas considerações, ainda que preliminares. O direcionamento destas considerações tem como fundamento o Ideal do Eu como articulador do ser humano com a cultura.

Um fator a respeito do conceito de Ideal do eu que precisamos destacar é: o que desencadeia seu processo de constituição no indivíduo é a influência das figuras parentais. As vivências fundamentais começam por instalar no aparelho representações de objeto que serão buscadas como forma de alcançar satisfação. A impossibilidade de obter satisfação sem medida mesmo sem o amparo do meio, o que colocaria em risco a existência do indivíduo, leva à estruturação do eu. A construção desse eu estará ancorada no outro fundamental. Esse outro é um ser valorizado como um agente capaz de saciar e satisfazer as necessidades e desejos da criança. Por meio da identificação com essas figuras altamente valorizadas pela

criança, são internalizados códigos de conduta. Pelo assemelhar de seu eu com essas figuras de valência, as prerrogativas da vivência no meio social são transmitidas ao indivíduo em formação. Este as internaliza de modo a torná-las parte de seu alvo a atingir, o seu vir a ser. Estão inauguradas as condições mínimas que possibilitam a entrada do indivíduo na cultura. A este Ideal, constituído a partir das primeiras – e mais importantes – identificações do indivíduo, são agregadas outras possibilidades de identificações, outras figuras com as quais assemelhar-se. Nesta categoria entram aquelas outras figuras que o indivíduo venha a valorizar, como professores, autoridades, pessoas de prestígio, enfim toda uma gama de figuras que apresentem valores consonantes aos introjetados das figuras parentais.

A inserção do indivíduo no meio social é outro ponto importante a ser considerado dentro deste tema. O que possibilita que ele adentre a convivência em sociedade é a frustração, a incompatibilidade de obter satisfação sexual com seus progenitores e o conseqüente abandono, ou melhor, a renúncia do interesse sexual por essas figuras. Dá-se um processo da ordem de uma dessexualização das figuras parentais, o que caracteriza a dissolução do complexo de Édipo. A partir deste momento o indivíduo busca outras figuras – substitutas das primeiras – que sejam passíveis de serem amadas assim como o foram, outrora, as figuras parentais. Estas figuras precisam, como destacado acima, estar em harmonia – mesmo que parcial – com as características dos primeiros objetos introjetados. Isso implica que os objetos de amor substitutos (ao primeiro objeto de desejo) terão elos associativos a ele, estarão enlaçados à representação originária. Farão parte da rede complexificada do eu pelo contato com a realidade externa, a experiência dada no contato do eu com as percepções que chegam desde fora. As demais figuras de valência que o indivíduo editará, transformará em objetos durante sua existência serão um eco das primeiras figuras. Então, as ligações/relações entre os seres humanos será sempre determinada pelas figuras introjetadas pelo eu sob a forma de ideais.

Se tomarmos a elaboração conceitual apresentada por Freud em 1933, onde o Ideal do Eu ocupa uma das funções atribuídas ao supereu, fica inteligível que a repressão do complexo de Édipo seja sua tarefa, tal qual o autor descreve anos antes em *O Eu e o Isso*. A repressão do Édipo permitiria manter as figuras às quais se devota amor, só que agora por meio da identificação, a qual salvaguarda essas figuras internalizando-as. Tendo o indivíduo internalizado a figura dos pais e tendo-as por ideal este será o núcleo ao redor do qual orbitarão as demais figuras de autoridade do meio social que ele venha a internalizar. Este

agregado de figuras será, para o indivíduo, uma diretriz que norteará e, porque não dizer, cerceará as escolhas que ele fará, pois servirá de modelo a alcançar, modelo este firmado sobre seus primeiros objetos. O que quer dizer que será o ideal que dirá quais objetos são valorizados e quais terão de ser rejeitados pelo eu. O ideal permitirá que sejam eleitos objetos e atitudes (valorizadas na medida que podem conduzir à sublimação) com os quais obter satisfação. O indivíduo tendo estabelecido uma função de ideal, esta perdurará por toda a vida, e servirá para lhe indicar um caminho a percorrer, um alvo a atingir.

Levantamos também uma questão de temporalidade referente ao Ideal do Eu: sua realização se coloca sempre à frente do indivíduo, no futuro. É assim que as metas de vida são estabelecidas, pela busca em cumprir o que está em seu Ideal. Para tanto, o eu tem um guardião que o mede e o impele a cumprir esse ideal. O Supereu é o agente responsável que observa, julga e avalia os progressos do eu em direção à realização do ideal. Quanto mais o sujeito se aproxima deste ideal, da perfeição almejada, menos ferozmente o Supereu pressiona o eu para atingi-lo, e isso é sentido pelo indivíduo como adequação de si mesmo, gerando um aumento em sua auto-estima. Isto em função do indivíduo perceber-se como estando mais próximo daquela imagem onipotente que fazia de si mesmo no período narcísico, período no qual julgava-se detentor de toda a perfeição. Mas essa perfeição não pode ser atingida, ficando sempre algo por cumprir, algo por realizar. Assim, um dos fatores que impulsionam o indivíduo em suas realizações seria o Ideal do Eu. Neste sentido, poderíamos arriscar a dizer que o Ideal do Eu seria um gatilho para as aquisições sociais e culturais, por tornar valorizadas e, portanto, almejavéis metas não sexuais como promotoras de satisfação. Dentre estas aquisições poderíamos citar os avanços da ciência e das artes decorrentes da sublimação da pulsão.

Se dissemos que o cumprimento do ideal leva a satisfação, o sentimento de não alcançá-lo pode ser devastador para algumas pessoas. Esse sentimento de incapacidade de mover-se no presente e que é ampliado ao tempo futuro é gerador de sofrimento. A baixa na estimativa por si mesmo faz com que o indivíduo sofra com os reproches do Supereu. Um Supereu que tem por função impelir o indivíduo a cumprir o ideal será feroz com aquele que não o pode atingir. O sentimento de menos valia, de inferioridade, que vemos no dia a dia da clínica, que é nomeado como patologias do vazio, tem fortes raízes narcísicas. É decorrente de um eu expropriado de sua quantidade, de um eu simbolicamente empobrecido e, portanto, incapaz de obter ganhos substitutos. O que está no ideal é tão ardentemente almejado que esse

eu vê-se incapacitado em atingi-lo. Trata-se de um eu massacrado pela grandiosidade do ideal, oprimido pela libido objetual direcionada a um objeto quimérico que esvazia-o e, conseqüentemente, escraviza-o. A inviabilidade de retorno do investimento ao eu mantém o ideal cada vez mais distante e mais impalpável para o indivíduo, o que se concretiza nele como sentimento de desesperança e impotência com relação ao presente e ao futuro. Existe saída? Acreditamos, como Iray Carone (2007), que a saída está no indivíduo. Em estabelecer um eu detentor de suas funções, que possa utilizar-se do ideal como gatilho, um impulsor para suas conquistas no meio e não como caudilho. Um eu que permita ao indivíduo apropriar-se de formas outras de satisfação e não ficar aprisionado ao primeiro objeto. E neste caminho de [re]construção do eu, a clínica pode ser um lugar de conforto, mas também de confronto entre o real e o ideal. Um embate que pode levar o indivíduo a outras formas de ligação eu-objetos.

A finalidade deste trabalho era aplacar algumas poucas inquietações pertinentes ao conceito de Ideal do Eu na obra de Freud. Buscava-se aclarar algumas obscuridades, mas neste percurso foram levantadas hipóteses. Ao invés de respostas foram encontradas possibilidades, possibilidades e mais possibilidades. O que a princípio gerou angústia [de castração, temos de confessar], pela impotência ante a impenetrabilidade aparente aos domínios do conceito, que, de forma alguma pode ser apreendido dentro dos limites (inclusive temporais) deste trabalho, tornou-se em esperança. Esperança pela possibilidade de continuação, pelo movimento criativo que o conhecimento obtido acerca de alguns dos fundamentos da psicanálise freudiana e sua projeção no tempo futuro pode permitir. Se estamos falando em alcançar o ideal, que ele seria o modelo inatingível por sua inapreensibilidade, porque não dizer o mesmo deste tema? Apreensões parciais são boas, descortinam horizontes que a cada passo ficam mais próximos, ao menos próximos o suficiente para possibilitar novos olhares e aproximações. Afinal, do que é feita a ciência? A despeito da atmosfera pós-moderna, só podemos acreditar que é feita de perguntas, de enigmas a solucionar, de esforços pela busca da verdade por trás dos fenômenos (daí o caráter transfenomenal e contrafenomenal dessa atividade). “Só sei que nada sei”, como disse Sócrates. E se são as inquietações que movem a pesquisa, este trabalho deixa atrás de si muitas dúvidas pendentes, verdades por deslindar. Em outros termos, movimento por realizar. E, isto, sim, é a função do ideal, projetar-se no futuro como meta a atingir, mesmo que parcialmente, mesmo que provisoriamente. Percurso da ciência sim, mas também percurso de aquisições de um pesquisador que nada mais é do que um fragmento do corpo social. Assim sendo, não podemos pensar em aquisições pessoais, senão em agregar uma gota mais de

conhecimento (ou de insatisfação pelo pouco saber) ao meio acadêmico. Atingir a plenitude do conceito pode ser um ideal distante, longínquo, provavelmente quimérico. Mas o que seriam dos ideais se se pudesse alcançá-los? Poderia isso existir, um ideal atingível? Parece-nos que pensar em ideais palpáveis seria uma contradição em si mesma. Ideais como metas a atingir, ideais sociais ou pessoais, de uma nação, de um povo, tanto faz. Todos estes tem de beber de uma única fonte que é aquela que insere o indivíduo no meio social, aquela que conduz às aquisições culturais (nas quais incluímos a ciência como possibilidade sublimatória): o Ideal do Eu.

REFERÊNCIAS

- Bleichmar, Hugo. (1987). O discurso totalizante. Em *O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. (Trad. de Emilia de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur). 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 59-90.
- Carone, Iray. (2007). *Fascismo on air*: Seminários com Iray Carone proferido em 19/03/2007. Núcleo da ABRAPSO de Maringá – PR.
- Caropreso, Fátima & Simanke, Richard. (2009). Possível, viável, real: uma reconstrução do argumento freudiano para a justificação do inconsciente. *Psicanálise em Perspectiva*. 1ª Ed. Curitiba: Editora CVR. p. 99-120.
- Caropreso, Fátima & Simanke, Richard. (2009). A relação entre a consciência e a representação na metapsicologia: as múltiplas dimensões de um problema. *Psicanálise em Perspectiva*. 1ª Ed. Curitiba: Editora CVR. p. 121-154.
- Chasseguet-Smirgel, Janine. (1992). O Superego e o Ideal do Ego. Em: *O Ideal do Ego*. (Trad. de Francisco Vidal). Porto Alegre: Artes Médicas. p. 139-156.
- Discovery Channel. Santo Sudário (Documentário). Recuperado em 29 de junho de 2009 de <http://www.youtube.com/watch?v=n2j-mVvjw>.
- Dolto, Françoise. (1983). Prefácio. Em Monnoni, M. *A Primeira Entrevista em Psicanálise*. (trad. de Roberto Cortes de Lacerda). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Campus. p. 9-30.
- Freud, Sigmund. (1995). *Projeto de uma psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Jr., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, Sigmund. (2001). *Projecto de Psicología: Parte I – Plan general*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 8ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 1. p. 339-393. (Originalmente publicado em 1950)

Freud, Sigmund. (2003). *Tres Ensayos de Teoría Sexual*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 7. p. 109-224. (Originalmente publicado em 1905)

Freud, Sigmund. (2003). *Tótem y tabú*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 12. p. 1-164. (Originalmente publicado em 1913)

Freud, Sigmund. (2003). *Introducción del Narcisismo*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 71-98. (Originalmente publicado em 1914)

Freud, Sigmund. (2003a). *Pulsiones y Destinos de Pulsión*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 105-134. (Originalmente publicado em 1915)

Freud, Sigmund. (2003b). *La Represión*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 135-152. (Originalmente publicado em 1915)

Freud, Sigmund. (2003c). *Lo Inconsciente*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 153-213. (Originalmente publicado em 1915)

Freud, Sigmund. (2003a). *Duelo y Melancolía*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 235-255. (Originalmente publicado em 1917)

Freud, Sigmund. (2003b). Resistencia y Represión. Em *Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 16. p. 262-276. (Originalmente publicado em 1917)

Freud, Sigmund. (2003c). *Desarrollo Libidinal y Organizaciones Sexuales*. Em *Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 16. p. 292-308. (Originalmente publicado em 1917)

Freud, Sigmund. (2003d). La Teoría de la libido y el Narcisismo. Em *Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 16. p. 375-391. (Originalmente publicado em 1917)

Freud, Sigmund. (2003a). *El Yo y el Ello*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 19. p. 01-66. (Originalmente publicado em 1923)

Freud, Sigmund. (2003b). *La Organización Genital Infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 19, p. 141-149. (Originalmente publicado em 1923)

Freud, Sigmund. (2003). *El Sepultamiento Del Complejo de Édipo*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 9ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 19, p. 177-187. (Originalmente publicado em 1924)

Freud, Sigmund. (2003a). *Nota Sobre la "Pizarra Mágica"*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 9ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 19, p. 239-247. (Originalmente publicado em 1925)

Freud, Sigmund. (2003b). *La Negación*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 9ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 19. p. 249-257. (Originalmente publicado em 1925)

Freud, Sigmund. (2003). La Descomposición de la personalidad psíquica. Em *Nuevas Conferencias de introducción al psicoanálisis*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 22. p. 53-74. (Originalmente publicado em 1933)

Freud, Sigmund. (2004). Sobre la Psicología de los Procesos Oníricos. Em *La Interpretación de los Sueños*. Obras Completas. 2ª Ed. 9ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 5. p. 504-611. (Originalmente publicado em 1900)

Freud, Sigmund. (2004). *Puntualizaciones Psicoanalíticas Sobre um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides) Descrito Autobiográficamente*. Obras Completas. 2ª Edição. 8ª

reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 12. p. 1-76. (Originalmente publicado em 1911)

Freud, Sigmund. (2004). *Psicología de las Massas y Análisis del Yo*. Obras Completas. 2ª Edição. 8ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 18. p. 63-136. (Originalmente publicado em 1921)

Freud, Sigmund. (2004). *Inhibición, Síntoma y Angustia*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 20. p. 83-164. (Originalmente publicado em 1926)

Freud, Sigmund. (2004). *Dostoiévski y el Parricidio*. Obras Completas. 2ª Edição. 8ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 21. p. 171-194. (Originalmente publicado em 1928)

Freud, Sigmund. (2004). *Esquema del Psicoanálisis*. Obras Completas. 2ª Edição. 7ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 23. p. 135-209. (Originalmente publicado em 1940)

Gabbi Jr., O. F. (1995). Notas críticas sobre Entwurf Einer Psychologie. Em S. Freud, *Projeto de uma psicologia* (pp. 103-225). Rio de Janeiro: Imago.

Gelamo, Rodrigo. (2009). Sobre a constituição do sujeito em Freud. *Ensaio em Filosofia e Psicanálise*. Vitória: EDUFES. p. 313-333.

Green, Andre. (1988). Narcisismo Primário: Estrutura ou Estado? Em *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. (Trad. Claudia Berliner). São Paulo: Escuta. P.87-142.

Honda, Helio. (2009). *Entre ficcionalidade e objetivismo: o caso clínico como lugar de elaboração conceitual do material fático*. Conferência proferida no VII Congresso Nacional de Filosofia Contemporânea da PUCPR e III Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise em 10/11/2009. Curitiba: PUCPR.

Hornstein, Luis. (1989). *Introdução à Psicanálise*. (Trad. Maria Angela Santa Cruz). São Paulo: Escuta.

Laclaire, Serge. (2001). Pierre-Marie, o sobre el niño. Em *Matan a um niño: Ensayo sobre el narcisismo primário e la pulsión de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu. p. 9-28. (Trabalho original publicado em 1975).

- Laplanche, J. (1998). A angústia moral. In: *Problemáticas I: A angústia*. (Trad. de Álvaro Cabral). São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Álvaro Cabral. p.237-345.
- Laplanche & Pontalis. (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. (Trad. de Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- Marucco, Norberto. (1997). *The Oedipus Complex, Castration and the Fetish: a revisin of the psychoanalytic of sexuality*. London: Institute of Psycho-Analysis. n. 78. P. 351-355.
- Mezan, Renato. (1982). *Freud: a Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: editora da UNICAMP.
- Monzani, L. R. (2009). Totem e Tabu revisitado. Conferência proferida no VII Congresso Nacional de Filosofia Contemporânea da PUCPR e III Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise em 13/11/2009.
- Moreira, J. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: UERJ. Ano 9, n. 1. p. 230-244.
- Pereira, H. (1996). *Michaelis: pequeno dicionário espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- Raffaelli, R. (2007). Nota Sobre a Metapsicologia Freudiana. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*. Florianópolis. Volume 4 (1). p. 01-07. Em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/enterthesis/article/viewFile/890/10848>. Acessado em 26/11/2009.
- Rocha, F. (1996). A Sexualidade na Teoria e Prática Psicanalítica: Sobre o Complexo de Édipo e de Castração. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Volume XXX (4). p. 891-904.
- Rosa, D. (1996). Édipo e Cultura, Narcisismo e Culpa. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Volume XXX (4). p. 849-854.
- Schmidt, Gleisson. (2009). A teoria neuronal do *projeto de uma psicologia* (1895): uma introdução ao materialismo freudiano. *Psicanálise em Perspectiva*. 1ª Ed. Curitiba: Editora CVR. p. 155-171.
- Soria, A. C. (2009). O complexo de Édipo e a formação das instâncias psíquicas. *Ensaio em Filosofia e Psicanálise*. Vitória: EDUFES. p. 15-33.

Strachey, James. (2003). Nota Introdutoria a Tres Ensayos de Teoría Sexual. Em: Freud, Sigmund. *Tres Ensayos de Teoría Sexual*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 7. p. 111-116. (Originalmente publicado em 1953)

Strachey, James. (2003a). Nota Introdutoria a Introducción del Narcisismo. Em: Freud, S. (2003). *Introducción del Narcisismo*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 67-69. (Originalmente publicado em 1957)

Strachey, James. (2003b). Nota Introdutoria a La Represión. Em: Freud, S. *La Represión*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 137-139. (Originalmente publicado em 1957)

Strachey, James. (2003c). Nota Introdutoria a Pulsiones y destinos de pulsión. Em: Freud, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 107-112. (Originalmente publicado em 1957)

Strachey, James. (2003). Introducción a El Yo y el Ello. Em: Freud, S. *El Yo y el Ello*. Em Obras Completas. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu. p. 3-11. (Originalmente publicado em 1961)

Strachey, James. (2004). Introducción a Inhibición, Síntoma y Angustia. Em: Freud, S. (2004). *Inhibición, Síntoma y Angustia*. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). 2ª Edição. 10ª Reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 20. p. 73-82. (Originalmente publicado em 1959)

Strachey, James. (2004). Nota Introdutoria a Dostoievski y el Parricidio. Em: Freud, S. *Dostoievski y el Parricidio*. Obras Completas. 2ª Ed. 8ª reimpressão. Buenos Aires: Amorrortu, Volume 21. p. 173-174. (Originalmente publicado em 1961)

Thompson, F. Poem. Em <http://tichius.blogspot.com/2006/08/final-thoughts-continuation-of.html>. Acessado em 08/11/2009.